



BILIONÁRIOS
E BEBÊS

HARLEQUIN®
Desejo



Autora Best Seller do USA TODAY

CATHERINE MANN

INTENÇÕES HONRADAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Nada havia mudado.

Ele continuava totalmente enfeitiçado por Gabrielle. Aquilo já havia sido difícil antes, quando ela e Kevin eram noivos. Agora, porém, um simples olhar na direção dela fazia com que as lembranças de seu amigo morrendo voltassem à tona e revirassem as suas entranhas.

Hank precisava checar o estado de Gabrielle, conforme havia prometido a Kevin que faria, transmitir-lhe as últimas palavras de seu amigo, e então sairia da vida dela para sempre.

– Hank, o que você está fazendo aqui? – disse ela, arregalando os seus olhos cor de esmeralda.

Ele sentiu a mesma intensa consciência da presença dela que sentia toda vez que Gabrielle cruzava o seu caminho; a mesma atração que o havia incendiado por dentro na primeira vez em que ele a havia visto no baile do esquadrão.

Bastara um olhar na direção dela, com seu vestido azul-gelo para que cada célula do seu corpo gritasse “Minha!”. Segundos depois, Kevin se juntou a eles, apresentando-a como amor de sua vida. Aquelas células, porém, continuavam exigindo-a para si.

Querida leitora,

Estou emocionada por publicar um livro na série Bilionários e Bebês! Como mãe de quatro filhos, que já deixaram de ser criança há muito tempo, foi um prazer reviver os preciosos anos em que eram bebês. Muito obrigada a todos que me deram a oportunidade de publicar este livro. E aprecio muito as mensagens que meus leitores me mandam.

**Feliz leitura,
Catherine**

Catherine Mann
P.O. Box 6065, Navarre, FL 32566
www.CatherineMann.com
Facebook: Catherine Mann (author)
Twitter: CatherineMann1

Catherine Mann

INTENÇÕES HORADAS

Tradução
Dinah Kleve



2013

CAPÍTULO UM

Nova Orleans, Louisiana: Mardi Gras

– *L*AISSEZ *LES bons temps rouler!* Que tenha início a diversão!

A saudação reverberava na cabeça de Hank Renshaw Jr. enquanto ele avançava pela multidão que se amontoava na rua para ver o desfile de Carnaval. Seu humor, porém, não estava nem um pouco festivo.

Portava uma mensagem de seu melhor amigo, morto em combate, dez meses atrás, para a namorada dele, o que só fazia aumentar ainda mais a dor que já pesava em sua alma.

Determinado, ele seguiu em frente, um passo de cada vez, por entre os foliões adornados com chapéus de bobos da corte, máscaras e colares de contas coloridas. Os lampiões ardiam em meio à escuridão. O desfile avançava devagar ao som de uma potente banda de jazz que executava uma canção de Louis Armstrong enquanto colares, dobrões e até mesmo calcinhas rendadas choviam sobre o aglomerado de gente.

Não era surpreendente ver roupas de baixo voando de um lado para o outro. Nos anos anteriores, ele havia dirigido de Bossier City até Nova Orleans, só para participar do *Mardi Gras*. O povo daquela cidade festejava desde o fim de semana até a Terça-Feira Gorda, sem parar. A julgar pelas suas experiências anteriores, a noite só ficaria ainda mais tumultuada, à medida que a ingestão de álcool fosse aumentando. Em pouco tempo, as

peças começariam a solicitar os colares de contas, umas às outras, da maneira tradicional: levantando as blusas.

Uma vovozinha agitava as mãos no ar, mantendo a roupa no lugar, ao menos, por enquanto, e gritava para o rei de um dos grupos que desfilava sobre um carro alegórico, conduzindo um jacaré mecânico:

– Jogue alguma coisa para mim, senhor!

– *Que tenha início a diversão!* – gritou o rei, em resposta, num francês com forte sotaque cajun.

Hank deu a volta em torno de um reluzente lampião. Falava francês e espanhol fluentemente, tinha um alemão que dava para o gasto e arranhava chamorro por conta do tempo que seu pai havia sido lotado em Guam. Sempre jurara que não seguiria os passos dele. Seu pai havia sido um piloto, e Hank, um navegador.

Por fim, porém, ele acabara por escolher até a mesma aeronave que seu pai pilotara – uma B-52. Já não podia mais fugir do legado da família como suas duas irmãs haviam feito. Os Renshaws pertenciam à Força Aérea e ponto final. Eles a haviam servido por gerações, apesar dos bilhões adquiridos com seus investimentos.

Ele abriria mão de cada centavo se aquilo pudesse trazer o seu amigo de volta.

Sentindo um aperto no peito, Hank olhou para o número do restaurante diante dele. Faltava menos de um quarteirão para ele chegar ao apartamento de Gabrielle Ballard, localizado num sótão acima de uma loja de antiguidades, constatou ele, voltando a se lançar no caleidoscópio violeta, verde e dourado do *Mardi Gras*.

E então, em meio a um mínimo deslocamento da multidão, ele a avistou, envolta no brilho nebuloso da luz que iluminava a varanda de uma loja. Ou melhor, ele a viu de costas, tomando o caminho de casa.

Ela não parecia estar lá por conta do desfile, mas simplesmente voltando para casa, carregando mantimentos em uma mochila florida transpassada à sua frente e uma sacola de lona.

Apressando-se para alcançá-la, ele não duvidou, nem por um momento, de que a havia identificado corretamente. Havia reconhecido Gabrielle sem

nem mesmo ter visto o seu rosto. Aquilo beirava a pieguice, mas era verdade. Ele reconheceu a curva elegante de seu pescoço e o balanço de seu cabelo louro por sobre os ombros.

Apesar do fino suéter que escondia o seu corpo, não havia como não reconhecer o deslizar de suas longas pernas. Aquela mulher fazia com que uma simples calça de brim parecesse uma roupa de alta costura. Ela possuía um estilo europeu chique que dava indícios de sua dupla cidadania. O pai, do Exército dos EUA, havia se casado com uma alemã, e então, terminado a sua carreira numa base americana, no estrangeiro. Gabrielle havia vindo a Nova Orleans a fim de concluir os seus estudos universitários.

Sim, ele sabia tudo sobre Gabrielle Ballard, desde a sua história de vida até a curva dos seus quadris. Desejara-a diariamente durante todo um ano torturante antes de ele e Kevin embarcarem para longe. Seu único alívio era o fato de ela morar ao sul de Louisiana, e ele e seu amigo estarem lotados ao norte, de modo que Gabrielle só cruzara o seu caminho algumas poucas vezes por mês.

Independente disso, o estrito código de conduta entre os integrantes de uma mesma irmandade colocava um muro entre ele e Gabrielle que Hank não podia nem sequer sonhar em saltar. Ela era a noiva do seu melhor amigo, a namorada de Kevin. Pelo menos, fora, até Kevin morrer, dez meses atrás. Dois tiros de um atirador de tocaia, em uma fronteira, deram fim à vida de seu amigo.

Aquilo, porém, não tornava Gabrielle disponível, mas a transformava em uma obrigação para Hank.

Ela se virou de lado, ajeitando a faixa da mochila em que carregava as suas compras e a sacola de lona, para abrir caminho por entre um grupo de jovens em frente ao portão de ferro que separava a rua dos os degraus que conduziam ao seu apartamento. O rapaz agitou a caneca de plástico em sua mão e derramou cerveja no braço de Gabrielle.

Ela se retraiu bruscamente e esbarrou em outro farrista bêbado. Tentou, ainda, dar um passo à frente, mas o rapaz com a caneca bloqueou a sua passagem. Gabrielle segurou a mochila florida com mais força junto ao corpo, com uma expressão de medo estampada no rosto.

O instinto ainda bastante afiado de Hank devido às batalhas recentemente travadas advertiu-o de que as coisas estavam tomando proporções perigosas. Ele fechou a cara e abriu caminho por entre a multidão, o mais rápido que pôde, sem tirar os seus olhos dela, nem por um segundo sequer. O lampião a iluminava, formando um halo dourado em torno de seu cabelo dourado, um verdadeiro farol brilhante em meio a todo aquele caos.

Ela estava acuada em um canto de jardim, mas a calçada estava tão lotada e o barulho dos carros alegóricos, tão intenso, que seus eventuais pedidos de socorro jamais seriam ouvidos.

Hank cruzou os últimos poucos passos que o separavam da confusão que se abria diante dele e fechou a mão de ferro com firmeza em torno do ombro do idiota embriagado de cerveja.

– Deixe a moça passar.

– O que é isso?

O rapaz cambaleou para trás, com os olhos injetados de sangue, completamente desfocados.

O olhar de Gabrielle seguiu como um raio na direção do de Hank. Ela arfou. Seus olhos cor de esmeralda se arregalaram ao reconhecê-lo. Ele sentiu a mesma e intensa consciência da presença dela que sentia toda vez que Gabrielle cruzava o seu caminho; a mesma atração que o havia incendiado por dentro na primeira vez em que ele a havia visto no baile do esquadrão.

Bastara um olhar na direção dela, com seu vestido azul-gelo para que cada célula do seu corpo gritasse “Minha!”. Segundos depois, Kevin se juntou a eles, apresentando-a como amor de sua vida. Aquelas células, porém, continuavam exigindo-a para si.

O rapaz afastou a mão de Hank, praticamente exalando álcool de seus poros.

– Cuide de sua vida, amigo.

– Acho que não posso fazer isso – disse Hank, passando o braço em torno da cintura de Gabrielle, enrijecendo-se a fim de não se deixar afetar pela

suave sensação de tê-la contra si. – Ela está comigo e já está na hora de você arranjar outro lugar para assistir o desfile.

Os olhos do rapaz conseguiram se focar tempo suficiente na jaqueta de avião de Hank, o que, aparentemente, fez com que ele concluísse que enfrentar um rapaz treinado pelo Exército poderia não ser muito inteligente de sua parte. Ele ergueu as mãos, deixando entrever um colar de neon junto à gola da camiseta de mangas compridas de sua faculdade.

– Não sabia que o senhor tinha prioridade, Major. Sinto muito.

Major? Deus, parecia que ele havia entrado outro dia para as Forças Armadas, como tenente, e agora já se sentia um velho, embora estivesse apenas com 33 anos.

– Sem problemas, contanto que caia fora agora.

– É claro.

O rapaz se voltou para os amigos.

– Vamos circular, pessoal.

Hank os observou até que eles fossem tragados pela multidão, sem baixar a guarda enquanto avaliava a massa de pessoas alteradas.

– Hank? – chamou Gabrielle. – Como você me encontrou?

O som da voz dela dizendo o seu nome o envolveu como um laço de seda. Nada havia mudado. Ele continuava totalmente enfeitiçado por ela. Aquilo já havia sido difícil antes, quando ela e Kevin eram noivos. Agora, porém, um simples olhar na direção dela fazia com que as lembranças de seu amigo morrendo voltassem à tona e revirassem as suas entranhas.

Ele precisava checar o estado de Gabrielle, conforme havia prometido a Kevin que faria, transmitir-lhe as últimas palavras de seu amigo, e então sairia da vida dela para sempre.

– Você continua no mesmo endereço. Encontrá-la não foi nenhuma tarefa detetivesca – disse ele, conduzindo-a na direção ao portão de ferro.

Os olhos dele vagaram sobre o pequeno jardim, já conhecido, e a mesa de ferro forjado que ele havia visto pela primeira vez quando a deixara em casa com Kevin, dois anos atrás. Determinado a controlar os seus sentimentos, ele havia acompanhado o seu amigo em uma viagem de fim de semana até Big Easy.

Aquilo foi uma tortura do início ao fim.

– Vamos para o seu apartamento para que possamos conversar.

– O que está fazendo aqui? Eu não sabia que tinha voltado para os Estados Unidos.

Seu leve sotaque alemão lhe conferia um atrativo exótico.

Como se ela ainda precisasse de mais alguma coisa para desestabilizá-lo.

Meu Deus, ele era um veterano de 33 anos e ela o fazia se sentir como um colegial que havia acabado de ver a nova gata da sala.

Ele admirou os olhos verdes brilhantes dela, as maçãs altas de seu rosto e o queixo delicado que conferia um formato de coração ao seu rosto.

A sacola de lona verde pendia de um dos ombros dela e sua mochila com motivos florais transpassada no peito, apoiada no outro quadril, com a alça esticada por sobre o seu peito, entre os seus seios.

Seios mais fartos do que aqueles de que ele se lembrava.

Era melhor desviar o olhar dali.

– Estou aqui por sua causa.

O restante poderia esperar até eles entrarem. Ele a puxou mais para perto de si, e a mochila se interpôs entre ambos.

O que será que ela estava carregando ali?

Hank passou um dedo por sob a alça.

– Deixe-me levar isso para você.

– Não, obrigada – disse ela, curvando as mãos, protetoramente, sobre a delicada saliência.

Saliência? Talvez não se tratasse de mantimentos, afinal.

A mochila se remexeu.

Ele olhou novamente com atenção para a bolsa, e caiu em si. Meu Deus! Aquilo não era uma mochila. Ele já havia visto a sua irmã Darcy usar algo exatamente igual quando o seu filho e sua filha eram recém-nascidos. Não havia dúvida, Gabrielle estava usando um *sling*, e a julgar pelo pezinho que despontava de dentro dele, carregando um bebê consigo.

GABRIELLE SEMPRE sonhara em ser mãe. Suas bonecas sempre haviam sido as mais bem vestidas, melhor alimentadas e mais saudáveis de todo o seu

bairro.

Mal sabia ela o quão diferente seria a sua primeira incursão verdadeira no universo da maternidade.

Um filho sem pai.

Doente.

E agora, aquela desconcertante intervenção do passado, materializada em Hank Renshaw. De pé, diante dela, alto e de ombros largos, ele bloqueava o restante do mundo. Estava usando a sua jaqueta de couro de aviador devido ao frio, inesperadamente intenso para aquela noite, parecendo um herói de cinema.

Ela ainda não conseguia acreditar que ele estava ali.

Hank.

O Major Hank Renshaw Jr. estava na sua rua, em pleno *Mardi Gras*. Só mesmo a consulta com o pediatra a teria tirado de casa com o seu filho em meio àquele caos. Será que eles teriam se desencontrado se ele tivesse chegado alguns poucos minutos depois?

Ela não o via desde que... Seu coração tropeçou assim como havia ocorrido com os seus pés, há pouco. Ela não via Hank desde que se despedira de Kevin, no dia em que ambos haviam sido enviados para o Oriente Médio.

Por algum motivo que ela desconhecia, ele havia vindo visitá-la, agora, e por mais doloroso que fosse pensar em como ela deveria estar celebrando a volta de Kevin para casa, naquele momento, Hank não tinha culpa de nada. Ela só estava cansada e sensível. Deus, como ela odiava se sentir carente daquele jeito.

Mas, oh, como o cheiro de banho dele se sobrepunha ao cheiro nauseante de cerveja, suor e lembranças. Como seria fácil se apoiar em toda aquela força e proteção. Como seria fácil... e que força. Ela precisava ser forte. Havia lutado muito e durante muito tempo para se libertar da asfixiante proteção de sua família, há dois anos, para ir atrás de seu sonho de estudar nos Estados Unidos.

Ela era uma mãe solteira, de 26 anos, que podia e iria cuidar de si mesma e de seu filho, e que não precisava de nenhum homem que desviasse a sua

atenção do que tinha que fazer, nem que partisse o seu coração, especialmente agora.

A julgar pelo horror estampado no rosto de Hank, porém, ao olhar para o pezinho do seu bebê despontando do *sling*, ela não teria muito trabalho em se desvencilhar dele.

Gabrielle forjou um sorriso em seu rosto cansado.

– Oh, meu Deus, Hank, não acredito que é você. Vamos sair dessa confusão para que possamos ouvir um ao outro. Quando você voltou? Há quanto tempo está aqui?

– Voltei ontem para a base – respondeu ele, cuidadosamente, com uma pergunta que podia calar em seus olhos, voltada diretamente para o filho dela.

Ela ignorou as evidências. Preferia discutir aquele assunto longe dali, depois que tivesse conseguido se refazer minimamente do impacto de reencontrá-lo.

– Ontem? E já está aqui? Você deve estar bem mais cansado do que eu.

Tomando-a pelo cotovelo, com sua mão quente e forte, ele a conduziu em meio à multidão.

– Ver *you* estava no topo das minhas prioridades. Por que outro motivo eu estaria aqui?

O filho dela chutou a sua barriga, deixando-a ainda mais nervosa.

– Bem, é *Mardi Gras* – disse ela, enfiando a mão na bolsa de fraldas, à procura das chaves. – Achei que você tinha vindo para a festa, à procura de um pouco de diversão depois de sua baixa.

– Nada de descanso, nem de relaxamento. Estou aqui única e exclusivamente por sua causa.

– Você quer dizer, por causa de Kevin.

Era doloroso pronunciar o nome dele, mesmo dez meses após a sua morte.

Ela viu a mesma dor nos olhos de Hank. Que estranho vínculo eles compartilhavam, conectados por um homem morto.

Virando-se para esconder as lágrimas, ela enfiou a chave no portão de ferro forjado. As dobradiças rangeram. Hank bloqueou a passagem de

qualquer outra pessoa e entrou no estreito corredor com ela. Depois fechou o portão e se virou rapidamente, agarrando-a pelos braços.

Não ia deixar a pergunta estampada em seus olhos azuis, de aço, sem resposta.

– E como estou aqui por conta de Kevin, a pergunta é inevitável – disse ele, segurando o pezinho do bebê. – Quem é esse? Você está cuidando do bebê de alguma vizinha?

Lá se ia o plano dela de ganhar algum tempo para se recompor.

– Este é Max. Meu filho. – E estava doente, muito doente. Ela estremeceu de medo diante daquele pensamento, sentindo a cabeça latejar no mesmo ritmo da banda de jazz. – Qualquer outra pergunta terá que esperar até que tenhamos nos afastado deste barulho. Tive um longo dia e estou muito cansada.

Num impulso, Hank tomou a bolsa de fraldas dos ombros sobrecarregados dela, tirou sua jaqueta de couro e a colocou sobre ela, antes que Gabrielle tivesse tempo de dizer “não, obrigada”. Ela já havia usado a jaqueta de Kevin dezenas de vezes. Um casaco deveria ser igual ao outro, mas não era. O de Hank quase a engolia, envolvendo-a em seu calor e seu cheiro.

Kevin e Hank podiam ter servido juntos e pertencido à mesma tripulação de um B-52, mas seus temperamentos eram totalmente opostos. Kevin era todo sorridente e divertido, desviando-a de seus estudos, acenando-lhe com os prazeres que a vida podia proporcionar. Já Hank era mais... intenso.

Seus passos estáveis ecoaram por trás dela enquanto ela subia os degraus até o terceiro andar. Era muito bom poder contar com o apoio dele depois de um longo dia passado no hospital, enfrentando os seus medos e tomando decisões monumentais, sozinha. Ela remexeu em sua bolsa, à procura das chaves, e a jaqueta de Hank escorregou, expondo-a à brisa fria da noite. Atento, Hank pegou a jaqueta antes que ela caísse no chão.

Gabrielle abriu a porta, tirou os sapatos e jogou as chaves no carrinho de chá reformado que ficava junto à parede. Era um espaço amplo, de pé direito alto e chão de madeira, todo decorado com móveis de segunda mão comprados através de anúncios da rede de site Craigslist. Ela dormia num

loft, seis degraus acima. No canto destinado ao bebê ficava o único móvel novo de toda a casa, um berço de mogno coberto por uma roupa de cama azul com estampa de aviõezinhos.

Aquele studio lhe parecera perfeito quando ela decidira realizar o sonho de fazer o seu MBA, nos Estados Unidos. Desde o nascimento de Max, porém, o lugar estava ficando cada vez mais impraticável. Ela havia considerado os repetidos pedidos de seus pais para que voltasse para casa, mas fora forte. Tinha dinheiro guardado e um salário decente por conta de seus websites de design e poderia dar conta da situação.

Foi então que o seu mundo caiu. Seu filho precisou de uma cirurgia para corrigir um defeito no sistema digestório assim que nasceu, a fim de reparar um problema no piloro.

– Gabrielle...

A voz profundamente grave de Hank preencheu todo o recinto cavernoso, misturando-se com os ecos do desfile, lá fora, que fazia o chão de sua casa vibrar.

– Shhh.

Ela tirou o filho adormecido do *sling* e o acomodou em seu berço, dando pequenos tapinhas em suas costas até que ele voltasse a relaxar.

Depois acionou o móvel de aviões, acima do berço para que ele tocasse uma música infantil conhecida que encobrisse o barulho lá de baixo.

Ela se sentiu como uma leoa protegendo o seu filhote, algo mais forte do que qualquer outra coisa que já pudesse ter experimentado antes da chegada de Max.

Depois passou os dedos levemente pela penugem castanha que cobria a cabeça dele e beijou sua testa, inalando o doce cheirinho de xampu e talco de bebê. Ela seria capaz de fazer qualquer coisa pelo filho.

Qualquer coisa.

A fadiga desapareceu e foi substituída pela determinação. Ela puxou a fina cortina que separava o cantinho do bebê do restante do recinto e se voltou para Hank.

– Agora, podemos conversar. Max deve dormir por cerca de 20 minutos antes de comer outra vez.

Seu filho se alimentava em pequenas quantidades, várias vezes, devido ao estreitamento da passagem entre o seu estômago e intestino.

Sua esperança era a de que a próxima operação a que ele se submeteria reparasse o problema, permitindo que Max se desenvolvesse normalmente. Isso se o seu frágil bebê conseguisse sobreviver à cirurgia.

Hank pousou a bolsa de fraldas na mesa de pinho, toda marcada, que ficava perto da cozinha, e colocou sua jaqueta nas costas de uma cadeira.

– Ele é filho de Kevin?

Aquela pergunta a pegou desprevenida, fazendo com que ela se virasse bruscamente para encará-lo. Havia esperado por tudo, menos aquilo. A dúvida estampada no rosto duro dele a magoara mais do que ela estava disposta a admitir.

Imagens de uma época mais feliz a tomaram repentinamente de assalto, atormentando-a com as lembranças de tudo o que ela havia perdido. A cumplicidade de ambos para conter os arroubos de Kevin, sempre mais impulsivo, ajudando-a a vencê-lo, quando jogavam juntos...

– Hank, você me conhece. – Ao menos ela achava que sim. – Precisa mesmo me perguntar uma coisa dessas?

– Tenho experiência com bebês. Minhas irmãs e cunhados têm um filho atrás do outro e já cuidei de muitos deles. Seu menino parece um recém-nascido e já faz doze meses desde que nós partimos. – Ele balançou a cabeça e agarrou a parte de trás da cadeira com força. – As contas não batem.

A raiva de Gabrielle aumentou ainda mais, apesar de ele estar certo a respeito do tamanho de seu filho.

– Você acha que sabe de tudo, não é? Acredita realmente que eu trairia Kevin?

Se bem que ela o havia feito, ainda que apenas em pensamentos.

– Você não seria a primeira mulher a encontrar um novo homem depois de o seu ter sido mandado para longe pelas Forças Armadas.

– Mas eu não o fiz. – Ela cruzou os braços com força. Estivera excessivamente confusa para sequer considerar a hipótese de olhar para outro homem. – Max é pequeno porque tem estenose pilórica, um problema no sistema digestório que terá que ser reparado cirurgicamente.

Um arrepio de medo percorreu a espinha dela, obrigando-a a se apoiar na penteadeira onde se amontoavam todos os seus livros e material de estudo.

A raiva desapareceu, como que por encanto, do rosto dele, e sua testa se franziu. Hank fez um gesto na direção dela, mas conteve, envergonhado, o impulso de tomar o rosto dela em suas mãos.

– Sinto muito, Gabrielle. O que posso fazer para ajudá-la? Procurar especialistas? Conseguir dinheiro?

Ela o deteve, sentindo a empatia ameaçar desfazer o seu tênue controle.

– Posso arcar com as necessidades médicas de Max. Tenho um plano de saúde. Você não vai precisar dos seus especialistas para checar disfarçadamente a idade dele – disse ela, incapaz de conter a desconfiança diante de sua oferta. – A data de nascimento dele consta nos registros do cartório. Ele nasceu oito meses depois que você e Kevin partiram. Max tem quatro meses.

– Isso quer dizer que você já estava no terceiro mês de gravidez quando ele foi morto. Você não sabia que estava esperando um bebê quando Kevin morreu?

Ela engoliu em seco. Não podia negar aquilo. Estaria mentindo por omissão.

– Sabia.

– E por que não lhe disse nada antes?

Como ele ousava se posicionar daquele jeito, diante dela, tão bonito, tão honrado e *vivo*? Gabrielle deixou a tristeza de lado e encontrou uma válvula de escape através da raiva.

– Vocês dois podem ter sido muito bons amigos, mas os meus motivos não são da sua conta.

O maxilar de Hank enrijeceu e ele passou a mão pelo seu cabelo escovinha.

– Você tem razão.

Aquilo fez a raiva dela ceder. Como poderia lhe explicar o que acontecera, então, quando todas as suas razões pareciam tolas até aos seus próprios ouvidos, agora? Ela havia ficado assustada, confusa, e postergara tanto a decisão de dar a notícia a Kevin a ponto de ter ficado tarde demais. Será que

ele teria sido mais cauteloso se soubesse que ia ser pai? Não havia como responder àquela pergunta. Ela teria que conviver com a dúvida e a culpa pelo resto de sua vida.

Gabrielle pegou a jaqueta de Hank e a atirou na direção dele.

– Você já veio ver como eu estava. Pode considerar a sua obrigação para com o seu amigo cumprida. É melhor ir embora agora. Já está tarde e você deve estar exausto da viagem. Para ser honesta, eu tive um longo dia, sem tempo, sequer, para comer.

Um dia estressante depois de uma noite exaustiva amamentando Max a cada duas horas.

Ela pressionou a jaqueta contra o peito dele.

– Foi muito bom revê-lo. Boa noite.

Hank fechou a sua mão sobre a dela.

– Estou aqui para ver como você está, conforme prometi a Kevin, e, aparentemente, fiz muito bem em ter voltado. Ele teria garantido o sustento de seu filho. Certamente, desejaria que ele morasse em um apartamento com mais de um único cômodo.

Gabrielle jogou a cabeça para trás diante daquele insulto.

– Vamos voltar a falar de dinheiro, é isso? Eu não me lembro de você ter sido tão rude assim antes.

– Nem eu me lembro de você ter agido tão defensivamente.

– Posso não ter o mesmo dinheiro que os Renshaw, nem as suas conexões políticas, mas trabalho duro para sustentar o meu filho, e por acaso, acho que estou me saindo muito bem.

A raiva e frustração lançaram ainda mais adrenalina em suas veias, e ela começou a sentir um formigamento em sua pele devido à extrema consciência da presença de Hank, até ela se dar conta... Ele ainda estava com a mão sobre a dela.

O contato de sua pele com a dela fez com que o calor dele se infiltrasse no medo que a vinha congelando por tanto tempo, a ponto de ela achar que nada mais poderia afugentá-lo. Seu corpo exausto crepitava, agitado por lembranças e aquecido por algo que ela já não sentia há muito, muito tempo.

Desejo.

Uma chama aqueceu os olhos de Hank por um segundo, antes que a sua expressão voltasse a se neutralizar.

– Deixe que eu peça algo para comermos como forma de me desculpar por minha indelicadeza.

– Jantar? Com você?

Ela não compartilhava uma refeição com ele desde dois dias antes de sua partida.

Desde a noite em que havia beijado Hank Renshaw.

CAPÍTULO DOIS

HANK VIU a lembrança daquele único beijo refletida nos olhos de Gabrielle. Um momento de fraqueza que o havia perseguido até aquele dia, matando-o de culpa.

Ela havia dirigido até a base dele, em Bossier City, para se despedir de Kevin. Os três tinham planejado almoçar juntos. Na última hora, porém, tivera uma discussão com Kevin e ele a consolara. Trouxera hambúrgueres para ela e a ouvira desabafar. Abraçara-a com força quando ela começara a chorar, e então...

Droga. Ele ainda não sabia quem tinha tomado a iniciativa do beijo, mas se culpava pelo que havia acontecido. O código de honra entre amigos ordenava que ele honrasse a memória de Kevin dessa vez.

A testa de Gabrielle se franziu ainda mais.

– E quem vai entregar um jantar em pleno *Mardi Gras*?

– Podemos ir a algum lugar se você preferir. Deve haver uma entrada dos fundos, nesse prédio – prosseguiu ele, para impedir que ela o expulsasse dali.

– Podemos acomodar o menino e ir para algum lugar tranquilo. Ele não vai conseguir dormir mesmo, com todo esse barulho.

– Essa região é muito barulhenta. Ele já está acostumado.

– Então vamos pedir alguma coisa – disse ele, jogando a jaqueta sobre uma cadeira.

– O que nos traz de volta à pergunta inicial. Quem vai entregar alguma coisa aqui, agora?

Ele nem se deu ao trabalho de responder o óbvio.

Ela suspirou.

– A influência dos Renshaw.

Influência? Aquilo era um eufemismo.

– Acho que até eu entregaria uma refeição nesta bagunça, por um bom dinheiro.

Ela ergueu as mãos.

– Mas você está indo embora.

Ele tirou o iPhone do bolso, como se ela não tivesse dito coisa alguma.

– O que você quer comer? Ora, vamos. Passei um ano comendo coisas horríveis. Escolha alguma coisa de rápido preparo e não perca o seu tempo recusando. Você está com fome e eu também. Por que discutir?

Ela o avaliou, ainda indecisa. Era teimosa e determinada, mas ele também.

Por fim, ela assentiu, parecendo relaxar minimamente.

– Alguma coisa simples, nada picante.

– Em Nova Orleans?

O som doce da risada dela o atravessou, exatamente como antes. Ele havia se iludido ao achar que sua memória havia exagerado a sua reação a ela.

Lá estava ele, completamente enganchando. Seria capaz de realizar o que quer que ela desejasse. Ele teclou o número de um restaurante francês que sua madrasta frequentava e fez o pedido no estabelecimento cinco estrelas. A nova esposa de seu pai dera um caráter político à sua família, e políticos precisavam de privacidade.

– Pronto. Eles chegarão daqui a meia hora.

Ela pousou as mãos sobre a jaqueta dele, enroscado os dedos no couro.

– Obrigada, isso foi muito gentil da sua parte.

– Quer dizer que estou perdoado por ter perguntado a respeito do pai de Max?

Aquela resposta era muito importante para ele. Demais até. O jazz, gritos e trombetas soavam lá de baixo, preenchendo o pesado silêncio.

– Perdoado. – Ela assentiu, enterrando os dedos mais fundo no casaco. – Você é um homem bom. Eu sei disso. Só é um pouco teimoso e mandão.

– Sou mesmo. – Aquela era a única maneira que ele havia encontrado de abrir o seu próprio caminho naquela família obstinada, repleta de pessoas bem-sucedidas. – Mas você está cansada e com fome. Deixe que eu assumo um pouco o comando.

– Estou tão bem assim?

Ela revirou os olhos ao passar por ele e se jogou numa poltrona.

Enroscada, com suas longas pernas cruzadas sob o seu corpo, ela estava... linda, vulnerável. Ele quis beijá-la e envolvê-la em seda ao mesmo tempo, o que ela já havia deixado bem claro que não queria que ele fizesse.

Portanto, ele garantiria a alimentação dela, e com sorte, nesse meio-tempo, descobriria por que ela estava com olheiras que pareciam mais profundas do que aquelas por falta de sono. Ele se agachou diante dela.

– Você parece a mãe de um bebê ainda muito novinho que não tem podido descansar direito.

E parecia também uma mulher ainda enlutada.

Ela manteve os olhos na turva silhueta por trás da rede de proteção contra mosquitos do berço.

– Ele tem que comer com mais frequência, em quantidades menores, para conseguir reter algum nutriente.

Não havia como não notar a dor e o medo em sua voz.

Aquilo não tinha nada a ver com ele, nem com Kevin, mas apenas com seu filho.

– Quando foi que eles diagnosticaram o problema?

– Nós suspeitamos de que havia alguma coisa errada no check-up da sexta semana. – Ela ajeitou uma foto emoldurada de Kevin, recém-nascido, com uma toquinha azul. – Ele não estava ganhando peso como deveria. Quando ele completou dois meses, os médicos tiveram certeza. Desde então, procuramos manter um frágil equilíbrio, tentando fazer com que ele fique suficientemente forte para aguentar a cirurgia.

A cada palavra dela, ele ficava mais convencido de que havia feito a coisa certa ao ir até lá. Ela precisava dele.

– Deve ser muito assustador enfrentar isso sozinha. A sua família está fora?

– Eles vieram para o nascimento dele. Não podem se ausentar por muito tempo do trabalho e eu moro muito longe deles. – Ela recolocou a foto no lugar e voltou a cruzar os braços, com força. – Eles me chamaram para voltar a morar com eles, mas eu tinha que terminar a faculdade. Já consegui estabelecer uma rotina aqui, entre as visitas aos médicos e o meu trabalho.

– Como você está conseguindo manter um trabalho, os estudos e os cuidados para com o bebê?

– Eu trabalho como web designer para algumas firmas... É algo que posso fazer de casa. Metade das minhas aulas são on-line. Max passa muito pouco tempo com uma babá, uma senhora já de mais idade que trabalha por meio período na loja de antiguidades, aqui embaixo. Ela fica com ele quando eu preciso sair. Tenho sorte.

Sorte? Uma mãe solteira se acabando para cuidar de um bebê doente se considerava uma pessoa de *sorte*? Ou será que ela era tão independente que se recusava a admitir que estava tendo que aguentar demais?

– E quanto à família de *Kevin*? Eles estão ajudando?

Ela ergueu o queixo.

– Eles não querem saber de Max. Dizem que ele é uma lembrança dolorosa demais do filho que eles perderam.

Hank deveria ter imaginado. Havia estado uma única vez com a família de Kevin e eles haviam lhe parecido bem mais envolvidos com as suas próprias férias do que com o seu filho. Era mais provável que estivessem ignorando Max porque ele interferia nos seus planos de aposentadoria.

– Pelo menos, Max pode contar com o dinheiro do seguro do pai dele.

Ela permaneceu em silêncio, remexendo nas franjas douradas de uma almofada.

Droga. Ele se empertigou.

– Eles deram o dinheiro a ele, não é? Ou, pelo menos, parte dele?

– Kevin não sabia da existência de Max. – Ela cruzou as mãos cuidadosamente sobre os joelhos. – Os pais de Kevin constavam como seus beneficiários.

– Vou falar com eles. Mesmo que eles não se convençam sozinhos, não será difícil contestar isso em...

– Meu filho e eu estamos nos virando muito bem sem o dinheiro deles.

Ele compreendia muito bem o orgulho dela e sua necessidade de fazer as coisas do seu próprio jeito, o que o tornava a pessoa perfeita para ajudá-la.

– Você está fazendo um trabalho admirável. Só quis dizer que não é nada fácil.

– “Nada fácil” é um senhor eufemismo.

– E quanto aos seus pais?

– Achei que já tínhamos nos entendido a esse respeito. Eu estou bem.

– Ninguém deveria carregar um fardo tão pesado sozinho. Eu me lembro de Kevin ter dito que seus pais eram boas pessoas.

Embora vivessem a milhas de distância, na Alemanha.

– Eles são, e cheguei a considerar a possibilidade de voltar para casa quando descobri que estava grávida. Mas já estava atolada nos meus estudos quando soube de Max. As coisas estão mais difíceis agora, mas tenho que me formar para dar um bom futuro ao meu filho.

– E quanto a essas olheiras...?

– Dormirei depois que Max tiver feito a cirurgia, pois então, ele não terá mais fome o tempo todo. Ele ficará feliz e contente... – Seus olhos se encheram de lágrimas. – Tenho que acreditar que ele vai ficar bem.

As lágrimas dela o desmontaram como haviam feito um ano atrás. Ele se levantou do sofá e se agachou diante dela. Tomou as mãos dela nas suas, aquelas mãos macias que um dia haviam se enterrado no cabelo dele e então afagado as suas costas.

Só que agora aquelas unhas estavam roídas de preocupação.

Ele tinha que dar um jeito naquilo. Não podia permitir que ela continuasse dando conta de tudo sozinha, sem a ajuda de ninguém.

– Foi por isso que você não voltou para a casa dos seus pais, não é? Quando descobriu que ele estava doente, mudar para outro país...

– Eu não suportaria recomeçar todo o processo com outros médicos e perder semanas preciosas, nem mesmo dias. Nós estamos aqui, e vamos vencer esta batalha.

Ele apertou as mãos dela.

– Mas você não precisa passar por isso sozinha. Só preciso partir daqui a duas semanas. Vou ficar em Nova Orleans e ser um pai substituto para Max. Devo isso a Kevin.

UM PAI substituto?

Gabrielle congelou por dentro. E por fora. Não conseguia se mover, nem dizer coisa alguma. Mal havia se recuperado do choque com a aparição inesperada de Hank e agora ele dizia que queria substituir Kevin, de alguma forma, na vida de Max?

Devia haver algo mais por trás de tudo aquilo. Ela já havia ouvido falar na culpa dos sobreviventes. Aquilo não era nada saudável para ele, nem para ela.

– Hank, não sei o que você está tentando fazer, mas Max já tem um pai e ele está morto.

Ele a segurou com mais força.

– acredite-me, ninguém sabe disso melhor do que eu – disse ele, engolindo em seco. – Eu estava lá.

Oh, meu Deus!

– Quando ele morreu?

– Sim...

Ele a soltou, baixou a cabeça e olhou para as mãos entrelaçadas de ambos, expondo a forte coluna de seu pescoço. Os olhos dela se detiveram no corte de cabelo militar, e por mais estranho que pudesse parecer, ela ansiou por tocá-lo ali, acariciá-lo e confortá-lo. Se apoiar nele e deixar que ele se apoiasse nela também. Ambos haviam sofrido a perda de Kevin, e naquele exato momento, a dor os unia tão fortemente que fez toda a dor lancinante voltar à tona com força total.

Ela teve que usar de todo o seu autocontrole para não tocá-lo, pois aquilo acabaria fazendo com que ela desatasse a chorar em seu peito. Suas lágrimas não derramadas já o haviam feito vir até ela... e da outra vez em que ela havia chorado ao seu lado, eles haviam traído o homem de quem ambos tanto gostavam.

– Tentei ligar para você de lá, algumas vezes, mas as oportunidades de fazê-lo eram poucas e muito esparsas.

– Eu recebi os recados – sussurrou ela.

Ele ergueu a cabeça abruptamente.

– E não respondeu?

Ouvir a voz dele naqueles recados havia sido como jogar álcool sobre as próprias feridas.

– Era doloroso demais. – E o que dizer da presença dele, ali, agora? Ela não sabia o que estava sentindo. – Achei que ouvir a minha voz seria tão difícil para você quanto havia sido para mim, ouvir a sua.

– Ainda se sente assim?

Ele fixou os seus olhos azuis profundos nos dela, esperando, perguntando. Ela não tinha as respostas e sua vida já era suficientemente assustadora com a perspectiva da cirurgia de Max. Ela olhou para as suas mãos entrelaçadas. Meu Deus! Há quanto tempo estavam assim?

Ela retraiu os seus braços e os cruzou novamente sobre o peito.

– O que está fazendo aqui, Hank? Por acaso, quer retomar as coisas de onde paramos, depois daquele beijo, agora que Kevin se foi? Porque você tem que perceber que aquilo foi um erro.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– Se precisa me perguntar uma coisa dessas, você realmente não me conhece. Eu estava falando muito sério. Só quero ajudar o filho de Kevin.

– Mas você não sabia a respeito da existência de Max quando chegou.

E por que ela não havia pensado naquilo até agora?

– *O que* você está fazendo aqui?

Ele se levantou e começou a andar de um lado para o outro naquele espaço que ela havia decorado com tantos planos em mente e tanta esperança, uma mistura de suas duas raízes.

Foi então que ela conheceu Kevin e achou que havia, finalmente, encontrado as suas próprias raízes, uma sensação de pertencimento.

As pernas longas e fortes de Hank ainda cruzaram o pequeno apartamento algumas vezes antes de ele se virar para encará-la.

– Kevin queria que eu lhe transmitisse uma mensagem.

– Uma mensagem?

Ela sentiu um arrepio percorrer toda a sua pele até alcançar a raiz de seus cabelos.

– Eu estava falando sério quando disse que estava com Kevin, quando ele morreu. – Hank enrijeceu. – Permaneci ao lado dele até o fim.

Ela se levantou, preparando-se para o que quer que ele tivesse para compartilhar, para as palavras que a poderiam trazer de volta à angústia que ela havia sentido quando Kevin morreu, quando ela dera à luz o seu filho, sozinha.

– O que ele disse?

– Ele disse que havia nos perdoado.

CAPÍTULO TRÊS

GABRIELLE PARECIA tão atônita quanto Hank ficara ao ouvir aquelas palavras diretamente de Kevin. A lembrança daquela noite infernal, na fronteira, quando eles haviam sofrido a emboscada, voltou à sua mente. O cheiro de pólvora e de morte, e então Kevin dissera o impensável.

Que ele sabia o que Hank e Gabrielle sentiam um pelo outro.

Ela abriu e fechou a boca logo em seguida, diversas vezes, mas sem conseguir emitir palavra alguma. Ela apertou a mão contra os lábios e deu as costas a Hank.

Ele teve vontade de tocá-la, confortá-la. Fazer alguma coisa... já que parecia não conseguir encontrar as palavras certas. Ele não fazia o tipo caloroso e afetuoso. Era um homem de ação.

Um gritinho atrás deles o deteve pouco antes de ele tomar uma iniciativa.

– Max – disse Gabrielle, arfante, passando apressadamente por ele.

Ela afastou a rede e tirou o filho do berço. O menino era tão magrinho. Assustadoramente pequeno. A enormidade de imaginar aquele pequeno ser sendo cortado por um bisturi tirou o fôlego de Hank e fez aflorar os seus instintos de proteção ao mesmo tempo.

Ela aninhou Max em seu ombro e deu alguns tapinhas em suas costas.

– Preciso alimentá-lo e trocá-lo.

– Está bem. O que posso fazer para ajudar? Já tenho alguma experiência, depois de todos esses sobrinhos.

– A menos que esteja produzindo leite, acho que não há nada que você possa fazer.

Oh, ela estava falando em amamentação!

Ele tirou a sua jaqueta da cadeira.

– Vou esperar pela entrega do jantar, lá embaixo.

ELA EMBALOU o bebê suavemente em seu ombro enquanto o choro ia ficando cada vez mais alto e mais insistente.

– A entrada dos fundos fica na outra ponta do jardim. Pegue as chaves no carrinho de chá ao sair.

– Entendido. Voltarei daqui a 20 minutos.

Assim que fechou a porta atrás de si, ele adentrou novamente na bagunça do *Mardi Gras*. O final do desfile despontava a distância, seguido por uma multidão que já começava a se dispersar. Ele juntou alguns colares de contas e uma máscara de penas que deveriam ter sido lançadas por sobre o portão.

Ele quis tirá-la de lá e levá-la para um lugar mais seguro. Ela já tinha bastante coisa com o que se preocupar para ainda temer que alguém escalasse aquela cerca na calada da noite.

Ele contornou a mesa de ferro redonda e cadeiras, decorada com alguns potes de plantas e samambaias penduradas. Muito bonito, mas nem um pouco seguro. Olhou depois para o corredor mal iluminado, igualmente mal impressionado. Ele precisava fazer alguma coisa àquele respeito.

Ao chegar ao portão dos fundos, ele se apoiou no muro de tijolos a fim de esperar, pegou o celular e ligou para o mais novo de seus quatro meio-irmãos que trabalhava com restaurações de casas históricas e até mesmo alguns castelos.

– E aí, estrangeiro – disse Jonah Landis, atendendo de sabe-se lá que lugar do mundo. – Bem-vindo de volta.

– Obrigado, é bom estar de volta.

Ou, pelo menos, seria, assim que ele conseguisse colocar as coisas em ordem. Ele precisava acalmar o que sentia por Gabrielle e encontrar um modo de se livrar da culpa.

– Quanto tempo ficará livre até a base chamá-lo de volta dessa vez?

– Para falar a verdade, é por isso que eu estou ligando. Vim visitar uma amiga em Nova Orleans, e queria que você conseguisse um lugar para eu ficar.

– Quais são as suas exigências?

Exigências? Privacidade acima de tudo. Seu pai era um general aposentado que agora servia como correspondente para assuntos militares em uma grande rede de TV a cabo. Sua madrasta, Ginger Landis Renshaw, havia sido Secretária de Estado, e agora era embaixadora. Ele não havia crescido com aquele tipo de influência, e mesmo depois de sua família ter virado celebridade, levava uma vida espartana, poupando a maior parte de seus ganhos e investindo muito bem. Nem mesmo sua família conhecia o montante de seu verdadeiro patrimônio.

Ele precisava de um lugar em que Max pudesse se recuperar da cirurgia e onde Gabrielle pudesse contar com alguma ajuda antes que desabasse tentando dar conta de tudo sozinha.

– Jonah, você havia mencionado uma renovação, aqui em Nova Orleans, pouco antes de eu partir.

– Isso mesmo. Uma mansão histórica, em Garden District, que foi destruída por um furacão. Já está tudo pronto, com sistema de segurança instalado e alguns móveis, a fim de ajudar os possíveis compradores a imaginarem como seria morar por lá.

Aquilo parecia perfeito.

– Acha que pode tirá-la do mercado por algumas semanas?

– Fechado. O que é meu é seu.

– Estou falando de negócios. Pretendo pagar por isso.

– Ah, sinceramente, mano. Por que ligou para mim, então? Qualquer funcionário da mamãe poderia ter lhe providenciado um lugar discreto onde passar alguns dias.

Era mais fácil dizer a verdade.

– Ginger acabaria sabendo e me faria muitas perguntas...

– Há uma mulher envolvida nessa história, não é?

Ele não precisava negá-lo a Jonah, mas bastaria que sua madrasta ficasse sabendo do bebê para que a Vovó Ginger viesse correndo a Nova Orleans.

– Quero que isso fique entre nós, por enquanto. A última coisa de que preciso é a imprensa ou a família na minha cola.

– Entendido. Posso mandar o corretor lhe entregar as chaves agora mesmo.

– Não há necessidade de estragar o *Mardi Gras* de ninguém. Eu mesmo as pegarei, amanhã. Muito obrigado pela ajuda.

– Somos uma família, ainda que você se esconda de nós a maior parte do tempo.

Era verdade. Eles eram mesmo uma família, ainda que formada por conta do segundo casamento de seu pai com Ginger, a mãe dele, depois que seus respectivos cônjuges faleceram. Hank olhou para a escada de ferro junto à porta que conduzia ao apartamento de Gabrielle. Ela precisava da sua ajuda, assim como Ginger e Hank Sr. haviam precisado com seus filhos. Eles haviam se voltado um para o outro, em vez de continuarem sozinhos. Era para isso que serviam os amigos.

Ele estava decidido a fazer o mesmo por Gabrielle, quer ela desejasse a sua ajuda ou não.

GABRIELLE ARRANCOU a roupa rapidamente e jogou tudo no cesto da lavanderia, batendo o joelho no tanque. Ela conteve um palavrão, pulando sobre um pé só, tentando não cair na banheira do banheiro do tamanho de um armário.

Hank poderia voltar a qualquer momento com o jantar e ela precisava se lavar depois de ter amamentado Max. Nenhum solteiro ia querer saber, nem sentir o cheiro de vômito de bebê.

Ela não tinha tempo para tomar uma ducha, mas podia pelo menos, jogar uma água no rosto e trocar de roupa. Não que estivesse preocupada com sua aparência por causa dele. Estava apenas animada por conta da primeira refeição de verdade que compartilharia com um adulto, desde o nascimento de Max. Sentindo-se tola e egoísta, ela teve que lembrar a si mesma que aquilo não era um encontro.

Ia apenas jantar com um antigo amigo.

Oh, meu Deus, ela estava horrível. Não havia água no mundo, nem escovas suficientes que pudessem mudar o fato de que era uma mãe solteira que usava sutiã para amamentação e colônia de bebê. Nada mudaria aquilo e ela não *queria* que nada mudasse, droga.

Ainda que Kevin, de algum modo, tivesse lhe dado permissão para que ela se apaixonasse pelo seu melhor amigo. Saber que ele estava a par do que estava acontecendo deixou a sua consciência ainda mais pesada.

Frustrada e já sem tempo, ela enfiou uma calça preta de lycra e passou uma camiseta comprida por cima da cabeça. Depois pegou um frasco de lavanda que havia comprado para o seu bebê por conta da fragrância, supostamente, tranquilizadora.

Naquela noite, era ela mesma quem precisava de um pouco de paz. Ela espirrou um pouco da lavanda pelo corpo e prendeu o cabelo num rabo de cavalo quando ouviu a porta da frente se abrir.

Tempo esgotado.

Ela sentiu o estômago revirar.

Não havia mais como se esquivar de Hank, nem daquele beijo, trocado tanto tempo atrás e do fato que, de algum modo, Kevin o tinha descoberto. Ela havia magoado o homem a quem tinha prometido amar até o fim da vida.

Lá estava ele, junto à porta, com o rosto em meio às sombras, com sua jaqueta de aviador e a calça de brim, cáqui. Ela perdeu o fôlego. Apesar da iluminação precária, ela jamais o confundiria com outro homem.

O leve som dos talheres de prata, do outro lado do cômodo, onde um garçom punha a mesa para ambos, quebrou o encanto. Os talheres de prata, a porcelana chinesa e a única rosa contrastavam fortemente com o sanduíche e o copo de leite com que ela havia planejado se alimentar.

O garçom, então, abriu uma garrafa de vinho Bordeaux, de St. Emilion.

Ela cobriu a sua taça, apesar de ter ficado com água na boca.

– Não, obrigada. Eu estou amamentando.

O garçom assentiu e prontamente pegou uma garrafa de água enquanto Hank se acomodava em frente a ela.

– O cheiro está delicioso – disse ela, assim que o garçom os deixou a sós. – Tenho que admitir que você é o rei do delivery no meio da noite. Se o sabor estiver tão bom quanto o cheiro, vai ser o paraíso.

– O garotinho já dormiu? – perguntou ele, olhando-a com ardor, detendo-se breve, porém, indisfarçavelmente, nas pernas dela.

Estaria inclinando a cabeça para sentir o seu perfume? Não, ela devia estar alucinando por conta da falta de sono. E se não estivesse, precisaria recolocar suas prioridades em ordem. Max vinha antes de qualquer coisa, e ela precisava preservar as suas forças para ele.

– Sinto muito pelo vinho, mas Max ainda mama no peito, além das mamadeiras. – Devido aos seus problemas digestivos, ele se alimentava com uma frequência que ela não conseguia acompanhar, mas aquilo já era bem mais do que ela estava disposta a compartilhar com ele. – Ele só vai dormir por cerca de uma hora e meia.

– Você deve estar exausta.

– Não sou a única mãe solteira do mundo. Vou sobreviver.

E bem, a julgar pela bela refeição que tinha diante de si: pato assado com nozes e creme de milho.

Ela pegou o garfo e se deu conta de que estava realmente com fome, pela primeira vez, em meses.

É claro que talvez estivesse evitando falar por mais algum tempo, permitindo a si mesma ser um pouco *normal* por um breve momento.

Até que ela não pôde mais conter a pergunta que a consumia...

Sem erguer o olhar, ela começou a se servir.

– O que você quis dizer ao contar que Kevin nos havia perdoado?

Hank pousou o garfo cuidadosamente.

– Ele não pareceu saber maiores detalhes a nosso respeito a não ser que estávamos envolvidos, um pelo outro. Ele me disse que compreendia e que queria que nós dois seguissemos em frente com nossas vidas.

Arfando, horrorizada, ela deixou o garfo cair. A vergonha se somou à culpa. Kevin sabia. Havia conseguido enxergar os seus sentimentos confusos quando ela pensara ter conseguido escondê-los tão cuidadosamente.

Ele havia querido que ela deixasse o trabalho de lado e fosse a uma festa com ele, mas ela já estava com os nervos à flor da pele por conta da última vez em que eles haviam caído na farra, bebido além da conta e se esquecido de usar qualquer método contraceptivo.

Ela lhe dissera que estava cansada de sempre ter que ser a adulta de seu relacionamento com ele. Ele retrucara, dizendo-lhe para ficar com Hank, então, já que ele tinha a maturidade de dez pessoas juntas. A briga havia sido dura e um produto dos medos que a sua partida gerava.

Era muito triste saber que aquela briga ridícula acabara fazendo com que ela beijasse Hank.

Ela pousou as mãos trêmulas sobre a mesa.

– Está me dizendo que Kevin me *concedeu* a você ao morrer?

– Não com essas palavras. Ele disse que a amava e murmurou que nos perdoava.

As lágrimas correram pela face dela. A enormidade do que Hank havia dito, da sua própria aparição por lá, explodiram na mente dela e então se encaixaram como um quebra-cabeça, formando uma imagem atordoante.

– Você não está esperando retomar as coisas de onde paramos com aquele beijo, está? – disse ela, apertando os dedos contra o seu coração acelerado. – Seria terrivelmente rude de sua parte vir aqui à procura de um pouco de romance depois da morte do seu amigo.

Ele engasgou com a água que havia levado à boca.

– Isso seria *realmente* rude.

– Por que está aqui, então?

– Gabrielle... Estou aqui porque Kevin dedicou o seu último pensamento a você, porque me disse que a amava e que a deixava livre. Ponto final. Ou pelo menos, foi o que eu pensei. Descobrir que Kevin tinha um filho, porém, mudou tudo.

Quer dizer que era Max quem o estava mantendo ali? Aquilo deveria tê-la deixado feliz. Afinal, seu filho era tudo para ela, mas a ideia de ele estar ali apenas por conta do seu bebê, de algum modo, a decepcionou.

– A existência de Max não muda nada. Você está livre para ir embora – disse ela e afastou a cadeira bruscamente. – Ele não é seu filho, portanto, não

é de sua responsabilidade.

Hank se levantou e a agarrou pelos ombros.

– Você me conhece, Gabrielle. Acha, realmente que sou o tipo de homem que iria embora agora, assim, sem mais nem menos?

– Você se sente culpado. – Ela agarrou a camisa dele e sentiu o calor que exalava do seu corpo. – Ainda se sente mal por conta daquele beijo, apesar de Kevin tê-lo perdoado. Pois eu o absolvo desta culpa também. Fui eu que o instiguei a fazer aquilo. A culpa foi minha. Adeus.

Ela o soltou e afastou com um empurrão e ergueu as mãos antes que pudesse sucumbir à tentação de se aninhar nos braços dele.

– Bobagem. – Ele entrelaçou os seus dedos aos dela. – O que aconteceu aquela noite... fui eu. Eu a beijei, e sim, ainda me sinto muito culpado por isso, porque se tivesse oportunidade, eu o faria novamente.

CAPÍTULO QUATRO

HANK ESTAVA tão perto de Gabrielle que podia sentir o aroma da lavanda sobre a pele, seu cabelo. Seu corpo se incendiou, enquanto o desejo pulsava em suas veias, deixando-o rijo e ávido. Por mais que quisesse atribuir aquilo à sua prolongada abstinência, ele sabia que sempre se sentia assim perto dela. No dia em que a conheceu, ele estava saindo com outra pessoa há quase um ano, um relacionamento a que ele deu fim imediatamente. Na verdade, sua abstinência começara naquele dia, há quase dois anos.

Meu Deus, há muito mais tempo, e ele deveria receber algum status de monge honorário.

Com Gabrielle tão perto, suas mãos entrelaçadas às dele, ele se lembrou de todos os motivos que o haviam levado a beijá-la. Ou talvez fosse melhor dizer *o* motivo. Ele sentia uma louca e inexplicável atração por aquela mulher, uma necessidade no fundo de suas entranhas de reivindicá-la como sua que não havia esmaecido nem um pouco com o passar do tempo.

A maternidade havia lhe acrescentado algumas curvas que ele estava ávido por explorar. Ela se inclinou levemente na direção dele. Seus brilhantes olhos verdes se arregalaram, suas pupilas dilatadas de indisfarçável desejo. Ela piscou repetidas vezes, ajeitou os ombros e lentamente, afastou as mãos das dele.

– Hank – sussurrou ela, com uma voz rouca e o sotaque mais acentuado.
– Acho melhor você ir embora.

Ele ficou profundamente decepcionado, mas logo se esforçou para recuperar a razão. Ele precisava de algum tempo para digerir tudo o que havia acontecido aquela noite.

Hank recuou, sentindo necessidade de manter alguma distância dela, e por vários motivos. Havia falado sério quando dissera que ela e seu filho poderiam contar com ele durante a cirurgia. Ele devia aquilo a seu amigo – e a ela.

O restante, ele resolveria depois, já de volta à sua casa, mergulhado em sua banheira de água quente, tomando uma cerveja.

– Estarei aqui às 9h para levá-la à consulta do bebê.

– Como você sabia que ele tem outra consulta amanhã?

Ele se permitiu admirar por um momento a curva dos seios dela, sob o algodão sedoso e suas coxas delgadas, envolvidas pela legging preta.

– Você deixou o cartão preso na geladeira, com um ímã. A cirurgia está marcada para depois de amanhã, não é?

– Sim, Hank, mas ele é meu filho, e essa é minha vida. Posso cuidar disso sozinha.

– É claro que pode. – Aquela era uma das coisas que ele mais admirava em Gabrielle, sua independência. – Mas não precisa.

NA MANHÃ seguinte, Gabrielle passou a alça da bolsa de fraldas pelo ombro e pegou uma manta extra, na última hora.

Já era suficientemente difícil sair com o seu bebê, mas deixar a casa meia hora antes do esperado, beirava o impossível.

Ela estava determinada a sair antes que Hank aparecesse. Sua chegada súbita, na noite anterior, suas palavras, seu toque... o simples som da sua voz havia virado seu mundo de cabeça para baixo. Os lençóis e a coberta revirados sobre sua cama eram testemunhas de como ele havia assombrado os sonhos dela. No início, usava uma máscara, sombria e misteriosa, ao som de um blues, em meio a uma espécie de neblina. Depois fora ela quem aparecera disfarçada, mas com uma máscara mais sensual. Suas roupas e inibições caíam por terra...

Com os nervos à flor da pele, ela deu as costas para sua cama. Já havia passado a noite toda, em seus sonhos, com ele. *Não* precisava passar mais tempo a seu lado hoje, especialmente não quando estava tão mobilizada por conta de seu filho. Deixaria um recado na caixa postal de Hank assim que entrasse no carro.

Ela passou o *sling* florido pelo seu pescoço e acomodou o filho adormecido dentro dele. O exame de sangue de hoje os aproximaria um pouco mais da cirurgia. Daqui a dois dias, o filho dela passaria pelo procedimento e a vida poderia voltar ao normal.

O que quer que *normal* fosse.

Ela foi até a porta, com a chave em sua mão, lembrando-se do que Hank havia dito sobre aquele bairro e a criação de seu filho e sentiu um peso na consciência.

Foi então que ela o viu, sentado sobre o degrau superior, usando uma calça jeans, camisa e mocassins sem meias, além dos óculos de aviador, no alto de sua cabeça.

– Hank, o que está...

Ele ergueu a mão enquanto segurava o seu iPhone com a outra mão... Ele estava jogando?! Os sons de repetidas explosões foram se elevando até a melodia da vitória preencher o silêncio da manhã.

Hank não comemorou, mas sorriu antes de guardar o aparelho e pegar o café a seu lado.

Ele se levantou e baixou os óculos.

– Pronta?

Ainda abalada pelas imagens explícitas de seus sonhos, Gabrielle mal conseguia respirar. Lutando para manter alguma distância dele, ela lhe lançou um olhar indiferente, torcendo para estar conseguindo disfarçar as suas emoções.

– Há quanto tempo está aqui? Como passou pelo portão da frente?

– Estou esperando há 25 minutos para acompanhá-la à consulta e quanto a como cheguei aqui, acho que basta dizer que provei que tinha razão quanto à segurança deste lugar.

Ele tomou um último gole de seu café.

– Está bem, você tem razão. – Ela suspirou e jogou a bolsa de fraldas no peito dele. – Seja útil e carregue isso.

– Sim, senhora! – disse ele, rindo suavemente.

Aquilo a irritou e excitou ao mesmo tempo. Ela estava muito zangada por ele estar se metendo em sua vida daquela maneira, e mais ainda consigo mesma, por ter gostado tanto de tê-lo encontrado à sua espera.

– Meu carro está estacionado a um quarteirão daqui.

– O meu está logo aqui em frente. Vou dirigindo.

Ele pegou as chaves da mão dela e abriu o portão.

– Você não tem uma cadeirinha de bebê.

– Errado! Eu tenho, sim – disse ele, conduzindo-a por entre os restos da festa espalhados pela calçada.

– Mas ainda não são nem 8h. Por acaso a influência dos Renshaw-Landis é tamanha a ponto de fazer surgir uma cadeirinha dessas no meio da noite?

Ele olhou por cima de suas lentes, injetando os seus olhos azuis excessivamente atraentes nela.

– Eu fui ao Walmart Supercenter, que fica aberto 24 horas.

– Os Renshaws fazem compras no Walmart?

Ela fechou o portão, pisando na calçada da cidade adormecida, ciente da atração exercida por Hank com um único olhar.

– Para comprar uma cadeirinha de criança, à meia-noite, sim.

Ele jogou o copo do café em uma lixeira, tirou as chaves de seu bolso e destravou o Escalade azul-marinho.

– Bem mais confortável que o meu – admitiu ela.

Não faria sentido algum forçá-lo a se encolher em seu minúsculo carro econômico.

Ele abriu a porta de trás e jogou a bolsa de fraldas.

– A cadeirinha também está aprovada?

– Deixe-me ver...

Ela checkou o cinto de segurança, a fim de se certificar de que tudo estava corretamente instalado.

– A Aeronáutica me confia um B-52. Acho que você tem motivos de sobra para confiar em mim.

– Trata-se da segurança do meu filho. Preciso me certificar.

Ela não encontrou nada de errado.

Uau! Ela teria levado três horas para descobrir como prender aquilo. Tomada por uma onda de amor e instinto de proteção, aliada à gratidão por Hank ter se dado a tamanho trabalho, ela acomodou o seu frágil bebê na cadeirinha.

Ele devia estar exausto. Havia acabado de chegar do estrangeiro e logo em seguida, pegado a estrada a fim de vê-la. Não era de admirar que estivesse precisando de um café.

Sua boca se encheu d'água. Sentia falta do café, chocolate e comidas temperadas.

– Gabrielle?

Hank estava de pé junto à porta aberta, com a bela cidade histórica atrás de si. Ela havia chegado lá planejando dar início a uma carreira internacional e agora, tudo o que queria era ajudar o seu filho a se curar.

– Está bem, vamos embora antes que nos atrasemos.

Ela chegou a pensar em se sentar atrás, com Max, mas ele já havia adormecido e Hank estava segurando a porta do carona para ela.

Sem pensar mais, ela se acomodou e Hank adentrou o tráfego do início da manhã.

Ele já havia digitado o endereço do hospital em seu GPS.

Seu celular tocou lugar sobre o console. Ele checou de quem se tratava e deixou que a ligação caísse na caixa postal.

– Eu jamais poderia imaginar que você gostava desses games.

– Um de meus colegas de quarto, no colégio militar, era um gênio da computação.

– Ele o viciou nisso?

– Com certeza. Seu acesso aos computadores da escola era limitado para que ele não acabasse preso por ter invadido a rede do Departamento de Defesa.

– Como eu nunca soube de nada disso?

– Você e eu passamos a maior parte do tempo tentando manter conversas apenas superficiais.

Eles sempre haviam evitado assuntos mais sérios, até o dia em que ela desabafara a respeito da briga com Kevin, embora não tivesse lhe contado o motivo da briga, incapaz de compartilhar com ele detalhes tão íntimos como o fato de eles terem se esquecido de usar a camisinha.

O mesmo jeito brincalhão que tanto a havia atraído em Kevin, no início, já começava a incomodá-la. Ela estava cansada de sempre ter que ser a responsável do casal, mas não podia romper com Kevin pouco antes de seu remanejamento, ainda mais quando nem sequer estava certa do que realmente queria.

Ela havia começado a chorar enquanto falava com Hank, e a cada vez que fungava e arfava, o cheiro dele invadia as suas narinas. Antes que pudesse pensar direito, ela o estava beijando, atônita com o desejo que a consumia. Ela já se sentia atraída por ele, é claro, mas supunha que estava mantendo tudo sob controle. Ela e Kevin combinavam, equilibravam um ao outro, seu humor conferindo mais leveza à natureza mais rígida dela. Ela não precisava de mais intensidade em sua vida.

Quando Hank focara toda a sua intensidade nela, porém, ela fora quase incapaz de resistir.

Gabrielle cerrou os punhos até enterrar as unhas nas palmas de suas mãos.

– E quanto ao tal colega de quarto do segundo grau?

– Assim que completou 21 anos ele abriu uma pequena companhia que desenvolvia softwares de ponta. Jogos de computador, principalmente do tipo salve o mundo.

– O que você estava jogando esta manhã? – perguntou ela, intrigada com aquele lado de Hank que ela jamais suspeitara existir.

Será que ele nunca havia deixado transparecer o seu lado mais leve junto a Kevin por ter sido relegado ao papel de adulto maduro? Será que ela mesma havia perdido parte de *sua própria* leveza, junto ao noivo, pelo mesmo motivo?

– Um produto que ainda não foi lançado no mercado.

– Que legal seu amigo deixar você testar o material lançado por ele.

– Eu detenho parte da companhia.

Aquilo a pegou de surpresa.

– Verdade? Mais uma coisa que eu não sabia a seu respeito.

– Sou apenas um sócio anônimo e prefiro continuar assim. Já tenho notoriedade suficiente pesando sobre meus ombros, graças a minha família.

– Mas por que justo este investimento? – Ela desejou poder ver os olhos dele, decifrar o que ele estava pensando enquanto a impressão que tinha dele se alterava. – Você não me parece o tipo de pessoa que gosta de jogos.

– Mas sou um cara prático – disse ele, parando suavemente no sinal vermelho –, e esse me pareceu um bom negócio.

A parte MBA dela o aplaudiu, embora ela suspeitasse de que havia algo mais naquela história.

– Você não dá a mínima importância para o dinheiro. Nunca deu. Deve ter arriscado seu dinheiro para ajudar um amigo e acabou obtendo lucro com isso.

– Quando você começou a se interessar por psicologia?

Ele baixou os óculos até o nariz e olhou para ela por cima das lentes.

– Você se meteu na minha vida. Tenho o direito de fazer o mesmo.

E que se dane se ele não se sentia à vontade com aquilo.

JÁ PASSAVA do meio-dia quando Hank parou o carro na vaga de um estacionamento, a dois quarteirões do apartamento de Gabrielle.

Ele havia passado toda a manhã ao seu lado, ajudando com os procedimentos necessários para que o filho dela pudesse fazer a cirurgia, na manhã seguinte. Eles não haviam tido muita oportunidade de conversar, de modo que ele ainda não havia encontrado nenhuma brecha para convencê-la a ficar com ele durante a recuperação do menino.

Hank teve vontade de colocar Max debaixo do braço e sair de lá correndo, como um jogador de futebol americano, ao ouvi-lo chorar quando o técnico do laboratório espetou o seu minúsculo dedo do pé, mas aquilo seria uma tolice, já que o rapaz estava apenas fazendo seu trabalho para ajudar o bebê.

Max já estava ficando irritado, por isso, Hank soltou a cadeirinha toda e o tirou rapidamente do carro, a fim de levá-lo para casa, seguido por Gabrielle, que exibia olheiras de preocupação ainda mais escuras que antes.

Droga! Ela precisava de mais ajuda do que simplesmente alguém para carregar a criança e providenciar uma refeição.

Hank abriu o portão de ferro para ela passar, pensando em como introduzir o assunto assim que ela tivesse amamentado e colocado o seu filho para dormir, preparando-se para a briga.

Gabrielle arfou e se deteve no meio do caminho?

Ele passou o braço em torno da cintura dela e a puxou para junto de si, protetoramente.

Droga! As nádegas dela haviam se aninhado a ele de maneira excessivamente próxima, íntima e excitante. Ele respirou fundo e recuou. Tinham uma criança para cuidar.

– Olhe – disse ela, apontando para o apartamento.

Ele mal teve tempo de processar a visão da água brotando por debaixo da porta dela antes que a porta da loja se abrisse. Uma mulher de prováveis 50 anos, usando uma roupa de melindrosa da década de 1920, correu na direção deles.

Um crachá junto ao seu peito informava que ela era uma funcionária do antiquário, o que justificava os seus trajes, e que seu nome era Leonie.

Gabrielle agarrou as mãos da mulher.

– O que aconteceu?

– Um cano estourou.

Ela olhou para Hank com indisfarçável curiosidade.

– A pergunta mais importante, porém, é quem é esse aí?

– Leonie, este é Hank, um amigo. – Gabrielle mordiscou o lábio antes de continuar. – Hank, esta é Leonie Lanier. Ela trabalha por meio período na loja e me ajuda com Max.

Interessante notar que ela não havia mencionado seu sobrenome, nem se referira ao fato de ele ter sido amigo de Kevin.

– Prazer em conhecê-la, senhora.

– O prazer é meu, Hank. – Ela, finalmente, desviou o seu olhar dele e voltou a sua atenção de novo para Gabrielle. – Um cano quebrado inundou os três andares. Está um horror lá embaixo. O seu apartamento é o mais prejudicado. Eles tiveram que fechar a água. Sinto muito, minha querida,

mas todos os inquilinos do prédio terão que encontrar algum lugar para ficar enquanto o problema não é resolvido. Como se você já não tivesse problemas suficientes.

Pela primeira vez, em dez longos meses, a vida estava dando-lhe dando uma folga. Ele não teria que discutir com Gabrielle para levá-la à casa que havia alugado.

Hank a segurou pelo ombro.

– Gabrielle não tem com o que se preocupar. Ela pode ficar na minha casa.

– Eu vou me hospedar em um hotel – disse ela, teimosa até o fim.

– Quer mesmo expor o seu filho aos germes de um hotel qualquer? – perguntou ele, embalando o bebê em seu assento.

– E desde quando você desenvolveu uma fobia a germes? – disse ela, pousando as mãos nos quadris. – Lembro-me muito bem de você se exibindo por ter comido insetos nos treinamentos de sobrevivência.

– Não sou uma criança prestes a enfrentar uma cirurgia.

– Está tentando me fazer chorar?

– Estou tentando cuidar de você!

Leonie pigarreou.

– Gabrielle, minha querida... – disse Leonie, dando-lhe o braço. – Todos os hotéis estão lotados por conta do *Mardi Gras*.

Abalada, Gabrielle se recostou no portão.

– É claro, eu deveria ter me lembrado disso. O que você vai fazer?

– Não se preocupe comigo. Foque a sua atenção em Max – disse a senhora, exercendo pressão sobre ela de modo bem mais sutil que ele.

A resignação se misturou à frustração no lindo rosto de Gabrielle.

– Mas você não está hospedado em um desses hotéis cheios de germes?

– Leonie pode ficar com o meu quarto. – Ele pegou o celular. – Confie em mim. Vou conseguir uma casa para nós enquanto você amamenta o bebê e prepara a mala.

Tecnicamente, ele já dispunha de uma casa, mas não queria abusar da sorte deixando que ela soubesse disso.

Gabrielle olhou para ele, desconfiada.

– Você mandou alguém sabotar o encanamento?

– Eu o teria feito se fosse necessário, mas o destino foi mais gentil comigo.

Ela continuou franzindo as sobrancelhas, sem acreditar no seu desembaraço para lidar com aquela adversidade.

– Está bem, você venceu – disse ele, tirando os óculos. – Eu já havia providenciado um lugar para ficar, na esperança de que você ficasse lá durante a recuperação de Max. O problema do encanamento só fez com que não houvesse mais questão sobre isso.

CAPÍTULO CINCO

NOVAMENTE NO Escalade de Hank, uma hora depois, Gabrielle desejou que tudo em sua vida fosse tão simples como decidir onde passaria aquela noite. Com a cirurgia de seu filho agendada para o dia seguinte, não havia realmente como discutir a respeito.

Ela havia conversado com Leonie e subido para guardar as suas coisas e amamentar o filho enquanto Hank levava as bolsas e o assento para o carro. Felizmente, o prejuízo em seu apartamento havia sido mínimo e seus bens mais preciosos, os álbuns de recortes e as fotografias, estavam a salvo.

Hank havia feito algumas viagens, subindo e descendo as escadas, a fim de carregar as coisas dela. Fazer as malas para passar aquela noite na casa de Hank e mais dois dias no hospital não havia sido nada fácil.

Para onde ela iria depois daquilo? O que faria? Ela enfrentaria aquilo quando chegasse a hora. Por enquanto, só podia pensar em como chegar até o dia da operação. A simples ideia de pensar em seu filho passando pela sala de cirurgia fazia o seu estômago revirar, fazendo os medos e as lágrimas virem à superfície.

Aquele deveria ser o motivo de os seus sentimentos estarem tão fora de controle perto de Hank. Assim que o seu filho estivesse bem, sua mente voltaria a funcionar com clareza.

Ela afundou em seu assento, deixando que a beleza da cidade acalmasse seus nervos. Ela não havia se importado em perguntar a Hank para onde eles estavam indo. Sem dúvida, ainda seguiriam por algum tempo até chegar

a algum lugar disponível. Ela se recusou a pensar em seu apartamento inundado e nos prejuízos. Cuidaria daquilo mais tarde.

Depois de passar por várias casas históricas, eles se afastaram ainda mais do apartamento, cada vez mais lentamente como se Hank tivesse percebido a paz que ela estava sentindo ao admirar as redondezas.

Ela não havia tido tempo para desfrutar simplesmente da paisagem desde o nascimento de Max, nem mesmo ao levar seu filho para passear no carrinho, quando costumava estar esgotada.

Como agora, e ainda não estava nem na hora do jantar.

Talvez devesse pedir a Hank para parar em algum lugar, já que havia se esquecido de tomar o café da manhã.

Ela olhou para ele bem na hora em que ele virou o volante.

– Hank?

Ela se sentou mais reta.

A rua estreita, recém-pavimentada se estendia ao lado de uma casa de estuque, cor-de-rosa, com varandas de ferro, no estilo italiano, todas restauradas à sua antiga magnificência. Havia um pátio, não muito grande, e um jardim que fazia jus à localização da casa. Ela mal conseguia imaginar como seria aquele lugar no verão.

Aquele fora exatamente o tipo de lugar que ela imaginara visitar quando sonhara em vir para Nova Orleans a fim de estudar. Sendo filha de um militar americano e uma mãe alemã, ela havia crescido viajando pelo mundo, sem nunca se sentir em casa em lugar algum.

Nova Orleans exalava história, *raízes*.

– Uma pousada! – exclamou ela, pousando a mão no braço de Hank, para, logo em seguida, afastá-lo. – Que ótima ideia! Bem mais confortável, como uma casa. Como não pensei nisso antes?.

– Isso não é uma pousada – disse ele, entrando na garagem com lugar para três carros. – É uma casa alugada para temporada.

– Não me lembro de ter visto nenhuma placa.

– Os proprietários não gostam de propaganda – respondeu ele, desligando o motor. – Alugam apenas para pessoas que precisam de espaço e privacidade. Políticos, atores...

– Isso foi muito... atencioso da sua parte.

– Não superestime isso. Foi fácil de conseguir e eu nem mesmo terei de pagar por isso, portanto não me dê crédito por aquilo que eu não mereço.

Ela olhou para a roupa casual que ele estava usando, e por um momento, se permitiu esquecer quem ele era.

– Eu às vezes me esqueço da sua família.

– Obrigada. – disse ele, com um sorriso. – Vou encarar isso como um elogio.

– E foi. Mas isso aqui... – disse ela, apontando para aquela verdadeira *mansão* – é realmente demais.

– Já está feito, Gabrielle. Tenho uma licença de uma semana e meia e já me organizei para passar esse tempo aqui, de modo que ou você entra comigo, ou serei obrigado a ficar completamente sozinho durante todo esse tempo, o que seria um tremendo desperdício.

Ela balançou a cabeça e levou a mão até a porta.

– Por que você continua fazendo parecer que eu estou lhe fazendo um favor quando é evidente que é você quem está me ajudando?

Ele se recostou em seu assento e recolocou os óculos, distanciando-se tanto física quanto subjetivamente.

– Acho que é o sentimento de culpa que assola os sobreviventes. É terrível.

Que triste a situação em que ambos se encontravam, tentando fazer a coisa certa por Max e Kevin, apesar de que todas as lembranças do passado o deviam estar deixando em carne viva. Ela piscou repetidamente para conter as lágrimas e apertou a mão dele.

– Está bem – assegurou-lhe ela.

UMA HORA depois, Gabrielle pousou o carrinho de Max no chão e se apoiou na porta que dava para seu quarto temporário, embora aquela palavra parecesse totalmente inadequada para descrever aquele cômodo luxuoso.

Grata por dispor de algum tempo para se recompor antes de ter que voltar a enfrentar Hank, ela carregou a cadeirinha de Max consigo, para dentro do quarto e a colocou aos pés da grande cama queen-size que preenchia todo o espaço entre as duas janelas de parede inteira.

Havia uma poltrona macia, própria para amamentação e tapetes persas espalhados por um chão de madeira restaurado que ainda trazia as marcas de seu passado. A beleza do lugar estava exatamente no modo como suas imperfeições haviam sido preservadas, de modo que a casa parecesse restaurada e não modernizada.

Pelo que ela já havia visto, o restante da casa comportava bem mais do que uma simples mobília básica. Havia uma mesa antiga na sala de jantar e um aparador, além, de um espelho dourado, na parede. A sala de estava decorada com um sofá e duas poltronas, além das arandelas sobre a cornija da lareira. As janelas enormes, com cortinas leves que iam até o chão, acrescentavam um pouco de cor às paredes brancas.

Era evidente, contudo que Hank havia encomendado itens adicionais especialmente para aquela estadia.

Uma porta conectava o quarto dela ao de Max, todo decorado com listras pretas, brancas e cinza, perfeitas para um bebê e que preservavam a harmonia com o restante da casa.

Ele havia cuidado não só da decoração, mas também das questões práticas, como fraldas, macacões, mantas e um monitor.

Ao lado da mesa de mogno, junto à poltrona de amamentação, havia ainda uma pequena geladeira com uma tigela de cristal repleta de frutas, no alto. Dentro dela havia garrafas d'água, suco e leite.

Ela sabia que Hank vinha de uma família abastada, mas ele nunca havia esbanjado seu dinheiro, de modo que aquela demonstração de generosidade a havia pegado de surpresa, tocando-a profundamente.

Hank tinha lhe dado algum tempo para desfazer as malas antes do jantar. Havia encomendado uma refeição e sugerido que comessem no pátio coberto. Ela precisava admitir que havia adorado a oportunidade de desfrutar de todos os detalhes maravilhosos daquela casa de sonho, em sua cidade tão querida.

Com toda aquela ajuda de Hank, ela teria, efetivamente, tempo para tomar um banho mais demorado do que a chuveirada apressada daquela manhã.

Ela espiou dentro do banheiro e quase gemeu de êxtase. Seu olhar passou diretamente pelas peças de peltre e cristal em direção à profunda banheira que conferia um ar histórico àquele banheiro, aliados a jatos supermodernos, localizados dentro dela. Ela arrancou as roupas antes mesmo que pudesse pronunciar a palavra jacuzzi, quando o seu celular tocou, de dentro do quarto.

– Droga! – sussurrou ela, enroscando-se numa toalha felpuda.

Ela não podia se dar ao luxo de ignorar aquela chamada. E se fosse um recado do hospital ou do médico de Max?

Esforçando-se para manter a toalha no lugar, ela remexeu na bolsa de fraldas, até encontrar o aparelho.

Um misto de alívio e frustração se apoderou dela ao ver que se tratava de uma ligação de sua mãe. Gabrielle já podia imaginar como ela tentaria pressioná-la, convencendo-a a voltar para casa.

Ela passou mentalmente para o alemão e atendeu:

– Alô, *Mama*.

– Por que não está atendendo as chamadas do seu telefone fixo? – perguntou a mãe dela, rápida e freneticamente. – Eu quase morri do coração, imaginando que algum bandido tivesse invadido a sua casa e assassinado vocês dois.

– Eu lhe asseguro que estamos todos vivos e que não fomos feitos reféns por ninguém interessado na minha TV de 17 polegadas ou nas minhas bijuterias.

A única joia que havia na casa era o seu anel de noivado, com um diamante, que Gabrielle tinha guardado em uma caixinha, à espera da futura esposa de Max.

– Bem, se você não foi sequestrada, nem assassinada, passou o dia inteiro fora de casa, tempo demais para quem tem um bebê. Seu carro quebrou? Você sabe que o seu pai poderia ajudá-la com esse tipo de coisas se você morasse aqui.

Ela olhou ao redor e pensou em como seria complicado contar à sua mãe tudo o que estava acontecendo, naquele momento, especialmente quando *ela* não sabia ao certo o que estava acontecendo entre ela e Hank.

– Me desculpe, mãe, não consegui alcançar o outro telefone antes de você desligar.

– *Tsk, tsk, tsk* – repreendeu a sua mãe. – Você nunca soube mentir.

– Não tenho mais 10 anos, mamãe – disse ela, afundando na cama. – Um cano estourou do meu prédio estourou. Minha casa está inabitável, no momento, por isso precisei arranjar outro lugar para ficar.

– Meu Deus, justo agora? E onde você está?

Sua mãe precisava acompanhar todos os passos de seus cinco filhos, como se aquilo lhe conferisse mais controle sobre eles.

Gabrielle podia compreendê-la. Também gostaria muito de deter o controle sobre a própria vida.

– Estou numa pousada – disse ela, na esperança de conseguir convencer sua mãe daquela vez.

– Oh, mas isso é quase tão bom quanto estar em casa. Eu só queria me certificar de que vocês estavam bem. Você prometeu que me ligaria depois da cirurgia de Max.

– É claro que vou ligar. Sei que você também está preocupada.

– Eu iria para aí se você permitisse.

– Obrigada. Eu gostaria imensamente disso, mas você já veio quando Max nasceu. – E quando Kevin morreu, embora ela não quisesse falar sobre aquilo, especialmente não naquela noite. – Obrigada, Mama, mas realmente eu estou conseguindo dar conta da situação.

Graças a Hank.

A culpa a tomou mais uma vez de assalto por não estar sendo completamente sincera com sua mãe. Ela era uma mulher incrível, esposa de um militar, mãe de cinco filhos, dois dos quais ainda estavam no primeiro grau. Trabalhava como professora de matemática e tinha que mudar de escola cada vez que o seu pai era lotado em outro lugar. Beirava mesmo a perfeição, o que às vezes chegava a sufocar Gabrielle.

Como agora.

Ela precisava de espaço para ser menos forte, menos que perfeita. Tudo o que queria era cuidar de seu filho.

– Obrigada por ligar, Mama, mas preciso me preparar para jantar.

E vestir alguma coisa.

– Só mais um momento. Seu pai também quer falar com você – disse a mãe dela, já subindo a escada, chamando repetidamente por Gary!

Quando criança, ela costumava ter pesadelos com o seu pai invencível morrendo na guerra. Crescera entre um profundo respeito às pessoas que usavam uniformes e um desejo desesperado de que seu pai fosse diferente do que ele era.

– Gabby, querida – disse o pai dela, na sua voz grave e familiar.

Ela estava prestes a responder quando ouviu uma batida na porta.

– Espere! – gritou ela, mas era tarde demais. A porta já estava se abrindo.

– Oh, meu Deus.

Ela se ergueu abruptamente, agarrando a toalha com firmeza.

Hank estava junto à porta, com os olhos arregalados. Seus pés estavam firmemente plantados no chão, como se ele tivesse criado raízes nele, por causa do choque. Ele abriu a boca para falar, fechou-a, logo em seguida e depois voltou a abri-la outra vez. Ela ergueu uma mão para silenciá-lo e quase deixou cair a toalha. Em vez disso, ela deixou cair o celular e agarrou a toalha com força para mantê-la no lugar.

Cuidadosamente, ela se ajoelhou para pegar o celular sem desviar o olhar do de Hank, nem por um segundo.

– Pai, eu o amo, mas preciso desligar agora. Max precisa de mim. Prometo ligar para você e para a mamãe amanhã, assim que Max sair da cirurgia. Tchau.

Ela desligou, jogou o celular na cama e apertou as mãos contra a toalha. Seu corpo pareceu voltar à vida sob o olhar de Hank e diante da visão dele também. Mais do que a amplitude de seus ombros que preenchiam todo o espaço da passagem, ou que seus quadris delgados, ela admirou o rosto dele. Como ele estava bonito naquele estilo casual, ainda mais sensual com aquele olhar esperto em seus olhos azuis.

– Hank? – Ela pigarreou, tentando esclarecer os seus pensamentos. – Precisa de alguma coisa?

A piscada lenta e lânguida de Hank a fez pensar em sexo selvagem.

– Está precisando de alguma coisa?

– Não, obrigada. Tudo está mais do que perfeito. Eu descerei assim que estiver vestida.

Embora agora não pudesse, de modo algum, tomar um banho, não sabendo que ele estaria pensando nela na banheira e ela estaria naquela água pensando em como os olhos dele a haviam acariciado com indisfarçável apreciação.

Depois de meses de gravidez e de ajuste pós-parto, ela não podia negar que era bom sentir o desejo explícito dele por ela. Quem não ficaria lisonjeado? Não passava disso.

Assim que ele fechou a porta, as pernas dela bambearam.

HANK SE sentou no pátio coberto com um copo de chá doce, ouvindo os sons da cidade a distância. Tarde demais.

Depois de beber, ele balançou na cadeira, equilibrando-se em duas pernas. Ele teria preferido uma cerveja depois de ver Gabrielle apenas de toalha.

Talvez até algumas cervejas até que ele pudesse desmaiar adormecido em vez de desperto com a visão dela passeando pela sua mente a cada novo segundo.

Mas ele tinha que manter a cabeça tranquila, caso ela precisasse da sua ajuda.

Uma luz tênue brilhou no quarto dela, muito tempo depois – ele checou o seu relógio – uma da manhã. Ela devia estar morta depois de ter passado a noite acordada com uma criança, e depois começado cedo hoje. Isso sem mencionar o estresse.

Ele já havia elaborado mais alguns planos para facilitar a vida dela durante a recuperação de Max. Sim, porque haveria uma recuperação. Hank se recusava a aceitar qualquer outro resultado para a cirurgia do dia seguinte.

As pernas de sua cadeira bateram com força na varanda.

Ele precisava checar como ela estava. E logo. Tinha que descobrir por que ela não estava conseguindo dormir, e se havia alguma coisa que ele pudesse fazer. Ela havia permanecido muito quieta durante todo o jantar, comendo

em silêncio, para logo em seguida pedir licença e se retirar, mas não estava dormindo.

Ele mesmo só vinha conseguindo dormir cerca de quatro horas, ultimamente, mesmo, desde a morte de Kevin.

Hank subiu dois degraus de cada vez e se deteve diante da primeira porta. Bateu algumas vezes e esperou... mas não obteve resposta. Não ia cometer o mesmo erro de invadir o quarto dela.

Ele já estava dando meia volta quando a porta se abriu. Gabrielle estava completamente desperta, e felizmente, coberta por um grosso robe. Max dormia em seus braços, com a cabeça aninhada em seu ombro.

Hank apoiou a mão no umbral da porta, inclinando-se na direção de Gabrielle, sem tocá-la.

– Está tudo bem? Vi que a luz estava acesa e achei que você poderia estar precisando de alguma coisa...

Ela apoiou a bochecha na cabeça de seu filho.

– Eu só não estava conseguindo dormir. Precisava tomá-lo em meus braços.

– Quer companhia?

As palavras saltaram da boca de Hank antes que ele tivesse tempo de avaliar se era mesmo uma boa ideia passar a noite com Gabrielle.

A indecisão atravessou os olhos verdes, cor de esmeralda, dela, por um instante, até ela dar um passo para trás, com um meneio de cabeça.

– Já que nenhum de nós está conseguindo dormir, podemos fazer companhia, um ao outro.

Ajeitando o bebê junto ao seu ombro, ela se encolheu na poltrona.

Hank foi até a geladeira e pegou uma garrafa d'água que colocou ao lado dela.

– Ele vai ficar bem.

– Eu sei que tudo está a nosso favor, mas não há como ter cem por cento de certeza.

Ele pegou outra garrafa para si e apoiou na porta da geladeira, mas a sua perna pressionou os joelhos dela.

Hank pigarreou.

– Eu pesquisei os médicos que estão tratando dele. Você tem razão, são os melhores do ramo.

Gabrielle se empertigou.

– Você andou investigando os médicos do meu filho?

– Shhh, você vai acordar o garoto. – Ele esperou até que Max se tranquilizasse. – E sim, eu quis checá-los.

– Você quis saber se o seu dinheiro poderia providenciar profissionais melhores.

Hank comprimiu os lábios.

– E você acha isso tão errado assim? Teria recusado essa oportunidade se fosse o caso?

– E você acha que eu já não os havia investigado? Quanto ao custo, eu teria implorado, feito um empréstimo, ou até mesmo roubado para me assegurar de que Max contaria com o melhor tratamento possível. Agradeço tudo o que fez, mas ele é *meu* filho – disse ela, num tom inflexível.

– Sei que Max não é meu filho, mas ele é a minha última ligação com Kevin e isso significa muito para mim.

Você significa muito para mim.

Aquelas palavras pairaram no ar, embora não tivessem sido pronunciadas.

Ela tocou o braço dele, levemente.

– Eu tenho muita dificuldade de permitir que as pessoas façam coisas por mim. Minha mãe é uma verdadeira mulher maravilha – disse ela, revirando os olhos –, e eu corto um dobrado para conseguir que eu e Max tomaremos banho até o meio-dia.

– Você estava linda e limpa, essa manhã. – Ele baixou a cabeça para fungar o pescoço. – Você tem um cheiro bom, de flores. Acho que você está muito bem em termos de higiene.

Ela riu.

– Está bem, eu estou tecnicamente limpa, já que tenho tomado banho. Rápidos, é claro... O cheiro é de lavanda. Deveria ser relaxante.

Ele riu com ela, apesar de estar enlouquecendo com as imagens dela sob o chuveiro, sem conseguir achar o seu doce perfume nem um pouco tranquilizador.

Os dedos dele roçaram o braço dela. Um toque muito suave, nada abertamente sexy, mas sim reconfortante.

Ela afastou a sua mão.

– Você também vem de uma família de mulheres incríveis. Suas irmãs fazem verdadeiros malabarismos para criar os filhos e manter a carreira militar. Sua madrasta já foi Secretária de Estado! E você ainda tem todos esses meios-irmãos...

– Entende agora por que estou me escondendo aqui, em Louisiana?

– Perfeitamente – disse ela, com uma piscadela. – E quanto à sua mãe? Nunca ouvi você mencioná-la.

– Eu não me lembro de muita coisa sobre a minha mãe. Ela morreu quando eu ainda estava no primeiro grau.

– E... – incitou ela, gentilmente.

Ele não queria remexer na sua infância. Pensar naquilo não iria mudar coisa alguma, mas se era sobre aquilo que Gabrielle queria conversar, tudo bem. Ele falaria qualquer coisa para ajudá-la passar por aquela noite.

– Certa noite de Natal, minha irmã mais velha fez um álbum de fotos para mim e minha outra irmã com todas as fotografias de família, tiradas antes de minha mãe morrer, algumas de quando ela era criança, também. Há dias em que não sei se as minhas lembranças são verdadeiras e o que foi criado por aquelas imagens.

– Importa realmente se são lembranças verdadeiras ou criadas? Acho que a sua irmã fez uma coisa muito bonita, juntando tudo isso, ajudando-a a se agarrar aos momentos que você compartilhou com a sua mãe.

– Também acho. Melhor ter aquelas lembranças do que nenhuma. Por algum motivo, minhas duas irmãs parecem se lembrar. – E o pequeno Max não teria lembrança alguma do pai que jamais pudera conhecer

Aquela criança dele por mais tempo do que apenas aquelas duas semanas. Quem mais poderia contar a ela como Kevin era no serviço militar, e o quanto amava voar?

– Hank. – A voz dela o puxou de volta para o presente.

– Do que você se lembra, além daquelas fotos? – disse Gabrielle, fundindo o passado e o presente.

– Eu me lembro do som da voz dela lendo histórias sobre o homem feito de biscoito de gengibre, no Natal. O cheiro desse biscoito me faz pensar nela até hoje.

– Essa é uma ótima lembrança de se guardar.

Ela tomou o rosto dele nas mãos, com os olhos repletos de com compaixão por ele, até mesmo no meio de sua própria crise.

Meu Deus, ela estava acabando com ele. Ele tinha que tocá-la de volta.

Hank acariciou a bochecha dela.

– O que estou tentando dizer é que Max não vai se importar se você estiver usando maquiagem ou não no almoço. Quando pensar em sua mãe, ele pensará no amor em sua voz.

Antes que ele pudesse se dar conta, ela se aninhou nos braços dele, pousando as costas sobre o seu peito, de modo que ele se viu envolvendo a ela e ao bebê.

Ela estava certa. Ele não podia lhe prometer que tudo ia dar certo no dia seguinte, mas ele podia muito bem estar lá para abraçá-la durante a noite.

CAPÍTULO SEIS

À MEDIDA que a manhã passava no relógio do hospital, Gabrielle se reconfortava com o braço de Hank em torno dos ombros dela.

Ele havia permanecido ao lado dela, no sofá da sala de espera, desde que a cirurgia começara, meia hora atrás. Havia passado a noite toda ao seu lado, acordando com ela todas as vezes que ela havia tido que amamentar Max. Por que será que ela conseguia relaxar daquela maneira com Hank, mas não com a própria família?

Ela havia se determinado a enfrentar aquilo tudo sozinha, e agora, lá estava Hank, ajudando-a. Ela nem conseguia imaginar como seria estar ali, sozinha, sem contar com o apoio dele.

Com a cabeça no ombro dele, ela olhou para cima, na direção de seu rosto bronzeado.

– Você, certamente, tinha planos melhores para a sua volta para casa do que cuidar de uma mãe consternada.

Um sorriso enrugou os cantos dos olhos dele.

– Meus principais planos eram comer e dormir, portanto, estou bem.

– Que tipo de comida? – pressionou ela, precisando que o som da voz dele preenchesse aquele terrível silêncio.

Havia sido muito difícil se separar de Max, aquela manhã, deixando o seu precioso menino aos cuidados de outra pessoa.

– Qualquer coisa que não seja pré-fabricada. – Ele ergueu a sua xícara fumegante. – E café de verdade.

– Mal vejo a hora de tomar um expresso, um dia desses. É muita ironia que uma mãe não possa contar com uma dose extra de cafeína, justamente quando mais precisa.

– Ainda não havia pensado nisso – disse ele, afastando a xícara. – O que mais você anseia por fazer depois que Max se recuperar?

– Não pensei muito sobre o assunto. Pensar no futuro pode ser assustador.

– Você vai começar a fazer planos, antes mesmo de se dar conta disso.

Ele apertou o ombro dela, puxando-a para mais perto da calorosa pressão do corpo dele.

– Por que não começar agora? Como um exercício de pensamento positivo.

A resposta lhe ocorreu imediatamente, mas não se tratava de nada sofisticado, nem algo que um homem pudesse compreender, por isso, ela se calou.

– Você vai rir se eu disser.

– De jeito nenhum.

– Meus desejos não são tão refinados como os da sua família.

– Você ainda não percebeu que eu sou a ovelha negra da minha família?

Era verdade. Ele era um homem de valores sólidos e ela sempre havia admirado o seu jeito despretensioso apesar de tão ilustre pedigree.

– Eu gostaria de fazer coisas totalmente diferentes dos meus estudos do MBA, algo mais artesanal e não tão ligado ao computador.

– Como o que, por exemplo?

– Um álbum de recortes.

Ele franziu a testa, confuso.

– Como um álbum de fotografias?

– Você é mesmo esperto – disse ela, dando um tapinha no peito dele, firme como um muro de tijolos.

Ela riu suavemente, grata pelo modo como ele a havia distraído de suas preocupações.

– Eu sempre me ative a pequenos souvenirs. Como rodava o mundo, eu sentia necessidade de guardar alguma coisa tangível das pessoas de cada uma das cidades pelas quais passava. Como o meu pai morreu muito cedo,

eu também quis me assegurar de que não me esqueceria de nada do que havíamos vivido juntos. Colecionei canhotos de entradas, fotos, flores ressecadas e consegui encher seis caixas de sapatos. Ainda preciso organizar e rotular tudo.

– Minha mãe adoraria isso.

Ele assentiu, deslizando a mão pelo ombro dela, a fim de massagear o seu pescoço.

– Minha madrasta, também. Ela tem estantes e mais estantes repletas de álbuns de fotografias. Já cheguei a vê-la remexendo nas fotos e selos com algumas das noivas de meus irmãos e dos netos.

Gabrielle resistiu ao desejo de gemer de prazer em reação à mágica que os dedos dele exerciam sobre os tendões retesados do pescoço dela.

– Algumas pessoas criam os seus próprios cartões de visitas... – verdadeiras obras de arte.

– Isso lhe serviria como uma válvula de escape, um trabalho criativo para contrabalançar o outro, mais rígido. – Ele apontou para uma enfermeira que passava com uma pilha de fichas. – Como o modo como ela está usando aquele tecido colorido, cobrindo parte do seu estetoscópio.

– Exatamente.

Gabrielle adorou que ele a tivesse compreendido e não simplesmente desfeito do seu hobby como Kevin, certa vez, fizera.

– Aposto que você já começou a fazer um álbum desses para Max... e que tem outro sobre Kevin.

– Sim para ambos.

Ela precisava capturar aquelas lembranças felizes, tanto para si mesma quanto para seu filho.

– Tive muito medo que a inundação lhes tivesse causado algum dano, mas não aconteceu nada. Eu os trouxe comigo quando fiz as malas, ontem.

– O que vai colocar no book, hoje?

– O bracelete que foi colocado no pulso de Max e o cart ozinho que você viu na geladeira com a data da consulta e da cirurgia. Talvez carimbe também um estetoscópio e prenda tudo com Band-Aids.

– E no seu livro sobre Kevin?

– Você insiste nisso – disse ela, tentando conter a sua sensação de estar sendo desleal com Kevin. Afinal, ela não o estava traindo. – Prefiro não falar sobre ele hoje.

– Por quê?

Ela se inclinou para frente, agarrou o pulso dele e se afastou.

– Porque não me sinto confortável para falar dele com o seu braço sobre os meus ombros.

– Ah, é mesmo? – Hank apontou para um casal mais idoso, sentado em frente a eles. – Ele também está com o braço em torno dela. Isso não me parece nada demais. Apenas uma pessoa confortando a outra. A menos que esteja me dizendo que sente algo a mais quando eu a toco.

O ar entre eles pareceu crepitar. Uma coisa era sentir algo sem reconhecer o que estava acontecendo, outra, bem mais assustadora, era nomear aquela atração da maneira certa: desejo. E naquele exato momento, ela não dispunha de nenhuma reserva emocional para joguinhos ou respostas espirituosas que pudessem esvaziar o assunto.

Ela se aproximou dele, baixando a voz para que ninguém mais pudesse ouvi-la.

– É isso o que *voce* sente quando coloca o seu braço em torno de mim? Necessidade de me confortar?

– Sim, e algo mais – disse ele, erguendo o queixo dela. – E você?

Meu Deus, ela não podia mais mentir, nem para ele, nem para si mesma.

– Sim, e mais.

A mão dele deslizou por trás do pescoço dela, outra vez, e ele a beijou.

Apenas um leve roçar da sua boca contra a dela, de uma maneira totalmente apropriada para aquele ambiente. Qualquer outra pessoa podia enxergá-los como um casal, conectado e carinhoso, um com o outro.

Ele pousou a testa contra a dele e fechou os olhos com força, sentindo o coração pulsar em seus ouvidos. Ela agarrou os braços musculosos dele, grata por tê-lo por perto. Confusa em relação a tudo, com exceção do fato de que não poderia lhe dizer para ir embora. Hank tinha uma maneira de se infiltrar em sua vida como uma peça que faltava de um quebra-cabeça.

Por isso, ela permaneceu simplesmente sentada, agarrada a ele, enquanto rezava pelo seu filho e aspirava o cheiro daquele homem tão cheio de vida que havia voltado a fazer parte da sua.

O som de passos se aproximando a deixou em estado de alerta.

– Sra. Ballard? – disse o cirurgião, caminhando na direção dela.

Ela sentiu o estômago revirar e instintivamente pegou na mão de Hank, que entrelaçou os seus dedos aos dela, sem hesitar.

– Sim, dr. Milward?

– Seu filho passou pela cirurgia sem maiores complicações...

Tomada de alívio, ela se recostou novamente e o braço de Hank estava logo ali para envolvê-la e lhe dar apoio. Mas por quanto tempo?

Com o sucesso da cirurgia, chegava ao fim a atuação de Hank como substituto de pai.

ELE FIZERA o possível e o impossível, nos últimos dois dias, para cuidar de Gabrielle enquanto Max se recuperava no hospital. Trouxe-lhe seus sanduíches preferidos e uma muda de roupa. Ela descansava em uma poltrona próxima à cama de seu filho, sem, no entanto, dormir direito, o que acabou por aprofundar ainda mais as suas olheiras.

Seus planos de aliviá-la de seu fardo teriam que se intensificar, antes que ela desabasse.

Pelo menos ela não havia se negado a voltar para a casa de Garden District, com ele, depois da alta de Max.

Ele permaneceu junto à entrada do quarto de Max, observando-a trocar a fralda de seu filho, admirando o modo como o vestido de algodão verde dela dançava em torno de suas pernas quando ela se movia e o brilho do seu cabelo louro e sedoso quando ela se inclinou sobre o trocador para conversar com o seu filho. A alegria estampada em seu rosto quase conseguiu afastar as linhas de exaustão. O brilho de amor e alegria que irradiava dela quase tinha o poder de cegá-lo.

Gabrielle era mais do que linda.

Ela era... Ele nem sabia que palavras usar para descrevê-la.

Não era de surpreender. Ela havia virado o seu mundo de cabeça para baixo, outra vez.

O breve beijo que eles haviam compartilhado no hospital tinha mudado alguma coisa entre eles... Na verdade, ele diria que as coisas começaram a mudar uma noite antes da cirurgia de Max, quando ele a manteve em seus braços até o dia amanhecer. Houvera, então, uma aceitação da presença, um do outro, uma facilidade no falar. Mais de uma pessoa, no hospital, os havia confundido com um casal. E ele sabia que em pouco tempo, teria que pensar sobre aquilo.

Por enquanto, porém, ele estava focado em se assegurar de que *ela* não fosse parar no hospital.

Ele bateu levemente na porta aberta.

– Olá, belezura.

Ela ergueu o olhar e sorriu, um pouco tímida, aninhando o filho no ombro para dar uns tapinhas em suas costas.

– Melhor seria dizer “Olá, exaustão”. Mas não faz mal. Tudo vale a pena agora que Max está em casa. – Casa? Hank nem sequer pensou em corrigi-la.

– O jantar está pronto, lá embaixo. Há um Moisés por lá, também, para que você possa mantê-lo por perto. A menos que queira dar o dia por encerrado e prefira que eu lhe traga alguma coisa aqui.

– Você já fez mais do que o suficiente por mim. Desse jeito, vou acabar mal acostumada.

– Minha irmãs dizem que todas as mães de bebês pequenos precisam ser mimadas.

O sorriso dela desapareceu.

– Hank, eu estou realmente muito grata, mas você não precisa fazer isso tudo por mim por causa de Kevin.

– E se não for por causa dele?

Ela mal piscou, mantendo os olhos fixos nos dele. As palavras dele pairaram entre eles, conectando-os como se ele tivesse tomado a mão dela na sua. Ou mais até.

– Huhm... – ela mordiscou o lábio inferior por um segundo – você disse alguma coisa sobre jantar.

Embora ela quase tivesse evitado o assunto, ele encarou o fato de ela não ter discutido a respeito uma verdadeira vitória.

– É verdade – disse ele, soltando o batente. – Siga-me.

Ele a conduziu por uma escada, passando depois pela biblioteca e abriu as portas duplas que davam para o pátio coberto.

A brisa da noite trouxe consigo o som da música entoada por uma banda cajun, no apartamento de um vizinho que, aparentemente, tentava prolongar o *Mardi Gras*.

– Eu coloquei o Moisés aqui, no canto. Se deixarmos as portas abertas, você poderá vê-lo da mesa. – Ele estendeu as mãos. – Passe-o para mim para que eu possa acomodá-lo.

Gabrielle gelou. Que hora para se dar conta de que ele nunca havia pegado o seu filho no colo. Não era possível... Quanto mais ela tentava buscar em sua memória, porém, menos ela encontrava uma lembrança de ele já tê-lo feito antes. Será que fora ela quem não o propusera ou ele que nunca o pedira?

Ela tirou Max do ombro, lentamente, e o colocou nas mãos estendidas de Hank.

Meu Deus, o menino era mesmo minúsculo e frágil! Ele sempre pensara que seus irmãos estavam loucos quando apontavam como os seus descendentes tinham o nariz ou o sorriso de alguém, mas naquele exato momento, ele reconheceu os olhos de seu grande amigo nos olhos de Max.

Hank colocou o garoto no Moisés, com o cuidado de fazê-lo como Gabrielle fazia, mas sentindo necessidade de manter certa distância daqueles olhos tão familiares.

Gabrielle inclinou a cabeça para o lado.

– Está tudo bem?

– Claro – disse ele, tentando desfazer o nó em sua garganta. – Vamos comer lá fora.

A mesa estava posta para dois, com flores e uma vela em um globo de vidro.

Ela ergueu uma tampa de cada vez, inspirando e suspirando ao sentir todos aqueles aromas.

Hank puxou uma cadeira e esperou que ela se sentasse.

– Pedi que o chef pegasse leve com os temperos. Lembrei-me do que do que você costumava pedir antigamente, de modo que acho que não errei muito. Temos muita coisa na geladeira, também, caso você prefira um sanduíche.

– Outro?

Os olhos dela brilharam com a lembrança do enorme sanduíche de salame, mozzarella e azeitonas.

– Num segundo, se você quiser.

Ela se deteve junto à cadeira.

– Sabe o que eu realmente queria?

– Diga.

Ele faria o que fosse necessário para realizar um desejo dela.

– Podemos dançar? – disse ela, balançando o corpo. – Esta música é incrível. Parece um crime não aproveitá-la ao máximo.

Às favas com o jantar. Ele abriu os braços. Ela se encaixou no abraço dele, dando-lhe a mão. A palma dele se moldou à parte delgada das costas dela e a cada passo pelo pátio coberto, ela foi relaxando e se aproximando cada vez mais dele. Sob o toque dele, a tensão deixou o corpo dela. Ela cantarolou suavemente, acompanhando a canção, fazendo sua voz vibrar docemente sob a ponta dos dedos dele.

Que prazer ela estava extraindo de uma coisa tão simples: dançar ao som da música vinda da casa do vizinho... Aquilo quase partiu o coração de Hank. Ele se considerava um homem prático, mas, naquele exato momento, sentia-se apenas sensível. Gabrielle merecia alguns dias numa casa como aquela para recarregar as baterias e também um homem em sua vida que a ajudasse a enfrentar as dificuldades da vida.

E agora?

Ele, definitivamente, não queria a sua família por perto, questionando o que estava acontecendo entre ele e Gabrielle, até porque nem mesmo saberia como responder, senão dizendo que ele a queria e que não podia ir embora.

Mas eles não estavam realmente namorando. Havia muita coisa misturada naquela mesma situação. Ela havia amado Kevin e ele não conseguia conter a pontada de culpa por estar no lugar de seu amigo.

Ele fechou os dedos em torno da nuca de Gabrielle.

– Obrigada por isso, e pelos últimos dias, também. Você tornou tudo isso muito mais fácil do que eu poderia ter imaginado.

– É para isso que estou aqui. – Para substituir Kevin, mesmo que isso lhe custasse muito, porque naquele exato momento, ele queria garantir que Gabrielle visse *ele*, e não um substituto do homem por cuja morte ela sofria.

– Acho que eu deveria ter aceitado a oferta de ajuda de meus pais. Eu amo a minha mãe, mas ela assume o controle das coisas, em vez de ajudar, e como tudo vira uma batalha, eu acabo ainda mais exausta.

– Entendo perfeitamente. – Os pés dele se moveram em perfeita sincronia com os dela, assim como os seus pensamentos. – Meu pai também lança uma sombra enorme sobre mim.

Ela se inclinou para trás, a fim de olhar em seus olhos, enquanto o vento levantava o seu cabelo.

– Por que, então, optou por trabalhar no mesmo ramo que o seu pai, até mesmo no mesmo avião em que ele voava?

– Porque é o que eu quero fazer. Pode chamar de genética se quiser, mas é nisso que eu sou bom. – Ele não podia se imaginar fazendo outra coisa na vida. – Achei ridículo escolher outra coisa só para ser diferente.

– Eu entendo.

Ele pousou o queixo no lato da cabeça dela, inalando o perfume de lavanda e puro Gabrielle.

– Embora, eu tenha que confessar, isso teria facilitado muito as coisas.

– Kevin me contou que você trabalhava duas vezes mais que os outros, tentando provar que você não conquistou nada por nepotismo, apesar de ser evidente para todos que você é um verdadeiro rock star no seu trabalho.

– Um rock star, é?

Ele quase pode ouvir a voz de seu amigo soar através dela e sentiu muita falta de Kevin.

– Ele me disse que algumas pessoas conheciam a ciência da aviação e da navegação, mas você conhecia a arte.

– A opinião dele significa muito para mim. Obrigado por compartilhar isso comigo.

Será que Hank, algum dia, conseguiria superar o modo como as suas vidas se cruzavam? Será que seria capaz de olhar para Gabrielle sem pensar em Kevin?

Ele levava o seu compromisso com ela a sério. Certa noite, Kevin ficara bêbado e começara a falar do quanto amava Gabrielle, embora temesse não ser o tipo de homem que poderia fazê-la feliz.

Como era duro lembrar de tudo aquilo, justamente naquela hora, quando Hank não tinha nada de diferente para lhe oferecer naquele front.

– Kevin realmente amava você.

Ela se retesou nos braços de Hank, a cada respiração quente junto ao pescoço dele, como se ela continuasse silenciosamente seguindo a condução dele.

– Eu estava com ele quando ele comprou o anel de noivado. – Um dia que quase o matou. Ele agarrou a mão esquerda dela e a colocou entre eles, o dedo dela vazio. – Ele ligou para a sua mãe a fim de descobrir o tamanho do seu dedo e obter uma pista sobre o modelo que você gostaria.

O coração dela bateu mais rápido contra as mãos entrelaçadas de ambos.

– Eu ainda o usei na minha mão direita por algum tempo, depois que ele morreu. Tive que tirá-lo, na maternidade, quando Max nasceu, e não voltei a colocá-lo desde então. Eu o guardei para que Max pudesse dá-lo à sua esposa, um dia.

– Tenho certeza de que Kevin gostaria disso.

Ele, efetivamente, não havia concordado com o anel que Kevin e a mãe dela haviam escolhido. Ele teria optado por uma coisa mais simples, que combinasse mais com o estilo dela. Mas ela parecera feliz, e aquilo era tudo o que importava.

– Você, realmente, era um ótimo amigo para ele. E ainda é.

– Tirando o fato de me insinuar para a noiva dele.

Ela parou de dançar e tomou o rosto dele em suas mãos.

– Fui eu quem beijou você. Sou eu quem merece a culpa.

– Acha mesmo que foi você quem começou tudo? – disse ele, agarrando os pulsos dela, mas sem baixar os braços dela.

– Eu sei que fui, porque estava arrasada de culpa por me sentir atraída por você – disse ela, soltando os dedos de Hank e se inclinando sobre ele. – Não apenas naquele dia, mas semanas antes disso.

– Semanas? – perguntou ele, puxando-a para mais perto de si.

– Não foi nenhum acontecimento enorme. Estávamos jantando, em um navio e você estava junto ao corrimão – lembrou ela com os olhos cheios d'água. – Alguma coisa se remexeu dentro de mim, algo amedrontador, mas Kevin estava prestes a ser remanejado. Como eu poderia lhe dizer alguma coisa, naquele momento? Não tínhamos tempo para resolver nada antes de ele partir. Eu nem sabia ao certo o que sentia por você. E então, naquele dia, eu briguei com Kevin, chorei nos seus braços...

– Você só tomou uma iniciativa em relação a algo que eu já estava sentindo desde o primeiro dia em que a vi. Eu estava completamente envolvido por você.

Ela arregalou os olhos, surpresa e ávida por ele. Incapaz de resistir a ela, agora, assim como o fora, outrora, ele baixou a cabeça e a beijou.

Precisava fazê-lo. Eles vinham evitando aquele momento desde que ele havia voltado para Nova Orleans. Ali, porém, naquela noite, sob a luz das estrelas, ele a quis e sentiu que ela também o queria.

Gabrielle não demonstrou a menor hesitação.

Ela passou os braços em torno do pescoço dele e o puxou mais para perto de si, um encaixe perfeito, como um ano atrás. Os lábios dela se entreabriram, e ele não precisou de mais convite para aquele beijo se aprofundar. Ele agarrou as nádegas dela e a ergueu com mais segurança contra si até que os dedos dos pés dela deixarem o chão.

Ele a virou e a conduziu até um antigo carvalho. Os dedos dela corriam inquietos pelo cabelo dele. A pressão do corpo dela contra o dele o deixara rígido e latejante.

Os seios macios dela contra o seu peito fizeram-no ansiar por arrancar a roupa dela.

Agora que a tinha outra vez junto a si e sentira o sabor do frescor dela em sua língua, ele queria prolongar o momento. Hank sabia que não seria mais capaz de se afastar dela, outra vez, sem levar aquilo até o fim. Ignorar a atração que sentia por ela não havia funcionado. Na verdade, só aumentara a sua urgente necessidade de explorar cada centímetro do corpo dela com seus olhos, suas mãos, sua boca.

Um choro se misturou ao som da música, detendo-o.

Max.

O choro de fome do bebê ficava cada vez mais alto.

Gabrielle congelou nos braços de Hank, e então se afastou bruscamente. As mãos dela tremiam ao ajeitar o seu cabelo e passar correndo por ele, a fim de abrir as portas duplas. Ele se recostou no carvalho centenário e se sentiu tão antigo quanto ele, sentindo o peso do que quase havia feito vergar os seus ombros.

Ele não podia, não devia, terminar aquilo. Não naquela noite, não agora, com ela quase morta de exaustão.

Seu filho acabara de voltar para casa do hospital. Ela estava vulnerável. Somente um imbecil egoísta tomaria o que ela estava lhe oferecendo mandando a consciência às favas. Ela precisava dormir e ambos precisavam encontrar uma maneira de fazer o fantasma de Kevin descansar.

O RELÓGIO antigo, na parede do corredor, bateu meia-noite e Gabrielle olhou para as palavras turvas na tela de seu computador enquanto balançava a cadeira de seu filho suavemente com o pé. A banda ainda tocava na festa dos vizinhos.

Ela quis atribuir sua falta de foco à exaustão, mas não podia mentir para si mesma, não naquela noite. Embora devesse estar colocando seu trabalho em dia, sua mente não abria espaço para outra coisa que não fosse a sua dança com Hank.

E o beijo que ele havia lhe dado.

A boca dele na sua, as mãos dele no seu corpo, tão abaladoras quanto ela as havia guardado em sua lembrança. Tanto que ela quase se esquecera do seu filho, dormindo a poucos centímetros dali. Ela o havia pegado e se

apressado com ele, escada acima, usando-o como um pretexto para colocar o pensamento em ordem e recuperar a compostura.

Assim que amamentou e trocou Max, ela voltou para o seu quarto e descobriu que o seu jantar havia sido levado para lá. Era um jantar apenas para uma pessoa, acompanhado de um bilhete de Hank.

Nos vemos pela manhã.

Ele havia assinado apenas com um *H*, num traço forte e grosso, como o homem que ele era.

E inteligente. Havia sido inteligente de sua parte deixar o jantar em seu quarto e ir embora. Ambos precisavam de um pouco de espaço. Muita coisa havia acontecido em pouco tempo.

A refeição, porém, tivera um sabor agridoce, cada mordida fazendo com que ela se lembrasse do quão maravilhoso havia sido o início da noite. Dançar com ele sob a luz da lua com uma música sendo tocada ao vivo havia conferido um ar de atemporalidade à noite. Eles poderiam ter sido qualquer casal, até mesmo algum de séculos atrás. Ser qualquer outro casal, certamente, teria sido bem menos complicado.

O choro de Max havia feito com que ela se lembrasse de suas responsabilidades.

Ela não podia se dar ao luxo de esquecê-las, nem por um segundo, sequer. Em vez de ir dormir depois de amamentar o seu filho, ela se sentara diante do laptop para colocar em dia o trabalho que ela deixara de lado enquanto estava no hospital.

Quanto mais cedo ela terminasse, mais cedo ela dormiria, e conquistaria uma maior clareza a fim de pensar como iria abordar Hank pela manhã.

Forçando seus olhos cansados a focar na tela, ela desligou o computador.

Ela olhou para o relógio. Uma da manhã. Sua mãe deveria estar levantando agora, levando em consideração a diferença de fuso horário.

Gabrielle tirou Max de sua cadeira e o colocou no berço para não despertá-lo com a sua conversa ao telefone, deixando, porém, a porta que conectava o seu quarto ao dele aberta.

Ela se jogou sobre a pilha de travesseiros, pegou o celular da mesinha de cabeceira e teclou o número do seu pai, mas foi a mãe dela quem atendeu.

Gabrielle agarrou o fone com mais força e se virou de lado, olhando para as luzes que piscavam nas árvores.

– Oi, *Mama*, sou eu.

– Está tudo bem com Max? E com você? – perguntou ela, em pânico.

– Não se preocupe. Está tudo bem – disse ela, comovida. Embora tivesse jurado que não seria tão excessiva quanto a sua mãe, ela estava começando a compreender como seria fácil deixar que aqueles medos tomassem conta dela. – Só estou ligando para avisar que Max já saiu do hospital.

– E o seu apartamento já foi consertado?

– Bem, na verdade, estou na casa de um amigo.

– Em Nova Orleans? Eu o conheço?

– O nome dele é Hank – disse ela, abruptamente. – Ele era amigo de Kevin. E meu também.

– Você quer dizer Hank Renshaw Jr.? – A maioria das mães teria soltado fogos se a sua filha se envolvesse com um dos melhores partidos dos Estados Unidos, mas não havia como deixar de notar o tom de censura na voz de sua mãe. – Gabrielle, você tem certeza de que esse é um bom momento para se envolver com alguém?

Como se ela tivesse opção.

– *Mama*, compreendo que esteja preocupada, mas eu já sou uma adulta perfeitamente capaz de cuidar da minha vida – disse ela rapidamente, a fim de impedir que sua mãe a interrompesse. – Eu amo você, mas preciso desligar agora e dormir um pouco. Mande um beijo para o papai e todos os demais, está bem? Tchau.

Gabrielle desligou e jogou o celular longe, mordendo o seu lábio. Em menos de duas semanas Hank voltaria à sua base. Ele estaria a horas de distância, e ela voltaria para o seu apartamento. Não.

Ela precisava aceitar que a sua vida havia mudado. Ela não podia continuar naquele padrão de espera. Ela teria que encontrar um novo lugar mais adequado para uma criança, e para fazer isso com o seu orçamento limitado, ela teria que sair dos limites da cidade.

Aquelas mudanças incluíam muito mais do que apenas deixar aquela situação.

Ela precisava parar de evitar a atração que sentia por Hank.
A primeira coisa que faria no dia seguinte, seria enfrentar Hank.
Nada mais de fingimento, nem de esquivas.
Ela e Hank tinham que ser amantes.

CAPÍTULO SETE

ELA ANSIAVA por ele. Sua carne estava em brasa há meses, anos desejando Hank.

E naquele seu mundo de sonho, ela poderia tê-lo.

Eles poderiam fazer amor sob um carvalho cujas luzes piscavam com a mesma intensidade do desejo que crepitava pelo seu corpo. Ela quase podia sentir a parte interna sedosa da sua jaqueta de couro, aberto no chão, sob ela. Podia acariciar e saborear os músculos firmes do peito dele enquanto ele pairava sobre ela, penetrando-a, preenchendo-a, conduzindo-a ao limite do prazer.

O corpo dela ardia por ser satisfeito do modo como só ele poderia fazer. Ela gemeu a sua necessidade de que ele a conduzisse até o fim, e não deixá-la faminta, dolorida, desejosa...

Gabrielle se empertigou na cama, com o cheiro do couro pairando ainda do seu sonho. Seu sonho havia sido interrompido antes de ela alcançar a satisfação.

Piscando com força para se proteger do brilho do sol da manhã que se infiltrava pela janela, ela se esforçou para se orientar.

Estava sozinha na cama, as cobertas revolvidas em torno das pernas.

Ela se livrou dos lençóis e das imagens eróticas de Hank.

Ou, pelo menos, tentou. O desejo não satisfeito ainda perdurava entre as pernas dela e em seus seios fartos e macios.

Ah, meu Deus.

Ela apertou as mãos em seu peito e se deu conta de que... era de manhã, e ela ainda estava usando o seu vestido do dia anterior.

Ela havia adormecido pouco depois de desligar da sua mãe.

Ela não havia alimentado Max desde antes da meia-noite.

Seu filho não havia despertado.

Em pânico, ela saiu em disparada da cama, sentindo o coração na boca e um medo que ameaçava estrangulá-la. Ela correu pelo quarto, passando pelo maldito computador que a havia mantido acordada até tão tarde. Será que o seu filho havia chorado e ela não o ouviu devido à sua exaustão? A culpa a tomou de assalto. Ela abriu a porta que conectava o seu quarto ao de Max, perguntando-se como ela poderia ter se aberto durante a noite, sem que ela tivesse ouvido.

Os olhos dela correram na direção do berço, o berço vazio. Um grito calou em sua garganta. Ela olhou ao redor freneticamente até que o seu olhar pousou sobre a cadeira de balanço, no canto.

Seu filho estava no colo de... Leonie Lanier?

A babá de Max, a vizinha da loja de antiguidades acima de sua casa, estava lá? Havia também quatro mamadeiras vazias ao lado da cadeira, um indício de que ela deveria tê-lo alimentado com o leite que Gabrielle havia congelado e armazenado antes da cirurgia. Gabrielle mal conseguiu colocar a mente em ordem quanto ao que havia acontecido durante a noite.

Ela só pôde abraçá-lo, aliviada por seu filho estar bem. Ela estendeu a mão na direção de Max.

– Leonie, o que está fazendo aqui?

Sua vizinha se levantou e lhe entregou o bebê com um sorriso.

– Ajudando você a ter uma boa noite de sono.

Gabrielle deu cinco beijos frenéticos na testa de seu filho.

Seus joelhos dobraram e ela afundou na cadeira de balanço. Ela deitou Max sobre as suas pernas e checkou as minúsculas incisões da laparoscopia. Seu filho se agitou em seus braços, completamente desperto, dando-lhe o seu “bom dia”, enquanto pedalava com seus pés na barriga dela.

Tudo parecia bem, mas ele era responsabilidade dela.

Seu filho.

– Isso é muito generoso da sua parte, mas eu gostaria que alguém tivesse me dito. Há quanto tempo você está aqui?

Onde estava Hank? Ele tinha que saber por que ele havia deixado Leonie entrar na casa. Ela aninhou Max ao seu ombro.

– Eu cheguei por volta das 22h, ontem. O belo Major Renshaw e eu nos alternamos nos cuidados com Max ao longo da noite. Eu já havia me oferecido para fazer isso um milhão de vezes, e você sempre foi teimosa demais para fazer alguma coisa por si mesma, por isso, seu amigo e eu decidimos surpreendê-la.

– Vocês, certamente, foram bem-sucedidos.

Só que não de uma forma boa, mas ela ia guardar aquela frustração para mais tarde quando fosse confrontar Hank. Por ele ter agido pelas costas dela... Ele havia até fechado a porta enquanto ela estava dormindo...

Não era de admirar que ela tivesse sentido o cheiro da jaqueta de couro dele. Ele havia estado no quarto dela.

– Não posso assumir os créditos por essa generosidade – disse Leonie. – Seu amigo sabia que a inundação também havia me tirado da minha casa e de meu emprego e me ofereceu essa função até eu poder voltar, o que coincidirá com a sua volta também.

Emprego?

– Hank está lhe pagando?

– Aham. Já conheço a rotina de Max e adoro aquele rapazinho... Você ficou zangada?

– Surpresa – disse ela tensa, dando tapinhas nas costas de Max enquanto ele se agitava.

– Ah, meu Deus, eu a atropelei, querida? Achei que esta seria a solução perfeita para todos os seus problemas.

– É claro que é. Você não fez nada de errado. – Brigar com Leonie não adiantaria de nada, mas soltar os cachorros sobre Hank certamente faria com que ela se sentisse bem melhor... – Obrigada por sua ajuda. Você é uma das poucas pessoas com quem eu me sinto à vontade para cuidar de Max.

Max se agitou, enroscando os dedos no cabelo dela, pedindo comida.

– Você está com uma aparência muito melhor, mais descansada. – Ela tomou o rosto de Gabrielle em suas mãos. – Isso foi muito bom, apesar de você ainda estar tão tensa. Você não vai ser de nenhuma ajuda para Max se adoecer.

– Você assumiu o turno da noite, portanto assumirei daqui por diante, está bem?

Ela abriu os botões da frente do seu vestido e assim que começou a mamar, seu filho se acalmou. Ela acariciou a bochecha impossivelmente macia com um dedo, inundada de amor e instinto de proteção. – Na verdade, preciso pegá-lo em meus braços. Tenho certeza de que ainda vou precisar de algum tempo para que a preocupação desapareça.

– Você é mãe agora – disse Leonie, a caminho da porta. – Você nunca mais vai deixar de se preocupar.

Gabrielle se recostou na cadeira de balanço, oscilando mais rapidamente, frustrada consigo mesma e com Hank. Em algum momento, na noite anterior, ela havia se permitido ser complacente e aceitar toda a ajuda que Hank havia lhe oferecido. Ela havia baixado a guarda e ele passara por cima dela, apesar de suas boas intenções. Contratar uma babá para o seu filho sem consultá-la? Levar o seu filho para que ela não o ouvisse e acordasse?

Ela havia se iludido, achando que poderia simplesmente ter um caso com Hank. Sua vida não era assim tão simples. Ela tinha preocupações e responsabilidades para além do que ela poderia ter imaginado, um ano atrás.

Hank podia não ter mudado, mas ela, sim.

HANK SE recostou em sua cadeira, no pátio coberto, divertindo-se com os joguinhos de seu celular, torcendo para que o barulho da equipe de limpeza não despertasse Gabrielle.

Se não recuperasse logo o sono, ela poderia ter um colapso.

As portas duplas se abriram bruscamente. Ele jogou o celular sobre a mesa bem na hora em que Gabrielle adentrou o pátio.

Deus, ela estava toda despenteada, linda e... zangada?

– Uma babá? – perguntou ela, diante dele. – Você contratou uma *babá* para o meu filho?

Ele se levantou, agarrou-a pelos ombros e conteve a vontade de simplesmente beijá-la para afastar o seu mau humor.

– Achei que você precisava dormir. Só quis cuidar de você, ser um bom... amigo. – Havia achado que ela ficaria feliz em ter uma boa noite de sono. – Aconteceu alguma coisa com Max?

– Ele está bem – disse ela, tensa.

– Leonie Lanier é a sua babá habitual. Você já a escolheu e aprovou. Gastei algum dinheiro extra nessa situação. Considere isso um presente que eu não pude lhe dar no nascimento de Max. Qual é o problema?

Ela cerrou os dentes e cerrou os punhos.

– Você não me perguntou antes.

– Você está zangada comigo?

Ela esfregou a nuca.

– *Estou.*

– Porque eu quis ajudá-la?

– Porque você fez arranjos para o meu filho... – disse ela cutucando o peito dele a cada frase – um bebê, que acabou de sair do hospital, sem discutir comigo antes. Você está me atropelando. Eu sou perfeitamente capaz de...

– ...de cuidar de si mesma. – Ele agarrou o pulso dela. – Sim, eu sei. Você me disse. Repetidamente.

Ela soltou a mão e cruzou os braços.

– Eu ia dizer que sou capaz de pedir o que preciso.

– Não é o que me parece – retrucou ele, notando que também estava irritado.

Ele estava se acabando para ajudá-la e ela estava transformando a vida dele num inferno.

– O fato de eu não ter voltado correndo para a casa da minha família não significa que eu não aceito ajuda, o tipo certo de ajuda, melhor dizendo. Você vive falando nisso, mas vive uma vida solitária e não atende as ligações da sua família. Por que você pode ser o único que precisa ser independente?

– Devagar com o andar. – A última coisa que ele queria era que alguém lhe dissesse o que fazer da sua vida. – Sinto muito, se fiz a coisa errada e

estraguei tudo, mas eu só estava tentando ajudar.

Ela ainda arfou durante um bom tempo, antes de voltar a encará-lo.

– Você pode dizer que isso não tem nada a ver com Kevin, mas não tenho muita certeza. Você disse no primeiro dia que estava tentando ser um substituto para o pai dele, mas isso não é tão simples. – Ela estendeu a mão, recuando. – Mudei desde o ano passado. Minha vida e minhas prioridades mudaram. Na noite passada, você beijou a antiga Gabrielle. Você nem sabe que mulher eu sou agora.

Ela se virou e saiu em disparada para dentro de casa, deixando-o arrasado.

E loucamente excitado pela vibrante mulher que ele estava achando cada vez mais difícil de lembrar que havia sido noiva do seu melhor amigo.

COMO É que ela havia passado de totalmente excitada por Hank para totalmente furiosa com ele em tão pouco tempo?

Gabrielle fechou o computador e se jogou novamente na poltrona. Não havia conseguido se concentrar em coisa alguma depois da discussão daquela manhã. Já vinha enfrentando uma verdadeira montanha-russa emocional desde que perdera Kevin, mas agora que Hank havia vindo para a cidade, era como se ela estivesse num looping assustador, sem tempo para colocar o seu estômago em ordem.

Ela foi tomada de culpa por ter perdido a calma com Hank. Ainda achava que ele tinha ido longe demais contratando uma babá para o seu filho sem consultá-la, mas desejou ter tratado com mais calma do assunto.

Hank havia passado o dia todo fora. Não que ela pudesse culpá-lo. Ela havia visto a SUV dele partir pouco depois da discussão deles. Será que ela o havia espantado para sempre? Ela não podia imaginar que ele pudesse partir sem lhe dizer adeus, por mais alto que ela pudesse ter gritado. Ele não era esse tipo de homem.

Que tipo de homem, então, era Hank Renshaw Jr., além de o melhor amigo de seu antigo noivo. Além do seu pedigree. Sob o uniforme.

Ele era um homem bom que estava tentando ajudar a ela e ao seu filho, apesar de eles não serem sua responsabilidade.

Agora que havia se acalmado, ela precisava admitir que lhe devia um pedido de desculpas.

Gabrielle afastou a sua cadeira do escritório improvisado que havia montado em seu quarto e cruzou a porta aberta do quarto de Max.

– Leonie?

Sua boa amiga e vizinha desviou o olhar da revista que estava lendo.

– O que posso fazer por você, querida? – disse ela, afastando a revista e um sanduíche pela metade. – E por favor, não diga “nada”, pois vou acabar me sentindo culpada por receber esse salário generoso do seu major bonito sem fazer jus a ele.

– Quão generoso? – perguntou Gabrielle, pensando em como poderia lhe devolver aquela quantia.

– Muito, minha querida.

Gabrielle revirou os olhos, virando-se para checar o estado de seu filho, adormecido em sua cama. Ao vê-lo tão tranquilo e contente, já conseguindo reter melhor seu alimento, ela sentiu a sua alma se aquecer. Tinha tanto pelo que agradecer e, no entanto, ficava batendo o pé, fazendo birra.

Leonie pigarreou.

– Ele voltou há uma hora.

Ela nem se deu ao trabalho de perguntar a quem Leonie estava se referindo.

– Eu não o vi.

– Ah, quer dizer que estive olhando pela janela. – Ela cruzou a sala suavemente e se deteve junto a Gabrielle, cobrindo a mão dela pousada sobre o berço. – Aproveite o restante da noite. Eu cuido das coisas por aqui. Dormi a maior parte do dia e no pouco tempo em que estive acordada, aproveitei ao máximo esta casa incrível.

– Obrigada, Leonie.

– Pelo quê?

– Por amar o meu filho.

A mulher fez um carinho no rosto de Gabrielle.

– Amo você, também. Agora, vá. Desfrute da sua juventude.

Gabrielle beijou rapidamente a testa de seu filho e se voltou para a porta.

– Gabrielle, querida? Arrume-se um pouco.

Ela olhou para a sua camiseta amarrotada e o seu jeans, manchado de café. Seria difícil trocar de roupa, ter tempo para fazer um pouco mais do que apenas prender o cabelo em um rabo de cavalo. Sorrindo, ela correu até o seu quarto e abriu a sua nécessaire.

Quinze minutos depois, ela se sentiu bem mais próxima à sua antiga personalidade, num minivestido preto com um legging vermelha e o cabelo solto sobre os ombros.

Iria se desculpar para poder transformar as fantasias que havia tido com Hank em realidade? Possivelmente. Ela não tinha certeza. Mas sabia que pela primeira vez no ano, ela estava verdadeiramente... esperançosa.

Seus dedos correram pelo mogno polido a caminho do andar de baixo. O som das panelas a atraiu até a cozinha, nos fundos da casa. Hank estava lá, cuidando de três panelas diferentes de uma só vez, usando um avental branco sujo de molho de tomate, num contraste delicioso com o seu corpo musculoso. Havia ainda um pequeno pano de prato rendado pousado sobre o seu ombro.

Na bandeja, ao seu lado, havia morango, queijo branco e *crostinis*.

Um odor de algo saboroso italiano pairou no ar até ela salivar por tudo o que se encontrava naquele espaço, a comida e o homem.

Ele experimentou o molho e olhou para ela por cima da colher.

– Antes que você perca a calma, estou cozinhando para mim, não para você.

– Ah, é mesmo?

– Sim, não quero que pense que eu a estou atropelando – disse ele, jogando a colher na pia.

– Pode baixar a guarda. Eu vim em paz.

Ela se apoiou no batente da porta e se deleitou com o modo como os olhos dele foram atraídos na direção das suas pernas.

Era muito bom exercer o seu antigo poder feminino novamente.

– Hank, sinto muito ter gritado com você, mais cedo. Mantenho o que eu disse, mas não o modo como o disse.

– Está certo – disse ele, voltando a tampar as panelas. – E eu peço desculpas por não tê-la consultado.

– Você estava certo ao dizer que eu o teria demovido da decisão – reconheceu ela.

Ele enxugou as mãos no pano de prato.

– Você também estava certa. Surpreendê-la na primeira noite de Max em casa, depois da alta, não foi uma boa ideia.

– Você está perdoado.

Algo desconcertante cintilou nos olhos azul cobalto dele, muito rapidamente, e depois sumiu quase antes que ela pudesse registrá-lo.

– Suponho que isso significa que você não vai embora.

– Ficar aqui é o melhor para Max.

Seria o melhor para ela também? Poderia ter um caso descompromissado com Hank?

E o que importava se aquilo não seria duradouro? A simples ideia fazia todo o seu corpo latejar.

Gabrielle se afastou da porta e cruzou o chão de granito.

– Admito que estou frustrada por não poder dar a Max tudo de que ele precisa, mas reconheço que um hotel e uma mãe acabada não seriam o melhor para ele.

Ele ficou trocando o pano de uma mão para a outra.

– Isso significa que Leonie também pode ficar?

– Ela precisa do dinheiro.

Ela deu uma volta em torno dele.

– E você precisa de ajuda?

– Não abuse da sua sorte – disse ela, arrancando o pano de prato das mãos dele em pleno ar.

Ele deu um passo na direção dela, deixando o ar entre eles carregado.

– De jeito nenhum. Não quero desperdiçar as minhas chances com você.

Ela abriu a boca, chocada. Antes que pudesse fechá-la, porém, Hank enfiou um pedaço de morango entre os lábios dela.

Gabrielle mordeu a fruta e a explosão de sabor atingiu em cheio os seus sentidos já aguçados, transformando-a numa fã de morango de carteirinha.

Ela desviou a atenção para a bandeja, a fim de ganhar algum tempo para recolocar os seus pensamentos em ordem.

– Isso é um jantar?

– Sim, embora um pouco tardio.

O modo como ele pronunciou aquelas palavras pareceu carregar algum duplo sentido. Ou talvez ela estivesse querendo ouvir dessa forma.

– Estou morrendo de fome e feliz por você ter me esperado.

HANK OLHOU para Gabrielle, do outro lado da mesa. Seus jantares no pátio coberto já haviam se transformado num hábito muito prazeroso. Ele havia passado a tarde cozinhando para ela, a fim de fazer as pazes. Havia luzes pendendo das árvores, como na festa dos vizinhos, da noite anterior e música clássica, já que ele havia se lembrado de Kevin ter comentado que a havia acompanhado a um concerto.

O sorriso de Hank desapareceu ao olhar para ela.

Gabrielle estava certa quanto a eles estarem fadados a serem sempre três. Ele precisava se concentrar apenas neles dois, aquela noite.

Ainda estava grato por ela tê-lo perdoado e concordado em jantar com ele. Havia até parecido gostar realmente do seu molho de tomate e manjerição feito em casa. Seu repertório de refeições não era muito variado, mas como ter gasto uma tonelada de dinheiro a fim de obter ajuda para ela não havia sido de grande ajuda para ele, ele decidiu optar por algo mais pessoal. Ela havia crescido em uma família modesta, de modo que ele supôs que poderia atrair a atenção dela mais facilmente, mostrando-lhe como ele havia vindo de uma família mais pé no chão do que o atual status que a mídia atualmente lhe conferia, poderia fazer supor.

Ela remexeu a colher na sobremesa, uma tigela simples de sorbet de limão. Assar uma sobremesa ia para além de seus talentos culinários.

– Mais? – perguntou ele.

Gemendo, ela afastou a colher.

– Estou cheia. Realmente. Você se superou e está me fazendo sentir culpada.

– Você estava tão focada em Max, o que é perfeitamente compreensível, que achei que poderia precisar de um TLC extra.

– Você preparou uma noite maravilhosa.

Ela brincou com o globo de vidro, no meio da mesa.

– Quem poderia imaginar que você era tão bom cozinheiro e mestre de cerimônias?

– Minhas irmãs e eu nos alternávamos para pôr a mesa. Quanto às pequenas decorações – disse ele, dando um tapinha no globo, com contas e duas máscaras de *Mardi Gras* ao seu lado –, surgiram no pátio, trazidas pelo vento da festa do vizinho, na noite passada.

– Quem poderia imaginar que um milionário poderia ser tão econômico.

Ele era bilionário, na verdade, mas fazer aquela ressalva não lhe pareceu apropriado.

– Minha família nem sempre teve tantas posses. Meu pai era um cara normal, que servia o Exército. Ganhou a vida com o suor do seu rosto.

– Você deve ter muito orgulho dele.

O comentário dela o abalou. As pessoas costumavam perguntar o que o seu pai achava dele. Ninguém dirigia aquela pergunta a ele.

– Tenho mesmo. Ele é um cara incrível. Uma vez, quando comandava o esquadrão, lá em Guam...

– Você morou em Guam?

– Um lugar maravilhoso, como o Havaí, mas não tão apinhado de turistas. – Ele preferia se lembrar de lá daquela maneira, sem pensar nos tempos mais sombrios, depois que sua mãe morreu. – Eu gostaria muito de levá-la até lá, algum dia.

– Parece que você tem saudade dessa época, quando as coisas eram mais simples para a sua família.

Mais um comentário perspicaz da gata do outro lado da mesa, a mesma que havia ignorado totalmente o seu comentário a respeito de fazer uma viagem com ela. Hank sabia que estava andando sobre um terreno minado, ao falar de seu passado. Havia muitas lembranças dolorosas à espreita, mas teria que passar por isso se quisesse avançar com Gabrielle.

– A vida, certamente, era mais fácil, naquela época.

– E quando foi que ela mudou?

Ela brincou com a máscara de penas e contas de cor púrpura.

Ele inclinou a cabeça para o lado.

– Tem certeza de que não tem nenhum parentesco com Sigmund Freud?

Afinal, você é metade alemã.

Ela colocou a máscara sobre os olhos.

– Sou uma mulher misteriosa.

O sorriso dela fez o desejo correr quente pelas veias dele.

Ele a queria, muito, mesmo que aquilo significasse um total desastre em sua vida.

A máscara caiu e ela sorriu, desta vez encabulada.

– Mas não sou nenhuma freudiana, só estou curiosa para saber quem você é. Você mantém tantos muros em torno de si. Só agora estou me dando conta do quanto você permitia que Kevin conduzisse a conversa.

– O que você quer saber?

– Quando foi que as coisas mudaram para você? O que fez você deixar de admirar o seu pai e passar a manter distância dele?

Apontar um acontecimento em particular foi mais difícil do que ele poderia ter imaginado.

– Foram várias etapas. A morte de minha mãe, certamente modificou a dinâmica de toda a família. Ela foi o sustentáculo da família ao longo de todas aquelas mudanças. Apesar de dizer que ela era uma rocha, sei que, na verdade, ela era a pessoa mais flexível e leve da família.

Gabrielle tocou levemente a mão dele.

– Como ela se chamava?

– Jessica. O mundo inteiro pensa em meu pai e em Ginger como um casal – disse ele, olhando para a chama até o mundo ficar turvo –, mas ninguém se lembra dela.

– O casamento de seus pais era harmonioso?

– Eu não me lembro de muita coisa. Sei que minha mãe era a única pessoa que enfrentava o meu pai. Minha irmã mais velha disse que eles brigavam alto, a ponto de fazer as janelas tremerem, mas que também faziam as pazes com a mesma rapidez.

Logo depois, sua mãe botava as crianças para fora de casa, e lhes dava um dinheirinho para que tomassem uma refrigerante e comprassem balas.

Levem o tempo de que precisarem, crianças, dizia a sua mãe, piscando para o seu pai.

Deus, aquilo parecia ter acontecido há uma eternidade.

– Eu estava cursando o primeiro grau quando minha mãe morreu, algumas semanas depois do Natal, de um aneurisma. Ninguém poderia ter previsto uma coisa daquelas. Algumas pessoas disseram que foi uma bênção que ela não tivesse sabido de nada.

– Mas deve ter sido muito difícil para você não ter a chance de se despedir dela.

– Com certeza.

Mas ele estivera presente para se despedir de Kevin e aquilo não havia facilitado em nada as coisas.

– A notoriedade de meu pai não está vinculada ao dinheiro, ou ao fato de ele ser casado com Ginger. Ele sempre atraiu a atenção por quem ele era. Com todos nós foi assim. – Ele remexeu nas contas, tentando criar coragem para prosseguir. – Minha irmã Darcy foi raptada, em Guam.

Gabrielle pousou a máscara na mesa e ficou completamente quieta, focando toda a sua atenção nele.

– Um grupo extremista que queria que a base militar deixasse a ilha a pegou, durante um luau. – Dele. – Eles a mantiveram em cativeiro por uma semana. Ela não foi violentada... graças a Deus... mas uma coisa dessas, marca uma pessoa para sempre.

– E a família também, eu imagino.

Ele deixou as contas escorregarem de suas mãos.

– Não sei por que estou lhe contando tudo isso.

– Porque eu perguntei. – Ela deixou a sua cadeira e se agachou diante dele, com a máscara de penas ainda em sua mão. – Aliás, não sei por que nunca perguntei isso antes.

Ele deu um tapinha na testa dela.

– Desista, dra. Freud. Não há nenhum sentido oculto aqui. – Ele pegou a máscara da mão dela e a enfiou no bolso de sua blusa. – Apenas fatos.

Ela agarrou o pulso dele e voltou a puxar a sua mão, beijando a sua palma, para então, pressioná-la contra o seu rosto.

– Fatos que me fazem compreender como deve ter sido assustador você deixar uma mulher se aproximar a ponto de...

Ele a ergueu pelos cotovelos e a silenciou com um beijo.

Uma coisa era voar até o seu doloroso passado. Outra, completamente diferente, era deixar Gabrielle derrubar as últimas defesas que lhe restavam.

Os lábios dela se entreabriram sem hesitação, ainda com o sabor do sorbet de limão em sua língua. Ele puxou o corpo dela na direção do seu colo, finalmente tocando-a, roçando as suas costas e as laterais de seus seios fartos. Ele deslizou as mãos pela cintura e quadris dela. Havia esperado tanto para tocá-la que queria desfrutar de cada detalhe. Ele levantou a bainha do minivestido dela e tocou em sua pele descoberta, logo acima do cócs da legging.

Ela enterrou os dedos no cabelo dele, puxando-o para mais perto de si, sem protesto algum. Um calor o envolveu, por dentro e por fora. Aquela atração não era fruto da imaginação de ninguém, nem uma lembrança enganadora. Aquilo era real e intenso.

E estava prestes a se intensificar ainda mais.

CAPÍTULO OITO

A TRANSIÇÃO do pátio coberto para o quarto de Hank se passou em um borrão de beijos, toques e mãos frenéticas explorando um ao outro enquanto ambos subiam os degraus e se afastavam do mundo.

A porta se fechou, aninhando-os na privacidade do quarto deles.

Gabrielle pressionou ainda mais o corpo contra o de Hank. Parecia que ela não conseguia ficar suficientemente perto dele depois de tanto tempo desejando tocá-lo, explorar os músculos firmes do corpo dele. Ela já vinha tentando conter aquela avidez há muito tempo e agora podia finalmente tê-lo. Ainda que fosse apenas por aquela noite ou pelo restante do tempo que ela ainda permaneceria em Nova Orleans, ela podia finalmente se render à paixão tenaz que os atraía, um ao outro.

A perna dela se enganchou em torno da dele e seu pé acariciou a panturrilha dele.

Ele cheirava a orégano.

A comida caseira, as árvores iluminadas e as decorações de mesa que ele havia preparado a haviam tocado mais do que qualquer refeição de restaurante cinco estrelas.

Ele mordiscou a orelha dela, com a respiração quase tão quente quanto o corpo latejante dela.

– Tem certeza de que isto não está sendo rápido demais para você?

Ela arfou, sentindo o pulso latejar em seu peito... e mais abaixo.

– O modo como eu o beijei na noite passada não lhe deu nenhuma dica?

– Eu tinha esperança que sim, mas nós não temos nenhuma pressa – disse ele junto ao cabelo dela, acariciando o pescoço dela, seus ombros, tomando os seios dela em suas mãos, ousado e gentil, ao mesmo tempo.

– Nós dois já esperamos tempo demais por isso. Vamos voltar a nossa atenção apenas para o aqui e agora.

Ele passou os braços em torno dela.

– Sempre soube que você era uma mulher brilhante – disse ele, beijando seu maxilar até alcançar sua orelha.

– Esta noite foi incrível.

– Espero que fique ainda melhor.

Ele levantou o minivestido dela e enganchou os polegares no cóis de sua legging.

Um tremor delicioso deslizou por ela ao sentir o toque sobre a sua pele desnuda.

– Aposto que sim.

Ela jogou a cabeça para trás, dando-lhe livre acesso ao seu pescoço.

As mãos dele envolveram as novas curvas dela, demorando-se nelas com infinita ternura e apreciação. Hank fez com que ela se sentisse bela e sexy, e ainda mais especial depois de ter engravidado. Ela se deleitou na sensação das coxas firmes dele e seus quadris estreitos pressionados contra ela.

Hank afastou o decote do vestido dela com seu queixo e mordiscou o seu ombro, deixando a pele dela toda arrepiada.

– Temos que passar logo para a cama ou isso acontecerá junto à porta.

– Acha a porta tão ruim assim?

Ela puxou a camisa de cambraia do cóis da calça dele e enganchou os seus dedos nela a fim de puxá-lo mais para perto de si.

– De modo algum... – disse ele, beijando-a até voltar a olhá-la nos olhos – mas eu esperei tempo demais por você para correr agora.

A voz dele estava carregada de promessas. Ele entrelaçou a mão dele à dela e caminhou para trás em direção à cama de dossel. O restante do quarto entrou em foco pela primeira vez.

A espaçosa suíte master continha apenas uma cama, um armário enorme, já que não havia closets naquela casa histórica, e duas poltronas junto à

lareira.

As pernas dela bateram na cama. Ela realmente ia ter uma noite de amor com Hank. Um misto de nervosismo e expectativa se juntou à seiva inebriante que fluía em suas veias e seus dedos se apressaram em abrir os botões da camisa dele.

Gabrielle baixou o tecido pelos ombros dele e jogou a camisa no chão, fazendo com que a máscara de penas saltasse de seu bolso dela.

Ela já o havia visto com o peito desnudo antes, mas aquilo era muito diferente e bem mais íntimo. Ela se permitiu o prazer de simplesmente olhar para ele, admirando a espessa coluna do pescoço dele, seu peito bronzeado pelo sol e esculpido pelos exercícios.

Havia uma cicatriz de alguns centímetros junto à sua clavícula.

– O que foi isso?

– Um estilhaço – disse ele, tomando a sua mão na dele e beijando o pulso dela, demorando-se no pulso acelerado. – Nada demais.

Como nada demais? A cicatriz parecia muito profunda e terminava muito perto de sua jugular. Mais um pouco e ela o teria perdido também. Seu coração bateu descompassado.

Será que aquilo havia acontecido quando Kevin foi morto?

Hank tomou o rosto dela em suas mãos.

– Pare de pensar nisso. Isso é passado. Vamos viver o presente.

Os polegares dele acariciaram o rosto dela até ela enganchar os braços em torno da cintura dele.

– Faça-me esquecer, Hank, por favor.

– Não há nada que eu queira mais.

Ele colou seus lábios aos dela, outra vez, a boca quente e agora já familiar.

Suas mãos ousadas e confiantes ergueram o vestido dela, e ele interrompeu o beijo apenas por um segundo, a fim de passá-lo por sobre a cabeça dela. Os olhos dele se transformaram em uma chama azul enquanto ele abria caminho por todo o corpo dela, beijando o espaço entre seus seios, e então, mais embaixo, a fim de tirar a legging dela, substituindo sempre as suas mãos pela sua boca. Logo depois, ele se ajoelhou na frente dela e tirou a sua calcinha, acrescentando-a à pilha de roupas de ambos que jazia no chão.

Ela não havia estado com mais ninguém desde Kevin... desde ter tido um bebê... e seu corpo estava diferente agora. Ela não se considerava superficial, nem excessivamente vaidosa, mas aquela era a primeira vez dela com estrias e alguns quilinhos a mais. Ela ficou com a boca seca.

Os olhos de Hank se encheram de admiração quando ele agarrou os quadris dela, com um gemido grave de aprovação.

– Você é ainda mais bonita do que eu imaginei, e acredite, eu a imaginei desse jeito incontáveis vezes.

Ela olhou para baixo e viu que ele havia pegado a máscara de *Mardi Gras* e começado a traçar uma trilha sedosa ao longo da perna dela, por sobre o seu quadril e então mais alto até ficar de pé outra vez diante dela.

Já arfando de expectativa, ela se apressou em tirar o cinto dele e baixar seu zíper até ele arrancar a calça e a cueca. Ela passou os dedos pela barriga tanquinho dele até chegar aos seus quadris estreitos, e então fechar a mão sobre o membro ereto dele. Gabrielle o acariciou lentamente, passando o polegar sobre a gota perolada sobre sua glândula, para melhor deslizar sua mão por ele.

Vê-lo contrair o rosto e morder o lábio a deixou ainda mais excitada.

O maxilar dele se contraiu de tensão e ele fechou os olhos por duas batidas de coração, antes de agarrar o pulso dela e afastar sua mão. Num piscar de olhos, ele a agarrou pela cintura e a colocou gentilmente na cama.

Subindo na cama, ele se estendeu sobre ela, amplo e repentinamente contido. Em sua mão, ele ainda segurava a máscara. Ele passou as penas ao longo do pescoço dela com a intensidade certa de pressão a fim de provocar, sem fazer cócegas. Humm... aquilo foi inesperado e delicioso.

A cabeça dela virou para o lado e graças a Deus ele captou a mensagem de prosseguir com a carícia por seu colo, para a frente e para trás, até a pele dela ficar toda arrepiada. Ele seguiu a trilha sedosa entre os seios, circundando primeiro um, depois o outro, repetidas vezes, até ela morder o lábio inferior a fim de conter um grito e não implorar por mais.

Ele passou as penas sobre os bicos enrijecidos enquanto Gabrielle murmurava um misto de súplicas e pedidos, agarrando o braço dele e pressionando a cabeça contra o travesseiro.

As penas roçaram sua barriga, e então seguiram pela parte interna de suas coxas, muito próximas de onde ela mais ansiava por ele. Gabrielle arfou... Precisava de ar... de prazer... Seu pulso ecoava em seus ouvidos.

Os dedos dele substituíram as penas, e depois foi a vez de sua boca. Ela pousou as mãos nos ombros dele, prendendo-o no lugar, desfrutando do prazer que ele estava lhe proporcionando, enquanto imaginava tudo o que faria com ele ao longo da noite.

Os golpes de sua língua e a doce sutileza de seu toque a excitaram cada vez mais, até ela não conseguiu pensar mais em nada além daquela sensação aveludada, tão próxima do...

Mas ela não queria atingir o clímax sozinha. Ele já havia feito muito por ela, e Gabrielle queria que eles fossem parceiros, ao menos naquilo.

– Hank – disse ela, arfante, puxando-o para cima até ele se estender sobre ela outra vez. – Agora. Eu quero você todo agora.

Ela arqueou os quadris contra ele, a grossa extensão dele pressionando contra ela. Se ela se movesse, se ajustasse a ele, poderia tê-lo dentro de si, carne com carne...

Ah, meu Deus! Ela enterrou as unhas nos ombros dele.

– Camisinha... como eu pude me esquecer?

Ela não trocaria Max por nada nesse mundo, mas a gravidez havia sido um acidente, produto de uma noite em que ela e Kevin haviam bebido demais.

– Você não se esqueceu porque acabou de dizê-lo... – disse ele, tomando o rosto dela em suas mãos –, e eu cuidei disso.

Ele virou de lado e estendeu a mão na direção da mesinha de cabeceira e abriu uma gaveta. A caixa ainda estava lacrada e ela se deu conta de que ele havia comprado as camisinhas para aquela situação, para *elas*.

Ela se apoiou nos cotovelos e o viu colocar o preservativo, ansiosa. Ela passou os braços em torno do pescoço dele e o puxou para si, precisando esquecer como ela sabia que esqueceria com ele. A pressão entre as suas coxas afastava qualquer dúvida.

Enganchando as suas pernas em torno das dele, ela o recebeu dentro de si até ele chegar bem fundo. Os olhos dela se fecharam a fim de conter as

lágrimas por finalmente tê-lo, depois de tantos questionamentos, e a sensação de ele se movendo dentro dela era ainda melhor do que ela havia esperado. E sim, mais até do que ela temera porque alguma coisa tão especial assim fazia com que ela repensasse todo o restante de sua vida.

Embora a última coisa que ela quisesse fazer naquele exato momento fossem planos para o futuro. Ela queria viver o momento, apenas eles dois, o cheiro de seu sabonete de lavanda misturado com a loção pós-barba dele. Uma mescla especial de *ambos* pairava no ar. Ela girou os quadris enquanto Hank investia nela, num único ritmo.

O som da voz dele em seu ouvido a acariciou enquanto seus corpos deslizavam, um contra o outro. Hank a conduziu até o limite repetidas vezes, recuando no último segundo até que ela agarrar as costas dele, desesperada por ser saciada e...

Sucessivas ondas de prazer se abateram sobre ela, abalando-a com a intensidade daquela excitação há tanto contida. Um grito escapou de sua garganta, mas Hank abafou o som com a sua própria boca... ou talvez estivesse abafando o grito rouco de seu próprio clímax.

Ele a tomou em seus braços e a conteve enquanto ambos ainda eram atravessados pelos últimos tremores de seu intenso orgasmo.

Lentamente, ela recuperou a consciência, sentindo frio devido ao ventilador de teto que ela sequer havia notado antes. Sua mãos deslizaram pelo corpo de Hank, cujo peso a ancorava à cama. A máscara havia, de algum modo, sido esmagada entre ele, mas ela não se sentia capaz de fazer um movimento que fosse para afastá-la.

Todas as máscaras haviam caído, tanto literal quanto simbolicamente.

Nada de sombras do passado ou do futuro.

Naquele exato momento, Hank estava em seus braços, e ela o segurou com força, assustada ao perceber o quanto seria doloroso perdê-lo. Depois de já ter tido o seu coração abalado uma vez, ela não sabia ao certo se teria forças para se arriscar a sofrer outra vez.

HANK SE esparramou na cama, nu, tentando recuperar o fôlego depois da segunda rodada com Gabrielle. Ela havia provado ser tão adepta das

brincadeiras com a máscara quanto ele é capaz de atormentá-lo até ele alcançar os píncaros do prazer.

Estar com ela havia sido tão avassalador quanto ele tinha imaginado. Agora ele só precisava se assegurar de que ela não fugisse dele, apavorada, pois já conseguia ver as dúvidas e os temores assombrando os olhos dela.

Enroscada ao lado dele, ela brincou com a máscara.

– Eu não havia imaginado que você gostasse de brincar desse jeito, mas adorei a surpresa.

– Fico feliz em ouvir isso.

Ele acariciou as costas dela com os nós dos dedos, pouco acima da doce curva de suas nádegas.

– Você é muito diferente aqui, longe do esquadrão. Mais aberto.

– Todo mundo usa uma fachada em determinados lugares.

– Ficar nu, vulnerável, pode ser muito assustador.

Ela estremeceu e ele pegou a colcha de cetim para cobri-la e a puxou para junto de si outra vez.

– Não vou magoá-la.

Ela engasgou com uma gargalhada.

– Ninguém pode prometer uma coisa dessas. A vida dói.

Ele ergueu o queixo dela a fim de fazer com que ela voltasse a encará-lo.

– Você está sofrendo agora?

Ela balançou a cabeça.

– É claro que não. Estou feliz e saciada e um pouco assustada, mas nem um pouco triste.

– Bom... muito bom. – Ele baixou a cabeça e a beijou, demorando-se até ela suspirar de prazer. – Vamos tentar manter as coisas assim. Tenho um presente para você.

– Mais um? – Ela torceu o nariz. – Vai ter que fazer com que seu sócio invente um novo jogo se continuar assim.

– Confie em mim.

Ele viu a inquietação nos olhos dela, o medo de que ele fosse lhe dar alguma coisa totalmente inapropriada depois de eles terem feito sexo. Ela,

realmente, não o conhecia muito bem, mas ele pretendia mudar aquilo em breve.

Ele foi até o enorme guarda-roupa e tirou de lá uma sacola com artigos de uma *parfumeur* francesa. Ela franziu as sobrancelhas, curiosa, ao enfiar o lençol de algodão egípcio debaixo dos braços.

Ele pousou a sacola no meio da cama.

Gabrielle afastou o papel vermelho e dourado e um lento sorriso se espalhou pelo seu rosto...

– Espumas de banho! – exclamou ela, pegando um frasco depois do outro, experimentando os diversos cheiros e acessórios com evidente alegria.

– Você disse que só vinha tomando banhos apressados até agora. Uma das vantagens de ter a mim e a uma babá por perto, agora, é a de poder ficar na banheira quanto tempo quiser.

Ela abriu um pequeno frasco de óleo perfumado, sentiu o seu cheiro e gemeu em êxtase.

– Isso é o paraíso.

Rindo, ele lhe passou uma longa caixa estreita. Tinha ideias muito definidas para aquele óleo, mais tarde.

– Sei que não são belos diamantes, mas achei que você não os aceitaria caso eu a presentear com um deles.

– Você achou certo. Além do mais, pérolas de banho são muito mais preciosas do que as verdadeira porque isso foi muito atencioso da sua parte.

– Por que não experimenta uma delas agora mesmo?

– Agora?

– Claro. O banheiro está logo ali.

Ela se ajoelhou, beijou a testa dele e juntou todos os itens de seu presente que ela havia espalhado pela cama, quase tropeçando no lençol, de tanta excitação, a caminho do banheiro.

Hank se sentou no meio da cama, recostando-se na cabeceira, ouvindo-a cantarolando enquanto enchia a banheira. Por mais que quisesse tê-la outra vez, ele não ia interromper o seu primeiro banho mais longo desde o nascimento de seu filho.

Quão insano poderia ser sentir-se tão bem, simplesmente sentado ali, ouvindo-a cantar como quando havia feito amor com ela? O som da voz de Gabrielle o acariciou do mesmo modo como as mãos dela haviam feito há pouco.

Aquilo estava ficando sério.

Agora que havia estado com ela, não poderia, jamais deixar que ela escapasse.

GABRIELLE ABRIU novamente a torneira de água quente, reaquecendo a banheira pela terceira vez. Deveria haver um lugar especial no paraíso para a pessoa que inventou o aquecedor de água. Aquele banho de imersão acabou com o estresse até mesmo de partes de seu corpo que ela não havia se dado conta de que estavam tensas.

Mas ela não podia dar todos os créditos ao banho de espuma. O perfume de lavanda pairava no ar úmido. O presente atencioso de Hank afagara sua alma e conquistara seu coração. Ele poderia ter lhe comprado joias, e ela não teria aceitado, ou talvez chocolates, e ela não podia comer por conta da amamentação.

Em vez disso, porém, ele atentara para o que ela estava precisando e para o perfume que ela usava.

Ela mergulhou mais fundo na banheira onde cabiam facilmente duas pessoas e admirou a decoração do ambiente, pensando em tomar uma ducha, outro puro deleite de SPA com jatos vindos de todos os lados e ângulos.

Havia até mesmo uma televisão de tela plana, no alto de um canto, caso ela quisesse se recostar e assistir a um filme.

Ela nunca havia se considerado uma pessoa ligada em bens materiais, mas não se importaria de ter aquilo para si ao final de cada dia.

Com Hank esperando por ela, no quarto?

Ela não podia ignorar que eles tinham dado um passo enorme aquela noite.

Por mais que quisesse se convencer de que aquilo era apenas uma aventura, ela sabia que não era uma pessoa afeita a casos. Ainda era a

mesma pessoa que fora desde o começo: a moça que vivera para ser mãe, ter o seu próprio final feliz com o bebê mais bem-vestido, bem alimentado e feliz do mundo.

Aquele pensamento trouxe novamente à tona os mesmos medos que a haviam congelado depois de fazer amor com Hank.

Seu último namoro não havia acabado muito bem, mesmo antes de Kevin morrer. Aquela última briga que tivera com ele continuava se infiltrando em sua mente, fazendo com que ela se lembrasse de como ele queria que ela se mudasse para mais perto dele e ela resistira.

Seria loucura pensar no futuro agora? Afinal, Hank era muito mais vinculado ao estilo de vida militar do que Kevin. Como se o passado que eles haviam compartilhado com Kevin já não tornasse as coisas suficientemente complicadas.

Ela fechou a água quente. Nenhum aquecedor seria capaz de afastar aquele frio que havia se infiltrado em seus ossos.

OUVIR GABRIELLE tomar banho havia sido uma verdadeira tortura.

Tentando escapar da tentação, ele vestiu um moletom, saiu do quarto e seguiu em direção ao dela. Poderia dar uma olhada em Max e dar uma folga a Leonie, caso ela estivesse acordada.

Ele entrou no quarto à procura do monitor e ouviu a voz de Leonie entoando uma antiga canção de ninar, no quarto ao lado. A lembrança de sua mãe cantando desafinadamente enquanto decorava a árvore de Natal e de seu pai enlaçando-a pela cintura, dizendo que seus ouvidos estavam sangrando por causa daquele som lhe veio à mente.

Os dois haviam rido juntos.

Todos lhe diziam que ela havia sido uma ótima mãe, e a julgar pelos vídeos que ele vira, estavam certos. Seu pai não falara muito a respeito dela ao longo dos anos. Restringira-se a dizer que ela era uma mulher maravilhosa, cuidando sozinha dos filhos a maior parte do tempo, já que a carreira militar o mantinha afastado de casa.

Hank olhou para o escritório improvisado de Gabrielle que ela havia montado para trabalhar em seu website e estudar, além de cuidar de seu

filho. Era uma jornada tripla e ele desejou poder aliviar o fardo dela, de alguma maneira.

Os olhos dele pousaram em dois álbuns de recortes sobre uma pilha de livros. Ele pegou o álbum do alto da pilha e o abriu.

O rosto de Kevin pareceu encará-lo diretamente do túmulo.

Havia uma foto de Kevin e Gabrielle, no baile de Natal do esquadrão, com um botão de rosa vermelha preso no canto da imagem como uma mancha de sangue.

Eles pareciam felizes. Realmente felizes.

Ele olhou para si mesmo na foto e... droga!

Não era de admirar que Kevin soubesse o que ele sentia por Gabrielle.

Qualquer idiota que batesse o olho naquela fotografia saberia que Hank estava totalmente caído por ela. Seus olhos estavam colados nela, como os de um homem faminto olhando para um prato de comida depois de uma greve de fome.

Gabrielle, porém, não o havia notado. Parecera atônita quando ele a beijara, um ano atrás. Ou quando ela o beijara, conforme Gabrielle insistira. De todo modo, assim que começaram, a coisa foi mútua.

Será que algum dia ele conseguiria superar aquele sentimento de culpa?

Ele desviou o olhar rapidamente. Gabrielle estava junto à porta, usando apenas um robe de cetim. O tecido estava grudado em seu corpo úmido e seu rosto ainda estava vermelho do vapor. Seu cabelo estava preso no alto da cabeça, com algumas mechas soltas, grudadas em seu pescoço. A simples visão dela fez com que ele a desejasse outra vez. Ele cerrou o punho sobre a foto.

Ela adentrou o quarto e se sentou na poltrona, pousando o queixo em seus braços e olhando para ele do outro lado das costas do sofá.

- Achei que você viria me fazer companhia, na banheira.
- Achei que aquele era um momento só seu.
- Isso foi muito atencioso e sensível da sua parte.
- Para um homem, você quer dizer?

Ela riu, mas alguma coisa parecia errada.

- Eu me deleitei com o banho. Acho que até cochilei um pouco.

– Ótimo.

Os olhos dela pousaram no álbum de recortes diante dele.

Ele o fechou rapidamente.

– Eu não deveria tê-lo aberto sem falar com você antes.

Ela estendeu a mão na direção dele, a fim de reabrir o livro e o virou na sua direção.

– É tolice fazer uma coisa dessas e não permitir que ninguém a veja. Sinto muito se as fotografias o entristeceram.

– Na verdade... – disse ele, voltando à página em questão – fiquei triste comigo. – Como pude dar tanto na vista?

– Eu não sabia – disse ela, acariciando o rosto dele, na fotografia, até ele quase poder sentir o toque dela em sua carne. – Eu sabia que estava me sentindo atraída por você, mas não sabia que você sentia o mesmo, muito menos há tanto tempo.

– O modo como eu a beijei não lhe deu nenhuma dica?

– Eu achei que tinha me jogado em cima de você, que você havia reagido por impulso. Isso só fez dobrar a minha culpa porque eu tive medo de ter prejudicado sua amizade com Kevin.

– Que impulso que nada. – Ele se recostou, entrelaçando as mãos sobre a barriga. – Frustração contida, isso, sim.

Ela deixou o sofá e foi se sentar no braço da poltrona dele. Seus dedos acariciaram o maxilar dele, de verdade, exalando o cheiro bom de seu banho.

– Temos uma semana e meia para dar conta disso.

Uma semana e meia e então, ele retornaria à base, ao trabalho.

E ela ficaria em Nova Orleans?

Gabrielle não havia querido ir morar com Kevin e Hank tinha certeza de que ela não ia se mudar agora por conta de uma noite de sexo tórrido com ele. Ele precisava usar seu tempo sabiamente para persuadi-la a dar início a algo novo a partir dali.

Por mais que se sentisse culpado, ele não a deixaria.

Ele a puxou para seu colo e mordiscou o lóbulo de sua orelha.

– O que você acha de eu carregá-la de volta para meu quarto?

– Acho que você deveria me carregar de volta para a banheira de SPA para que eu possa tomar outro banho... com você.

CAPÍTULO NOVE

ACOSTUMAR-SE a compartilhar novamente a cama com alguém não era nada simples, ainda mais Hank sendo um grave ladrão de cobertas.

Bocejando, ela se esforçou para se orientar, tendo sido despertada de um sono profundo por um sopro de vento sobre o seu corpo. Gabrielle tateou o colchão no escuro, procurando um canto para se apoiar.

Durante a semana em que haviam passado a compartilhar a cama – depois de fazer um sexo incrível – ela havia descoberto que ele tinha um sono muito inquieto, coisa que só agravava o fato de ela ter o sono leve, depois de tantos meses mantendo-se atenta ao menor ruído emitido por seu filho.

Mas havia muitas outras coisas boas que superavam aquele hábito de Hank. Aquela semana havia sido recheada de comidas deliciosas e sexo maravilhoso. Eles haviam até saído com Max, tanto para um longo passeio de carro, quanto para uma simples caminhada ao longo do Lake Ponchartrain com Max no carrinho, um concerto no parque. As pessoas sempre os tomavam como uma família.

Eles pareciam uma família.

Ela piscou a fim de adaptar a vista, mas ainda estava escuro.

A luz da lua raiava pela janela do quarto, lançando iluminando uma faixa da cama. Ela virou para o lado e viu Hank sentado.

Seus olhos estavam abertos, mas ele estava claramente dormindo.

Ele havia jogado as cobertas no chão. Seus punhos estavam agarrando o lençol. Sua boca se movia, murmurando algo ininteligível, como se ele não conseguisse emitir nenhum som.

Ele estava no meio de um pesadelo muito ruim, a julgar pelos tendões enrijecidos que saltavam em seu pescoço.

Dor, medo e algo muito intenso exalavam de Hank como ondas de uma nuvem tóxica.

Como ela poderia despertá-lo sem assustá-lo?

Ela teve medo de tocar nele. Não que imaginasse que ele a machucaria deliberadamente, mas ele parecia pronto para atacar.

Afastando-se lentamente, ela ligou o abajur, torcendo para que aquilo pudesse amenizar qualquer terror noturno que pudesse ter se apoderado dele. A cabeça dele se mexeu, mas ele não acordou. As palavras saltavam de sua boca, algumas tomando formas, outras não.

Cuidado. Deus. Não. Kevin. Agente firme.

Ela se deu conta do que estava acontecendo, sentindo aquela nuvem tóxica se expandir e envolvê-la também. Hank estava sonhando com a morte de Kevin.

Ela sentiu um aperto no peito. Quis correr para muito, muito longe, mas não podia deixá-lo sozinho naquela situação. Ele já havia passado por aquilo uma vez, uma tortura a que ninguém deveria ser submetido.

– Hank – disse ela, suavemente, mas com firmeza. – acorde. Você está em Nova Orleans comigo. Gabrielle. Está tudo bem. É só um sonho. Está me ouvindo?

Piscando mais rápido, ele arfou repetidas vezes até se virar para ela.

– Gabrielle?

Ela pousou a ponta dos dedos em seu braço.

– Você está bem?

Ele passou as mãos sobre a cabeça.

– Não – disse ele, com uma voz rouca e carregada de raiva. – Só um segundo.

– Você estava sonhando com o Oriente Médio, não é?

Ele assentiu, sem dizer coisa alguma.

– Com Kevin?

Ele assentiu outra vez, sentando-se na beirada da cama. Se ela deixasse o silêncio se estender, ele iria embora. Seus pés já estavam apoiados no chão. Ele iria deixá-la de fora daquilo e lidar com a sua dor sozinho.

Depois de tudo o que ele havia feito por ela, ela não podia deixar que ele carregasse tudo aquilo sozinho. Ele havia erguido muros enormes em torno de si. Já era tempo de alguém ser suficientemente persistente para escalá-los.

Ela se sentou atrás dele e pousou o rosto no seu ombro.

– Ver a mim e a Max deve trazer tudo de volta à sua mente. – Ela acariciou o braço dele até sentir os músculos tensos relaxarem. – Talvez tivesse sido melhor para você não ter vindo direto para cá.

– Não se culpe – disse ele, agarrando a mão dela com força. – Eu poderia olhar para uma moeda e de algum modo associar isso a Kevin e àquele dia...

– Pode me contar o que aconteceu? – perguntou ela, sem saber ao certo se queria mesmo ouvir, mas certa de que não poderia abandonar Hank.

– Os pais de Kevin não lhe contaram nada? Eles receberam o relatório oficial.

– Sei o que aconteceu com ele e sei também que você estava lá. – Embora eles não tivessem compartilhado muitos detalhes. Até aquele momento, ela não sabia ao certo por que ele havia sido atacado em terra. Sempre achara que, se o pior acontecesse, seria por conta de abaterem seu avião. – Eu quero ouvir o que aconteceu com *você*.

Ele permaneceu em silêncio por tanto tempo que ela teve medo de que ele acabasse não falando.

Foi então que ele suspirou profundamente.

– Nós estávamos numa fronteira. Todos haviam saído do ônibus para mostrar os documentos. Aquilo deveria ter sido algo rápido e fácil, não estávamos nem mesmo numa zona perigosa.

O coração dele batia com força sob o ouvido dela. Ela passou os braços em torno dele, abraçando-o e garantindo que ele não fugisse e aguardou.

– Um atirador de tocaia atingiu Kevin com dois tiros antes que eu pudesse me mover para cobri-lo.

Apenas algumas poucas palavras que a transportaram para lá com a dor em sua voz. Ela quase podia sentir o cheiro acre no ar, a sensação da areia em sua boca porque teria gritado. Como alguém poderia não fazê-lo?

– Eu carreguei Kevin de volta para o ônibus.

Ela abraçou Hank ainda mais forte e a cicatriz junto à sua clavícula lhe pareceu, subitamente, ainda mais terrível.

– Foi aí que você ficou com essa cicatriz?

– Sim.

Ela fechou os olhos com força e engoliu as lágrimas. Ele também havia sido baleado. Ela poderia ter perdido ambos. Mas o que importava naquele momento era Hank, ampará-lo como ele havia feito com ela.

Pigarreando, ele continuou:

– Passei um rádio para que os médicos retrocedessem, mas a frequência estava congestionada por conta de diversos chamados. Então, arranquei a camisa dele.

A mente dela se encheu de imagens dos últimos momentos de Kevin passados em um ônibus militar, numa terra estranha. Quantos mais estariam no ônibus com eles?

Só sua tropa, ou outras, também? Ela podia ouvir as vozes, os gritos, imaginar o cheiro de morte e desespero.

E os últimos pensamentos de Kevin sobre ela haviam sido quanto a como ele sabia o que ela e Hank sentiam um pelo outro. A culpa se abateu sobre ela, outra vez. Será que Kevin teria sentido algum conforto em saber que ela estava esperando um filho seu?

Ela se odiou por não ter compartilhado aquilo com ele. Havia pensado que aquilo o distrairia quando ele precisava focar sua atenção em outra coisa e ele acabou morrendo do mesmo jeito. Ela tentou lutar contra as lágrimas, precisando ser forte por Hank.

– Tenho certeza de que você fez tudo o que pôde – disse ela, apesar de saber que aquilo não era suficiente. Sabendo que ele mal a havia ouvido, uma vez que seus olhos estavam desfocados e que, em sua mente, ele ainda estava ajoelhado junto a Kevin em um deserto dos infernos.

– Eu fiz a única coisa em que consegui pensar. – As palavras fluíam cada vez mais rápido de dentro dele. – Coloquei meus dedos nos buracos das balas para tentar conter o sangue. Ele me pediu para cuidar de você, e então eu vi a vida deixar os olhos dele.

O coração dela se partiu ao imaginar o desespero que ele deveria ter sentido.

Hank se levantou abruptamente, deixando os braços dela caírem. Ele não olhou para trás, apenas pegou o jeans pousado sobre a cadeira e deixou o quarto. Quando a porta se fechou atrás dele, ela se deu conta de que só havia pensado em como ficar com ele poderia magoá-la e de modo egoísta não havia pensado em como ele deveria estar sofrendo.

Ainda que ela conseguisse superar o sentimento de culpa para levar aquele relacionamento adiante, Hank talvez não.

HANK DESCEU a escada em direção à cozinha.

Ele precisava de uma cerveja, mas teria usado qualquer pretexto para sair daquele quarto cheio de lembranças.

O pesadelo já havia sido suficientemente ruim, mas ter revivido o dia em que Kevin morreu o havia exaurido. Ele havia passado dez meses tentando se refazer do que tinha acontecido. Voltar, porém, aos Estados Unidos, estar lá com Gabrielle, era como se ele tivesse que aprender a lidar com a morte de Kevin outra vez.

Contendo um palavrão, Hank deu a volta na cozinha e se deteve.

Leonie estava sentada na cozinha, comendo uma torta de nozes e folheando uma revista de fofocas enquanto Max dormia em seu carrinho.

– Olá, Major. – Ela desceu do banco alto, fechando melhor o robe sobre o pijama. – Posso servi-lo?

– Não, obrigado. Estou sem fome.

Ele estava muito confuso e teria preferido ficar sozinho. Abriu a geladeira e pegou uma caixa de suco. Às favas com a boa educação.

– Fico feliz em ver que vocês estão se entendendo. Eu não estava muito certa de que as coisas se ajustariam entre vocês.

– E por quê? – disse ele, virando-se para ela, ainda com a caixa na mão.

– Você contratou uma babá sem consultá-la no dia em que o filho dela voltou do hospital. – Ela limpou o canto da boca com um guardanapo. – Qualquer mulher ficaria zangada.

– Por que aceitou o trabalho, então?

Ele nunca seria capaz de compreender as mulheres.

– Preciso do dinheiro. Ela precisava descansar. – Ela sorriu, ajeitando a manta sobre Max, com ternura. – E eu amo este rapazinho.

– Você poderia ter me dito alguma coisa para que eu não a aborrecesse.

– Dizer a uma pessoa o que ela deve fazer nunca funciona. – Ela levou o prato até a pia e o lavou. – As verdadeiras lições que se aprende na vida decorrem dos erros que cometemos e do que fazemos para consertar a situação. É assim que se constrói um relacionamento.

– Relacionamento? – Ele se contorceu. – Por favor, não seja tão clichê.

– Achei que você era melhor nisso – suspirou Leonie.

Ele só queria alguma coisa para beber e um pouco de espaço para se refazer e agora estava sendo atacado por uma mulher que mal conhecia.

– Por que está fazendo isso comigo?

– Porque você não tem uma mãe, e por algum motivo, não tem muito contato com sua família. Quem mais vai lhe dizer o que você precisa ouvir?

Ele arqueou uma sobrancelha, imitando o olhar superior de seu pai. E daí? Ele seguia os passos de seu pai de todas as outras formas.

– Você tem lido revistas demais.

– Adoro essas revistas de fofocas. As notícias sobre sua família vendem muito.

Uma terrível suspeita o perturbou.

– Quanto você precisa deste dinheiro?

O sorriso de Leonie desapareceu.

– Não tanto a ponto de fazer algo que magoasse Gabrielle ou esse menininho, e seria capaz de furar os olhos de quem o fizesse.

Ele procurou os olhos dela e só viu honestidade neles.

– Ótimo, então estamos falando a mesma língua.

– Vai pensar no que eu disse?

– Sobre o quê?

– Homens... – resmungou ela, indo ver como estava Max.

Hank, porém, a interrompeu.

– Vou ficar um pouco com ele. Vá dormir um pouco ou ler mais uma revista. Não deve ser fácil trocar o dia pela noite desse jeito.

– Está bem. Você é o chefe.

Ele colocou a caixa de suco na mesa e se sentou em frente ao bebê sonolento. O filho de Kevin. O filho de Gabrielle.

Ele agitou o chocalho diante do menino e viu os traços das duas pessoas que ele mais amava se mesclarem em seu rosto. Max piscou aqueles olhos azuis para ele, e então, todas aquelas características traços se fundiram num único indivíduo.

Max.

Hank estendeu as mãos para tirar o bebê do carrinho e o aninhou no gancho de seu braço, agitando o chocalho outra vez, já que o menino parecia gostar daquilo. Max agitou seu pequeno punho no ar, roçando o de Hank com sua pele de bebê, mais macia do que qualquer outra coisa de que Hank podia se lembrar. Os dedos minúsculos de Max se enroscaram em torno de seu polegar, segurando firme.

– E aí, companheiro? – disse ele, suavemente. – Vamos nos divertir muito juntos. Você gosta de baseball? Com uma pegada dessas, aposto que você vai arrasar. Você e eu vamos ser...

O quê? Ele não sabia ao certo qual era seu papel junto ao menino. O que haveria naqueles álbuns de recortes quando Gabrielle lhes acrescentasse as fotos dele com Max? Ele não queria ser um pai substituto. Queria ser o pai verdadeiro. Um pai para Max e um marido para Gabrielle.

Mas ele também não queria se esquecer de Kevin, e não sabia como faria para conviver com um fantasma.

GABRIELLE ACORDOU sozinha com todas as cobertas para si.

Por que, então, não estava contente?

Ela estendeu a mão para tocar o espaço vazio ao seu lado, e os lençóis não estavam nem mesmo quentes. Hank não havia voltado para a cama depois que tivera o pesadelo. Ela pensara que fazê-lo falar sobre o sonho e o que

acontecera dez meses atrás faria com que ele se sentisse melhor. Mas o que ela sabia sobre lembranças de guerra? Ela podia ter piorado as coisas estimulando-o a falar antes que ele estivesse pronto para fazê-lo.

Para onde ela ia dali para frente?

Talvez ela precisasse parar de pressioná-lo e lhe dar algum espaço. Kevin sempre lhe contara como Hank mantinha distância de sua família, que era o tipo de homem que gostava de manter sua vida privada em segredo. Ele devia estar especialmente vulnerável hoje, mas ela não lhe diria isso, por nada nesse mundo. Ele não sabia reconhecer suas necessidades emocionais, de modo que ela ia ter que cuidar daquilo para ele.

As coisas haviam acontecido muito rápido e num ritmo muito intenso. Ela pressionou a mão sobre o coração dolorido e desejou que sua vida pudesse ser um pouco mais simples só para variar.

Embora algumas coisas fossem diretas, como as necessidades de seu filho. Ela vestiu o robe, ajeitou-o o cabelo com os dedos e foi ver o filho para a mamada da manhã. Ela abriu a porta do quarto de Max.

Leonie estava sentada junto à janela lendo uma revista de fofocas.

Ela ergueu os olhos, deixando os óculos bifocais escorregarem sobre seu nariz.

– Max está lá embaixo, com o major. Ele insistiu em cuidar dele e quem sou eu para discutir com um homem charmoso daqueles – disse Leonie, abanando-se com a revista. – E cuidando de um bebê! Isso, sim, é sexy.

– Obrigado por me atualizar, Leonie.

O coração de Gabrielle se apertou ao pensar em Hank sofrendo por causa da perda de seu amigo e então vendo o filho dele ali, na sua frente. Mas Hank se preocupava tanto com os outros que acabava ficando para trás.

Com sorte, ela poderia amamentar Max rapidamente e então levá-lo para o passeio da manhã, conquistando a devida distância para organizar a sua vida.

Ela procurou nos quartos do andar de cima, mas não encontrou nem Hank, nem Max. Ela desceu pela escada dos fundos até a cozinha, também vazia. Ela fechou o robe, desejando ter colocado uma roupa e calçado sapatos, ou pelo menos vestido uma camisola sob ele.

Finalmente, ela encontrou Hank na biblioteca. As cortinas estavam fechadas e o lugar estava às escuras, iluminado apenas pela primeira luz da manhã, suficiente, porém, para que ela o visse, adormecido, no sofá de couro.

Max dormia sobre o seu peito.

Leonie era uma mulher muito esperta, porque naquele exato momento, Gabrielle não conseguia pensar em nada mais atraente que a visão de seu bebê cochilando sobre o peito desnudo de Hank. Sua mão larga, mantinha o bebê junto a si, e ela não duvidou nem por um segundo que se Max se mexesse minimamente, Hank o manteria em segurança no lugar.

Contratar uma babá havia sido muito atencioso e generoso da parte dele, mas ver como Hank havia escolhido ficar com Max e cuidar dele quase fez Gabrielle se ajoelhar diante dele.

Um zumbido baixo atraiu a atenção dela para a ponta da mesa onde estavam a carteira e o celular de Hank. O zumbido soou outra vez, e ela se deu conta de que o celular dele estava vibrando.

Hank estendeu a mão na sua direção, por cima da cabeça, pegou o celular e o silenciou. Ele virou a cabeça na direção dela, abrindo os olhos azuis e claros como se estivesse acordado o tempo todo.

– Há quanto tempo está aí?

– Apenas há um minuto ou dois. Preciso amamentar Max.

Seu filho se agitou ao ouvir o som de sua voz, estendendo os seus bracinhos e bocejando. Ela caminhou em direção a Hank enquanto ele se sentava, ajustando Max ao peito como um profissional experiente.

– Claro, aqui está ele. – Ele lhe passou o menino sem tocá-la nem olhá-la nos olhos.

Um silêncio se abateu sobre eles, prenhe de tudo o que ele havia dito a ela, na noite anterior. Ela teria corrido para cima naquele exato segundo, mas Max se agitou em seus braços, à procura de comida.

Ela se sentou na ponta do sofá, abriu o robe e colocou o filho junto ao seio. Ele se agitou freneticamente por alguns segundos, antes de começar a mamar com um suspiro faminto. Hank permaneceu na outra ponta do sofá, esfregando a nuca e olhando alternadamente para ela e para o corredor.

O celular de Hank vibrou outra vez, e ele o desligou antes de enfiá-lo no bolso. Para alguém que estava dormindo tão pacificamente, seu humor havia mudado muito ao despertar.

Assim que Max terminasse, ela daria algum espaço para si mesma e para Hank. Iria até mesmo levar Leonie para que Hank pudesse ter a casa para si.

– Hank, acho que...

A campainha tocou, interrompendo-a. Ela ergueu o olhar rapidamente e viu Leonie correr pelos degraus.

Gabrielle tomou a cabeça de seu filho nas mãos protetoramente. Hank se levantou abruptamente. Algumas vozes soaram no corredor, a de Leonie e de mais algumas outras pessoas que ela não reconheceu.

Ela aninhou o filho com mais força junto ao peito.

– Alguém invadiu a casa?

Hank voltou a se sentar no sofá, contendo um xingamento com os dentes cerrados.

– Não são invasores. É a minha família.

CAPÍTULO DEZ

GABRIELLE quis sair correndo. Qualquer lugar serviria contanto que ficasse longe dos quatro adultos postados com Leonie na entrada em forma de arco, olhando para ela, boquiabertos. Não que ela pudesse culpá-los. Se ao menos ela soubesse que eles estavam para chegar poderia ter corrido para cima a fim de se vestir.

Ela havia lido artigos suficientes sobre as famílias Renshaw e Landis para reconhecer o pequeno grupo. Não era preciso acompanhar as revistas de fofocas para se manter atualizada a respeito deles. O pai general de Hank estava ali, ao lado de Ginger, sua segunda esposa. Um casal mais jovem pairava atrás deles. Apesar de os quatro filhos de Ginger se parecerem muito uns com os outros, Gabrielle teve quase certeza de que aquele era o mais novo, o arquiteto que fazia reformas em casas históricas, que também era casado com uma mulher com raízes nobres em sua árvore genealógica. Sua esposa carregava uma garotinha de um ano junto ao quadril.

O que eles deveriam estar pensando?

Ela não precisou perguntar. Sabia exatamente o que qualquer pessoa razoável suporia a partir daquelas aparências. Hank estava descalço, especialmente sexy, usando apenas uma calça jeans, baixa, e ela desejou ardentemente ter colocado algo mais que um simples robe e que não estivesse amamentando o seu filho no sofá.

Se afastasse Max, ela se arriscaria a se expor ainda mais diante daquele quarteto já atônito sem falar que Max começaria a gritar como um

esganado.

Estariam julgando-a? Perguntando-se se ela estava tirando vantagem de Hank? Ela se perguntou a mesma coisa.

Ela buscou os olhos deles e só encontrou curiosidade.

Muita.

Ela olhou para Hank em busca de ajuda, bem na hora em que ele deu um passo em direção à família.

– Como podem ver, não estávamos esperando companhia. Que tal atravessarmos o corredor a fim de dar a Gabrielle um pouco de privacidade com seu filho? Poderei apresentá-los a ela mais tarde.

Ele os conduziu para fora da biblioteca, fechando as portas atrás de si.

Ela ouviu as vozes se erguerem e imaginou que todos deveriam estar bombardeando Hank de perguntas.

Se ao menos ela pudesse discernir as palavras. Seu filho continuou a mamar tranquilamente, indiferente ao fato de o mundo dela ter virado de cabeça para baixo.

Poucos minutos depois, a porta se abriu outra vez e Gabrielle ficou tensa. Era Leonie.

– Trouxe roupas para você e posso levar o rapazinho embora se vocês já tiverem terminado.

Leonie se sentou ao lado dela, com uma pilha de roupas sobre os seus joelhos.

– Você só terá que fazê-lo arrotar.

– Tudo bem. – Leonie pegou o bebê e deu alguns tapinhas nas costas dele.

– Você acredita que estamos sob o mesmo teto que uma antiga secretária de estado? E da realeza?

– Acredite ou não, eles estão aqui.

Lá se iam os planos dela de dar algum espaço a Hank.

Protegida pelo robe, ela vestiu sua lingerie e o jeans, e então enfiou o sutiã e a camisa comprida branca. Ela calçou as sandálias. Vestida, graças a Deus.

Talvez ela ainda conseguisse dar um pulo em seu quarto para dar os últimos retoques. Ela abriu as portas duplas para espiar.

Não teve sorte.

Hank estava do outro lado do corredor, na sala de jantar, com seus convidados surpresos. Todos os olhares se voltaram para ela. Leonie passou por eles e levou Max para cima, o que desviou a atenção deles, momentaneamente.

Mantendo a cabeça erguida, Gabrielle ajeitou os ombros. Hank se posicionou ao lado dela, pousou a mão em sua cintura, baixou a cabeça e sussurrou:

– Eu não lhes contei coisa alguma. Quis esperar para ver o que você queria dizer, embora duvide que alguém acredite que não estamos juntos.

Ele beijou o rosto dela e se empertigou. Ela nem sequer se deu ao trabalho de protestar. Eles *estavam* dormindo juntos e negar isso só pioraria a situação.

– Ginger, pai – disse Hank –, esta é Gabrielle.

O sr. Hank Renshaw, uma versão mais velha e grisalha de seu filho, assentiu lentamente. Ele não precisava do uniforme para parecer um general.

Ginger Landis Renshaw deu um passo à frente e estendeu a mão a ela com um sorriso que pareceu autêntico.

– Peço desculpas por termos aparecido sem avisar. Nós deveríamos ter telefonado.

Seu cabelo entre louro e grisalho, na altura do ombro estava tão perfeitamente arrumado que Gabrielle teve dificuldade em conter a sua vontade de passar a mão sobre o próprio cabelo despenteado. Ela se lembrou de ter lido que aquela mulher estava perto dos 60 anos, mas estava muito bem para a idade. Usava um leve suéter rosa claro, pérolas e um jeans. Ginger Landis não era nem um pouco parecida com o que ela havia esperado. Graças a Deus, porque aquela mulher diante dela parecia bem menos intimidadora.

Gabrielle a havia visto frequentemente nos noticiários, sempre perspicaz e inteligente, e às vezes inflexível e determinada.

Hoje, um lado mais suave se apresentava a Gabrielle.

– Eu sou Ginger. Muito prazer em conhecê-la, embora eu não saiba exatamente a quem estou sendo apresentada, já que Hank não nos contou coisa alguma além do seu nome.

– É um prazer conhecê-la, também, senhora. É evidente que sou uma amiga muito próxima de seu enteado. – Ela tomou a mão da senhora na sua, sorriu encabulada e apreciou o leve aperto de encorajamento. – Ele tem me ajudado com o meu filho desde que meu noivo faleceu.

Pronto. Agora era a vez *dele* de dizer o que queria quanto a quem era o noivo dela e o que havia acontecido no estrangeiro. Ela sabia como Hank valorizava a sua privacidade.

O suspiro coletivo de alívio dos quatro chamou sua atenção.

Ginger segurou seu colar de pérolas.

– Quer dizer que o bebê não é filho de Hank.

Oh, meu Deus, eles haviam pensado que...?

É claro que sim, e deviam estar magoados com a ideia de que Hank podia ter tido um filho sem contar nada a eles.

O próprio Hank já devia ter chegado à mesma conclusão, e mesmo assim, os deixara na dúvida enquanto ela se vestia?

Hank apontou para o casal mais jovem.

– Este é meu meio-irmão mais novo, Jonah, e sua esposa, Eloisa. Sua filha se chama Ginger. – Ele olhou para Jonah. – Traidor.

Jonah apontou para a esposa.

– Foi ela quem quis dar o nome da minha mãe à nossa filha. Estou nas mãos de Eloisa e nas de minha filha também.

Hank revirou os olhos.

– Você vai se lembrar de eu ter mencionado Jonah quando quis alugar essa casa.

Ele lançou um breve olhar na direção do meio-irmão.

Jonah apontou a esposa outra vez.

– Ela arrancou a informação de mim – disse ele, envolvendo a cintura dela. – Fico indefeso quando se trata dela, lembra?

Ginger pousou uma das mãos sobre o braço do enteado.

– Nós sentimos muito por ter invadido sua casa assim, mas a *Architectural Digest* está fazendo uma sessão de fotos dessa casa para divulgar a reforma de Jonah. Será muito bom para os negócios dele.

– Você também não mencionou isso – resmungou Hank para Jonah.

– Não tive tempo – disse Jonah. – Mamãe organizou isso ontem a fim de ter uma desculpa para vir aqui. Além disso, você não atendeu o celular. Isso é que dá ignorar sua família.

O general riu suavemente.

Gabrielle ainda estava presa às palavras *sessão de fotos*.

– Eles vão fotografar a casa?

– E nossa família – disse Ginger, sorrindo orgulhosamente. – Além de ser uma ótima publicidade para Jonah, é uma ótima chance para mim de exibir meus parentes sem me preocupar com os *paparazzi* caindo das árvores no meio de um piquenique só para conseguir uma foto para alguma revista barata.

Era melhor Leonie jogar as suas revistas fora se quisesse conquistar a simpatia de Ginger.

O general prosseguiu:

– Descobrimos que se publicarmos periodicamente nossas próprias fotos, o público ficará suficientemente entediado para nos deixar em paz por algum tempo.

Ginger enganchou um braço no de Gabrielle.

– Vai tirar as fotos conosco? Amigos são sempre bem-vindos.

– Não sei o que dizer.

– Não precisa decidir nada agora. Estou muito feliz em conhecê-la. Pode pensar à vontade enquanto desfazemos as malas. Cavaleiros, poderiam, por favor, tirar as malas do carro?

Uma sensação de pânico invadiu o estômago de Gabrielle. Ela olhou rapidamente para Hank. Havia um misto de frustração e resignação estampado em seus olhos.

– TUDO BEM para vocês se ficarmos aqui? – perguntou seu pai.

Hank tirou as malas do Mercedes SUV.

– Sim, general, é claro.

– *Filho...*

Seu pai havia feito parte do Joint Chiefs of Staff e lidado com a dinâmica de um mundo explosivo sem derramar uma gota de suor, mas ainda ficava

muito irritado quando seus filhos o chamavam de general.

– Sim, *pai*?

– Assim é melhor.

O general assentiu, caminhando ao lado dele, carregado com a bagagem para uma estadia tão curta.

Embora metade parecesse pertencer a Jonah e o bebê de Eloisa. Havia um segundo carro estacionado atrás do de Hank e o de Ginger, preto, com dois homens de terno. Seu pai e Ginger mantinham ao menos um segurança toda vez que saíam de casa, número que aumentava indubitavelmente quando se tratava do lado real da família.

Nada mais de namorar no pátio coberto.

Seu pai acertou o passo com o dele.

– O menino é seu filho?

Hank se deteve junto aos degraus. Seu pai o estava chamando de mentiroso?

– Você ouviu Gabrielle dizer que não.

– Ela o estava protegendo?

O olhar de seu pai ficou intenso, do mesmo modo como fazia quando cuidara sozinho de três adolescentes.

Hank conteve a vontade de simplesmente ir embora. Ser questionado por seu pai aos 16 anos era uma coisa, mas agora chegava a ser vergonhoso.

– Não preciso que ninguém me “proteja”, especialmente Gabrielle. Se Max fosse meu filho, você já saberia de sua existência.

– Você não conversa muito com o restante da família.

– É verdade – admitiu ele –, mas eu não esconderia um filho meu. Ainda que tivesse decidido esperar para contar a vocês, eu jamais teria deixado Gabrielle afirmar que o menino é filho de outra pessoa.

A dúvida desapareceu dos olhos do pai dele.

– É claro. Eu deveria saber disso. Você é um homem honrado.

– Obrigado.

Ele começou a subir os degraus do pátio dos fundos.

– Você também é um homem muito reservado, o que faz com que seja muito difícil para sua família participar de sua vida.

– Você acha?

Um riso se ergueu do peito do pai dele e Hank o acompanhou. A última semana e meia tinham sido bastante estressantes. Havia sido muito bom ter ouvido dos médicos que Max ficaria bem, e estar com Gabrielle, também, mas ainda havia muita bagagem do passado de ambos rivalizando com tudo aquilo.

Seu pai se deteve entre ele e a porta.

– Se o filho não é seu, quem era o noivo falecido a quem ela se referiu? Suponho que seja ele o pai.

– Meu parceiro Kevin, um piloto da minha tropa. Ele morreu no Afeganistão.

– Tem certeza de que sabe o que está fazendo, filho?

– Pai, não pedi a sua opinião.

O rosto do velho senhor se enrugou num sorriso.

– Isso nunca me deteve antes. Nunca chegaremos a lugar algum se esperarmos que nos peçam as coisas.

– Está bem. Não vou *perguntar* se você se importa de eu ir embora.

Ele se virou, pronto para dar a volta a fim de entrar pela outra porta.

– O noivo dela não pode ter morrido há muito tempo.

As palavras do pai o detiveram.

– Dez meses – respondeu Hank sem se virar, sentindo novamente o cheiro terrível de explosivos e de sangue.

Ele ouviu os passos de seu pai se aproximando. Sua grande sombra se estendeu sobre Hank, como havia feito a vida toda.

– Filho, tem certeza de que ela já superou o luto? Não estou dizendo que ela não é a mulher certa para você. Só estou perguntando se a hora é certa.

A sombra se moveu quando o general recuou, deixando suas palavras pairarem no ar. Por mais que Hank tentasse viver a própria vida, o legado de seu pai ainda o perseguia. Haveria alguma coisa em sua genética que o levava a repetir tantas das escolhas de seu pai, mesmo quando ele se esforçava para ser diferente? Seu pai havia até mesmo se apaixonado pela viúva de seu amigo.

Hank ainda permaneceu no último degrau, muito tempo depois de seu pai ter pegado a bagagem e entrado na casa.

ENQUANTO TODOS os outros desfaziam as malas, Gabrielle se sentou ao sol com Ginger enquanto a pequena Ginger brincava a seu redor e Max dormia. O momento parecia tão atemporal, como se eles pudessem ter sido uma família há anos, reunindo-se daquela maneira.

Com as mãos trêmulas, ela agarrou os braços do sofá de rattan.

– Você nunca se cansa desses seguranças acompanhando-a por onde quer que vá?

Ginger olhou para os seguranças pelas janelas como se tivesse se esquecido deles.

– Claro, mas tento me lembrar que isto é apenas parte do trabalho que tive a sorte de exercer. – Ela pegou a neta em seus braços e rodou com ela. – Embora ser avó seja o melhor trabalho do mundo. – Ginger pousou a criança sorridente no chão e pegou o dedo do pé de Max suavemente. – Ele é um bebê muito doce. Espero que não se importe se eu perguntar... O que são essas pequenas incisões em sua barriga?

Como era estranho que toda aquela preocupação tivesse desaparecido em tão poucos dias.

– Ele passou por uma cirurgia, esta semana, por conta de problemas no sistema digestório, mas já está bem. É por isso que estou aqui. Na casa de Hank, quero dizer. Ele está me ajudando porque Max é filho do seu amigo. Está agindo como uma espécie de pai substituto.

Ginger se sentou no sofá de rattan, ao lado dela.

– Embora seja evidente que Hank é seu amigo, também.

Estaria ela perguntando por pura curiosidade ou por preocupação com a sua família?

– Já nos conhecíamos antes... de modo que também somos amigos.

A mão de Ginger pousou sobre a bolsa de fraldas que a mãe da pequena Ginger havia deixado com ela antes de subir para desfazer as malas.

– Conheço Hank desde que ele tinha a idade do seu filho.

– Achei que você havia se casado com o general há bem menos tempo que isso.

Ela estava se dando conta do quão pouco sabia a respeito de Hank além o que lia nos jornais. Quanto daquilo seria realmente verdade?

– Meu marido... o primeiro marido, também era da Aeronáutica. – Seus profundos olhos azuis, da mesma cor dos de seu filho, se iluminaram com nostalgia. – Meu marido Benjamin não fez carreira militar, como Hank. Ele só queria servir por alguns anos, para retribuir o que havia recebido de seu país, e então entrou para a política. Enquanto estávamos nas Forças Armadas, digo nós porque uma esposa acaba se sacrificando muito por ser casada com um militar, fizemos amizade com Hank e Jessica. Nossos filhos brincavam juntos, também. Quando Jessica morreu, ajudei Hank com as crianças, assim como ele me ajudou com os meninos, depois que perdi Benjamin. – Ela se deteve, olhando pela janela e tentando afastar uma dor que nem mesmo o tempo, aparentemente, havia diminuído. – Nunca houve nada entre nós enquanto nossos cônjuges eram vivos, nada. Acredite-me, ficamos muito chocados quando percebemos que nossa amizade havia se transformado em algo mais.

Gabrielle se virou para não demonstrar a vergonha que ainda a atormentava devido àquele beijo que ela havia trocado com Hank enquanto Kevin ainda estava vivo. Kevin podia tê-los perdoado em seu último suspiro, mas ela não conseguia perdoar a si mesma.

Ela olhou para o jardim, à procura de respostas ou da mesma paz que Ginger também parecera procurar do outro lado da janela. Em vez disso, porém, Gabrielle viu Hank. Seus longos passos cruzaram o chão com extrema rapidez em direção ao segurança que estava sob a sombra de um carvalho.

Com as mãos enfiadas nos bolsos, ele se deteve e falou com o segurança. Hank havia vestido uma camisa, arregaçado as suas mangas e calçado botas, mas não parecia menos em comando do que quando estava usando seu uniforme.

Como seu pai.

Ginger pressionou os dedos nos cantos de seus olhos, respirou fundo e então sorriu outra vez.

– Mas nós estávamos falando do pequeno Hank.

– *Pequeno* Hank?

Ginger deu de ombros, sorrindo afetuosamente para seu enteado, no gramado.

– Para mim, ele sempre vai ser aquele menino dirigindo seu carrinho para cima e para baixo, na calçada. Ele amava ficar ao ar livre. Já comandava as brincadeiras desde então, mas sempre jogou muito limpo. Limpo até demais.

Gabrielle afastou seus olhos de Hank e voltou a atenção novamente para a conversa. Ela se lembrou de sua mãe, a Mulher Maravilha, mãe perfeita e esposa de militar a quem nenhum ser humano poderia esperar se igualar.

– Como alguém pode jogar limpo demais?

Ginger se inclinou para a frente, pousando os cotovelos sobre os joelhos, sem disfarçar nada em seus olhos azuis de aço.

– Ele coloca a todos na sua frente, às vezes até em detrimento de si mesmo.

– Está dizendo que estou me aproveitando dele?

– De jeito nenhum. Só estou dizendo que ele se esforça tanto para ser um bom rapaz que pode não estar lhe revelando o que está sentindo. Pergunte-lhe o que ele quer. Não suponha. Pergunte repetidas vezes até ele falar de verdade.

Será que ela havia deixado de fazer alguma pergunta importante a Hank? Será que Hank só estava com ela para ser um bom rapaz? Ele havia lhe dito que aquilo já não se tratava mais de uma dívida para com Kevin, mas de um desejo de estar com ela. Se bem que mesmo antes de Ginger ter dito qualquer coisa, Gabrielle já havia percebido que Hank estava se debatendo com seus limites.

Ele havia aberto seu coração para ela, na noite passada, deixando-o tão exposto que ele agora precisara manter alguma distância dela, depois disso, ficando com Max, em vez de voltar para a cama, com ela. Era evidente que ele não estava disposto a compartilhar mais nada e ela também não estava muito certa de que suportaria se ele o fizesse.

E Ginger achava que ela precisava ir ainda mais fundo?

Em vez de ajudá-la, as revelações de Ginger só aumentaram o seu temor de não ser a pessoa certa para Hank. Estava recebendo, recebendo e recebendo dele desde que ele havia voltado a fazer parte de sua vida. Ele merecia alguém que pudesse retribuir, que pudesse derrubar aqueles muros altos e cuidar dele também. A cada segundo que passava, a possibilidade de um futuro ao lado de Hank parecia cada vez mais complicada e improvável.

Ginger se levantou e alisou o seu jeans.

– Chega de conversa séria por hoje. Vamos nos divertir um pouco.

– Fazendo o quê? – Gabrielle se agarrou à mudança de assuntos com unhas e dentes, ávida por pisar em território mais seguros.

– Uma loja local nos enviará algumas roupas para escolhermos o que usar na sessão de fotos. – Ginger tomou a mão de Gabrielle na sua e fez com que ela se levantasse também. – Toda mãe de bebês pequenos merece uma tarde de paparicos e beleza.

CAPÍTULO ONZE

HANK CAMINHOU pelo corredor com se estivesse num treinamento de sobrevivência, sentindo-se com 15 anos por se esgueirar daquele jeito para que seu pai não o ouvisse entrar no quarto de Gabrielle. Ele não havia sido capaz de ficar nem mesmo alguns poucos minutos sozinho com ela desde a chegada de sua família. Primeiro sua madrasta a abduzira durante toda a tarde a fim de experimentar vestidos, depois o jantar que se estendera por horas enquanto eles alternavam perguntas sutis dirigidas a Gabrielle e a discussão a respeito da sessão de fotografias, no dia seguinte.

Aquela era sua casa! Pelo menos a casa que ele havia alugado por mais algum tempo, embora aquilo não tivesse impedido ninguém de lhe pedir um quarto. Ninguém tinha mais limite naquela família. Ele estava muito irritado com o escrutínio, mais que o habitual.

O escrutínio de seu *pai* foi ainda mais fundo. E se ele tivesse razão sobre Gabrielle ainda não ter superado a perda de Kevin? E se ela nunca fosse capaz de fazê-lo?

Hank agarrou a maçaneta de cristal do lado de fora do quarto dela.

Ele já havia permanecido distante dela antes e a experiência havia sido infernal. Ele não acreditava que poderia fazê-lo outra vez, não depois de ter estado com ela. Ele a desejava e não podia se imaginar deixando-a outra vez. O restante teria que se resolver sozinho.

Ele bateu levemente na porta de Gabrielle, antes de entrar. A cama dela estava vazia e as cobertas intocadas.

Ela estava caída sobre a sua mesa, adormecida.

Com que frequência ela se esgotava de trabalhar daquele jeito? A tarde que havia passado com sua madrastra, experimentando vestidos devia ter atrasado sua programação. Ele trancou as portas do corredor e do quarto de Max. Qualquer um que viesse à procura dela teria que bater na porta.

Cuidadosamente, ele passou os braços em torno das costas dela e sob as suas pernas. A mão dela escorregou da mesa, com as unhas pintadas de um rosa suave. Aquilo, certamente, era coisa de Ginger. Sua madrastra era uma mulher prática em muitos aspectos, mas gostava muito de manicures.

Ele pegou Gabrielle no colo, aninhando-a a seu peito e o robe de cetim dela se abriu revelando uma camisola. Sua mente retornou imediatamente à desconfortável interrupção ocorrida naquela manhã, na biblioteca.

Ela não seria pega seminua outra vez.

Maldita vergonha – enquanto ele fosse sua única plateia.

Gabrielle se agitou nos braços dele.

– Hank?

– Shhh... Volte a dormir. Eu só a estou levando para a cama para você ficar mais confortável.

Ela passou o braço em torno do pescoço dele, com os olhos sonolentos.

– Espere. Ponha-me no chão. Estou quase terminando o artigo...

– O prazo acaba amanhã? – Porque se fosse esse o caso, ele permaneceria ao seu lado, revisando-o, se ela precisasse dele.

– Não.

O sono desapareceu dos olhos dela. Ela pousou a outra mão no peito dele, traçando o desenho da abertura da camisa dele.

– Então você pode terminá-lo depois.

– Você está certo. Eu tenho tempo. – Ela abriu um botão, e então outro. – Para isso.

Ela mordiscou o lóbulo da orelha dele.

O desejo o atingiu em cheio em seu ventre. Ele a segurou com mais força junto a si. Ela cheirava a lavanda e a Gabrielle, e ele teve que se conter para não possuí-la ali mesmo.

Ele a colocou na cama. Na verdade a jogou e deu um passo para trás, tentando ao máximo ser um cavalheiro.

– Você precisa dormir.

– Dormi bastante na semana passada, graças a toda a ajuda que você e Leonie me deram. – Ela moveu os ombros de modo a fazer com que seu robe deslizesse e tirou a camisola por cima da cabeça. – Sei muito bem do que estou *precisando*.

Aquilo poderia ser infinitamente egoísta de sua parte, mas ao vê-la deitada apenas com uma calcinha mínima verde escura, ele simplesmente não conseguiu dizer não.

– E de que, *exatamente*, você precisa? – Ele tirou o relógio e o pousou na mesinha de cabeceira com deliberada precisão, e tirou uma camisinha de sua carteira para que ela soubesse que ele sempre a protegeria de todas as maneiras possíveis. – Porque eu realmente quero ouvir cada detalhe.

– Você, aqui, fazendo tudo o que eu mandar.

Ele arqueou as sobrancelhas.

– Ah, você quer...

– O controle. Algum problema?

O desafio nos olhos verdes dela o excitou ainda mais.

– Nenhum. – Ele tirou a camisa e o jeans e se deitou na cama ao lado dela. – O que vai fazer comigo agora que me tem?

Agarrando-o pelos ombros, ela o deitou de costas sobre o colchão e montou sobre ele.

– Vai ter que esperar para ver.

– E quanto tempo terei que esperar?

Ele latejava contra a pressão quente da calcinha de cetim dela.

– Paciência... – Ela se remexeu apenas o suficiente para tentá-lo sem fazê-lo perder o controle.

Contendo um gemido, ele fechou os olhos e a agarrou pela cintura, fazendo com que ela roçasse o corpo mais rápida e fortemente contra o dele.

Ela foi para o lado e ele se moveu para agarrá-la.

Só que ela não ia a lugar algum. Ela pegou o cinto do seu robe e o fez deslizar pelo peito dele. Um sorriso divertido se espalhou em seu rosto e ela

se inclinou sobre ele para...

Ela o estava vendando!

Ela passou o cinto duas vezes sobre os olhos dele e o prendeu com um beijo, amarrando, depois, os pulsos dele na cama.

É claro que ele poderia se libertar a qualquer momento, mas quem ia discutir se ela estava querendo assumir o controle?

Ele relaxou os braços e deixou seu corpo pesar sobre o colchão, afundando a cabeça nos travesseiros e prendendo assim, sua venda. O gemido dela de aprovação o atingiu com um suspiro quente junto ao peito, que logo foi substituído pelos dedos dela. Ela usou seu toque, seus lábios e o deslizar de seu cabelo ao longo da pele dele para fazer um jogo parecido com o que ele havia feito com a máscara.

Gabrielle desceu cada vez mais baixo até... roçar suas madeixas pela ereção, quase fazendo com que ele perdesse o controle antes mesmo de começar. O cheiro de lavanda dela havia aderido ao cinto, invadindo a cada vez que ele arfava com crescente dificuldade.

As mãos dela substituíram os seus cachos, acariciando, deixando-o louco de desejo.

Foi então que a boca de Gabrielle se fechou sobre ele e ele agarrou o lençol, contendo a vontade de gritar.

Ele estendeu a mão na direção dela a fim de puxá-la para junto de si e ela afastou os braços dele, continuando a excitá-lo cada vez mais com seus lábios, sua língua, até que ele teve que mandar a venda às favas e arrancou o cinto de seu rosto.

– Está bem, você venceu. Vou enlouquecer se não colocar as minhas mãos em você agora.

Ela beijou a barriga dele, ronronando junto a sua pele.

– Sou toda sua.

Graças a Deus.

Hank a agarrou e a deitou de costas. Pegou, então, a camisinha, da cabeceira e se cobriu em tempo recorde, antes de penetrá-la profundamente.

Segurando as mãos dela no alto de sua cabeça, ele investiu nela repetidas vezes, olhando para o rosto dela para ter certeza de que ela estava tão louca

de desejo quanto ele. Descontrolado? Totalmente.

Alguma coisa naquela mulher acabava com toda a sua capacidade de ser razoável, virando todo o seu mundo de cabeça para baixo.

Ela olhou para ele, com as pupilas dilatadas e o peito afogueado de prazer, os sinais de que ele precisava para saber que ela também estava perto do êxtase. Mesmo assim, ele se conteve e esperou, até vê-la perder o controle e atingir o clímax.

Foi só então que ele se permitiu acompanhá-la, num orgasmo intenso, já desejando tê-la outra vez.

Por inteiro. Gabrielle seria sua esposa independentemente de qualquer outra coisa.

Ele a pressionaria com toda a intensidade para fazer com que aquilo acontecesse antes que ela pudesse escapar.

GABRIELLE TENTAVA fechar o zíper de seu vestido, temendo forçá-lo demais e acabar estragando aquela roupa que custava mais do que o que ela ganhava em um mês de trabalho. Quem poderia imaginar que uma sessão de fotos, um “jantar de família”, incluiria um vestido longo formal, cabeleireiro e manicure.

Ela até havia gostado de cuidar do cabelo e das unhas, mas se sentira desconfortável quando se dera conta de que o estilista que desenhara seu vestido era o mesmo que já havia vestido Reese Witherspoon para o Oscar. Ginger havia lhe dito para não se preocupar. Eles iriam doar as roupas para uma instituição de caridade que levantava fundos para as sobreviventes de câncer de mama. Com a consciência levemente aliviada, ela aceitou o “empréstimo” para a sessão de fotos.

A seda de cor de ameixa deslizou sobre a pele dela fazendo com que ela se lembrasse de todos os modos como ela e Hank haviam usado o cinto do seu robe, na noite anterior. O jogo de poder com a venda, e depois, o de prender as mãos, havia prosseguido quase até o nascer do dia, deixando ambos arfantes e exaustos.

O modo como eles haviam feito amor a deixara ainda mais confusa quanto a como eles entrelaçariam suas vidas. Ela não pudera deixar de notar

a seriedade no olhar de Hank, a intensidade de cada um de seus movimentos. As coisas estavam indo rápido demais. Ela queria mais tempo para se situar antes – e se – eles tornarem seu relacionamento público, mas aquela opção havia desaparecido no momento que a família dele adentrou o foyer sem ser anunciada.

Ela ouviu uma batida na porta.

– Sou eu, Hank. Já está se arrumando?

Ela segurou o vestido no lugar e seguiu, descalça, até a porta, a fim de deixá-lo entrar. Ela destrancou a porta e começou a lhe dizer que havia mudado de ideia sobre participar da sessão de fotos, sobre expor seu relacionamento, não importando o que a madrasta dele pudesse dizer, mas quase engoliu a língua ao ver Hank em seu uniforme formal da Aeronáutica.

Diversas fileiras de medalhas brilhavam em seu peito, além das asas de prata de aviador, acima delas. Ela já o vira vestido daquela maneira antes, mas sempre estivera com Kevin, de modo que havia tratado de manter a devida distância dele.

Agora, porém, Hank estava cem por cento ao seu alcance.

A mão dela pousou sobre o coração dele.

– Você me tira o fôlego.

– Eu deveria lhe dizer o mesmo – disse ele, sem nem mesmo olhar para o vestido dela.

Os olhos dele permaneciam fixos no rosto dela.

Ela tocou seu queixo, sua boca, que havia lhe proporcionado tanto prazer na noite anterior. Se ao menos eles pudessem se trancar no quarto dela...

Havia pessoas esperando por eles, lá embaixo.

– Preciso da sua ajuda para fechar o zíper do meu vestido.

– Contanto que eu possa baixá-lo, mais tarde.

Ele a empurrou para dentro do quarto, e fechou a porta atrás de si. Pousou, então, alguma coisa sobre o armário, e deu uma volta em torno dela.

Ele beijou o seu pescoço antes que ela pudesse ver o que ele havia trazido consigo. Seus lábios se demoraram ali enquanto ele subia o zíper. Ela jogou a cabeça para trás até ele roçar os lábios nos dela.

Afastando-se, ela disse:

– Não sei se eu deveria aparecer nessas fotografias. E se as pessoas acharem... mais do que deveriam?

– Elas vão achar que você é minha namorada, o que é verdade. Eles podem até achar que somos amantes, o que também é verdade.

As mãos dele deslizaram pela sua cintura e quadris.

– Ou acharão que contratei uma modelo incrivelmente sexy para posar comigo.

Ele colocou as palmas de suas mãos sobre a barriga dela e a puxou para junto de si, pressionando-a contra sua crescente excitação.

– Hank, tem certeza de que não podemos simplesmente cancelar a coisa toda? Leonie já se programou para passar a noite com Max. Poderíamos nos trancar aqui ou caminhar pelo Lake Ponchartrain de mãos dadas.

– As duas opções me parecem infinitamente mais excitantes do que esse jantar. Se estiver falando sério quanto a cancelar tudo, nós o faremos.

Ela estava tentada a fazer exatamente aquilo, mas as palavras de Ginger voltaram a sua mente, fazendo com que ela se lembrasse de como ele sempre colocava os interesses dos outros na frente dos seus.

– Sua família ficaria chateada com você, e não quero causar problemas.

– A opinião deles nunca me deteve antes.

A menos que ele frustrasse os planos de sua madrasta – planos esses que Ginger havia arquitetado apenas para participar de sua vida – haveria uma profunda decepção. Por mais limites que ele lhes impusesse, era evidente que Hank amava a família, ainda que preferisse se manter um pouco mais longe deles do que os outros membros.

Ela colocou os braços sobre os dele enquanto ele a abraçava por trás. Sorrindo para ele no espelho, ela dizimou suas dúvidas.

– Vamos jantar, e depois caminharemos junto ao lago.

– Se você tem certeza.

– Eu tenho.

Mais ou menos.

– Está bem. Temos um encontro marcado para mais tarde. Por enquanto...

Ele se inclinou sobre ela para pegar uma caixinha de veludo de cima do armário.

Ele a abriu, revelando uma ampla pulseira de diamantes, que faziam conjunto com um brinco de pingentes de diamantes.

Ela arfou diante de toda aquela beleza e horrorizada ao pensar no quanto aquilo poderia ter custado.

– Hank, eu não posso...

– Use as joias para as fotos – interrompeu ele, fechando a pulseira em um dos pulsos dela e lhe passando os brincos que continham diamantes suficientes para comprar uma casa. – Se quiser discutir a respeito, terá que falar com Ginger.

Ela, porém, sabia que era ele quem estava por trás daquelas joias. Ela colocou um brinco e depois o outro.

– E se eu perder um deles?

Ele a agarrou pelos ombros e a virou em sua direção.

– Gabrielle, são apenas brincos.

– Brincos de diamantes.

Muitos.

– Eu nunca dei importância ao dinheiro antes, mas me flagrei querendo gastá-lo com você, de facilitar a sua vida.

Ela acariciou o rosto dele, cuja intensidade mexeu mais com ela do que as próprias joias.

– Obrigada, mas não sou o tipo de mulher que gosta de ser sustentada.

– Poderia ser bem mais que isso – disse ele, tomando a mão dela na sua. – Você poderia vir morar comigo. A maior parte das suas aulas é on-line e eu poderia ajudá-la com Max.

Ela sentiu um aperto no peito, cada vez mais em pânico.

– Pare com isso, Hank. Eu me esforcei muito para conquistar a vida que construí para mim aqui, em Nova Orleans. Não vamos nos apressar.

– Apressar? Sou apaixonado por você há quase dois anos. Nós já éramos amigos antes. Somos amantes agora. – A voz dele ficou ainda mais tensa a cada palavra. – Droga, por mim, já teríamos nos casado.

Ela sentiu um nó na garganta. Ele a havia silenciado de *medo*. Ela sentiu as raízes de seu cabelo se arrepiarem e o ar lhe faltou. Ela queria ficar com ele e estava provavelmente apaixonada por ele também.

Aquela proposta a deixou tentada, mas... casamento?

Independentemente do que ele havia dito sobre eles já conheceram um ao outro há algum tempo, um passo daquele tamanho era algo definitivo demais, cedo demais para ela lidar com a ideia.

Hank flexionou o maxilar, com os olhos gelados.

– Seu entusiasmo é aterrador.

Ah, meu Deus, ela o havia magoado. Ela agarrou a mão dele.

– Hank, você me pegou de surpresa. Não sei o que dizer.

Ele a soltou.

– Vou facilitar as coisas para você de modo que não tenha que inventar desculpas esfarrapadas. Meu pai acha que eu deveria lhe dar mais tempo para superar a morte de Kevin. Você ainda o ama?

– Não é assim tão simples.

Ele aproximou o rosto.

– Para mim é.

Como foi que aquela conversa havia ficado tão fora de controle?

Como é que a sua *vida* havia ficado tão fora de controle? Ela se esforçou por encontrar as palavras certas para desfazer aquela tensão.

– Kevin e eu estávamos tendo problemas. Você sabe que nós discutimos antes do remanejamento quanto a minha mudança para ficar mais perto dele, e agora está me pressionando para tomar a mesma decisão.

– Foi mesmo esse o motivo da discussão?

Ele a prendeu com seus olhos excessivamente perspicazes.

Ela desviou o olhar.

– É claro que sim.

– Mas vocês vinham falando disso havia meses. Não sei por que não vi isso na época, mas imagino que algo diferente tenha acontecido aquele dia, algo maior.

A perspicácia dele mexeu com Gabrielle. Ela queria deixar o passado para trás, mas nunca conseguiria fazê-lo com Hank. Suas vidas estavam

excessivamente entrelaçadas para isso.

– Brigamos porque da única vez em que eu fiquei bêbada, nós nos esquecemos de usar a camisinha. Está feliz agora? – Ela enfiou os pés nas sandálias prateadas. – Agora vamos jantar.

Com as mãos atrás das costas e os pés firmemente plantados no chão, ele bloqueou a passagem dela.

– Não estou nem um pouco feliz, mas quero ouvir até o fim.

O que ele estava esperando conseguir pressionando-a daquela maneira? Por que não podia apenas seguir o conselho de seu pai e lhe dar algum tempo?

Ela gostava muito de Hank, e a ideia de perdê-lo a assustava quase tanto quanto a de seguir em frente rápido demais. Ela precisava fazer com que ele compreendesse o que havia acontecido entre ela e Kevin, para compartilhar as coisas que havia calado antes.

– Naquele dia, nós brigamos outra vez por conta disso porque ele queria que eu fosse a uma festa com ele e eu não queria sair para beber. Só queria ficar com ele antes da partida. Talvez estivesse tentando me assegurar de algo por saber que as coisas já estavam meio instáveis entre nós.

A expressão de Hank era indecifrável. Ela havia se concentrado tanto em ajudá-lo a superar a dor de ter visto Kevin morrer que não havia considerado nem por um instante a possibilidade de ele sentir ciúmes de Kevin. Mas ela não podia ignorar aquela possibilidade agora.

– Antes que eu me desse conta, estávamos brigando. Eu estava cansada de sempre ter que ser a responsável do casal, de sempre ter que ser a adulta...

A parte que viria a seguir era ainda mais difícil.

– Eu disse a ele que não estava pronta para constituir uma família, que não queria ser como a minha mãe.

E pensar que aquele bebê precioso já estava crescendo dentro dela.

A voz dela ficou ainda mais grave.

– Não contei a Kevin que estava grávida porque tive medo que ele jogasse isso na minha cara.

Hank esfregou o maxilar como se não soubesse o que pensar.

– Por que não me contou isso antes?

– Perdoe-me por não querer compartilhar detalhes da minha vida sexual com Kevin.

Ela nunca havia contado a verdade a ninguém. A briga havia sido particular, e independentemente do que tivesse acontecido com Hank, então, Kevin merecia aquele tipo de lealdade.

– Quero dizer, por que não me contou que vocês estavam tendo problemas mais sérios? – disse ele, num misto de angústia e raiva. – Tem ideia de quantas vezes eu me recriminei por tê-la beijado aquela noite?

– Eu também me recriminei, mas naquela época, eu não queria trair a confiança de Kevin contando algo tão pessoal. Além do mais, achei que não fazia muita diferença.

– Nós éramos dois envolvidos naquele beijo, e apesar de não termos um relacionamento na época, eu achava que ainda éramos amigos, de modo que fazia diferença, sim.

Será que as coisas teriam sido diferentes se ela tivesse se aberto com Hank, aquele dia? Ela não sabia como poderia ter sido honesta com ele, quando não poderia ter sido honesta consigo mesma. Como nada parecia estar funcionando, ela tentou mudar o rumo daquela conversa.

– Será que não podíamos voltar ao momento em que eu o amarrava na cama?

– Isso não tem graça nenhuma agora – disse ele.

Sua raiva, porém, não a enganou nem por um defunto. A dor dele era visível e ela não tinha a menor ideia de como consertar as coisas. Droga, ela também estava magoada.

Por que ele estava fazendo aquilo agora?

– O que você quer que eu faça?

– Você não tem que *fazer* coisa alguma. Isso não tem nada a ver com você assumir o controle na cama, ou com o relacionamento a que eu achei que nós estávamos dando início. – Ele balançou a cabeça, enfiando os punhos cerrados nos bolsos de seu uniforme. – Você fica dizendo que não quer ser como a sua mãe, mas está tentando exercer o mesmo tipo de controle que ela, tentando provar que não precisa de ninguém.

– Isso não é justo.

Ela havia ido morar com ele e permitido que ele cuidasse de seu filho. E dela.

– Mas é verdade.

Ela gelou com aquelas palavras.

– Se você não pode me aceitar como eu sou, não há jeito de isso funcionar.

Ela havia lutado muito e por muito tempo a fim de conquistar sua independência para jogá-la por causa de Hank Renshaw. Ela o queria desesperadamente, mas isso não significava que iria abrir mão do controle de sua vida.

O silêncio e a distância entre eles pareceu se estender indefinidamente e ela compreendeu que não havia mais como chegar até ele.

Ela esperou que ele lhe dissesse que ela estava enganada, que tudo ficaria bem, mas Hank havia gritado com ela do mesmo modo como Kevin havia feito quando ela não correspondera às suas expectativas de perfeição, só que dessa vez, a dor havia sido bem maior.

CAPÍTULO DOZE

DESDE A primeira vez em que vira Gabrielle, Hank se perguntara o que poderia ter acontecido se ele a tivesse conhecido antes de Kevin.

Agora que havia tido a oportunidade de conquistá-la, ele havia posto tudo a perder em menos de duas semanas.

A mão gelada de Gabrielle estava enganchada no seu braço ao descer a escada para a sessão de fotos.

Seu pai esperava por ele no foyer, ao lado de Ginger, usando o mesmo uniforme que ele, mas com estrelas em seus ombro largos e um peito tão cheio de medalhas que era de se admirar que ele ainda conseguisse permanecer ereto. Sua esposa usava um vestido vermelho e era toda sorrisos. Será que a chegada de sua família havia piorado as coisas ou simplesmente exposto o inevitável?

Ele não sabia.

Todo o seu mundo havia fugido a seu controle e não havia nada que ele pudesse fazer a respeito. Exatamente como quando sua mãe havia morrido, quando sua irmã havia sido raptada, quando Kevin havia morrido.

O fotógrafo clicava incessantemente no foyer, na velocidade de uma metralhadora, conduzindo Hank de volta ao campo de batalha, no momento em que ele havia perdido Kevin. Os flashes o cegaram a ponto de ele ter que lutar contra o desejo de se esconder. Sua boca ficou seca. Ele não podia forçar Gabrielle a aceitar o que ele tinha a oferecer. A única coisa que

podia fazer era colocar um pé na frente do outro como havia feito a vida toda.

SE FOSSE em qualquer outra ocasião, Gabrielle teria desfrutado imensamente do jantar, com todos aqueles detalhes históricos.

Naquele momento, porém, ela precisou usar de todas as suas forças para não desmoronar durante aquele evento familiar. Não queria constranger Hank saindo correndo, em prantos. Ela iria se conter até o jantar terminar e depois decidiria para onde ir com o seu filho.

Ela piscou repetidamente para afastar as lágrimas e colou um sorriso no rosto ao ouvir os acordes de Beethoven ressoarem pelo sistema de som da casa. A sala de jantar havia sido transformada em tudo o que ela teria desejado se a casa fosse sua. Eles haviam espalhado plantas para preencher os espaços mais vazios e o aparador estava repleto de louças finas e talheres de prata, e um garçom posicionado discretamente a seu lado.

A mesa fora decorada por um candelabro em espiral e um belo arranjo de flores, além de taças de cristal, porcelana chinesa e talheres de prata para dezesseis pessoas.

Dezesseis?

Ela olhou rapidamente para Ginger e o general, e então para Jonah, em seu smoking, ao lado da esposa, que usava um vestido dourado. Quem mais estava por vir e por que Ginger não o havia mencionado antes?

A campainha soou e os portões se abriram.

Gabrielle deu um passo para trás, instintivamente quando todos os filhos dos Renshaw e dos Landis surgiram no foyer com seus respectivos cônjuges e filhos.

O grupo todo preencheu o espaço em um misto de mais uniformes, vestidos de grife e uma joias valiosas.

As apresentações se passaram num borrão de nomes e fotos antes de eles se acomodarem na mesa monstruosa.

Hank puxou a cadeira para ela sem dizer uma palavra. Sua mão roçou as costas dela brevemente antes de ele recuar.

Se aquele evento havia sido orquestrado por Ginger a fim de conhecer Gabrielle, todos eles haviam ido até lá para inspecioná-la. Não era de admirar que Hank estabelecesse limites tão rígidos.

Ela olhou para ele bem na hora em que o seu meio-irmão se inclinou na direção dele, mantendo o braço em torno de sua esposa.

– Eles não lhe disseram que toda a família havia sido convidada? Todos ficarão em outra casa que eles alugaram a duas ruas daqui.

– *Você* me sonegou essa informação – resmungou Hank enquanto sua madrasta elogiava o vestido de uma das mulheres –, nem se dê ao trabalho de colocar a culpa na sua esposa. Se eu soubesse o que estava por vir, não teria me submetido a participar desse zoológico.

– E você ainda se pergunta por que ninguém lhe conta as coisas. – A esposa de Jonah riu ao lado dele. – Neste caso, porém, posso dizer honestamente que achei que você já sabia. Talvez Ginger tenha achado que o general lhe contou e vice-versa.

– Ora, isso tudo não passou de uma armação.

Gabrielle agarrou o braço dele com mais força.

– Com que propósito?

O olhar defendido de Hank cruzou o dela.

– Para que você pudesse ver o que a esperava ao se envolver com essa família.

– Isso parece um pouco extremo.

Ela olhou ao longo da mesa, sentindo suas orelhas arderem como se todos estivessem falando a seu respeito.

Jonah deu de ombros.

– Extremo? Talvez. Mas aprendi a seguir a correnteza.

Gabrielle conseguiu se sair relativamente bem, respondendo a todas as perguntas que lhe foram feitas. Aquelas pessoas lhe pareceram maravilhosas, pessoas que em outra situação ela teria gostado muito de conhecer, mas se permitir estabelecer qualquer tipo de vínculo com alguma delas só iria piorar ainda mais seu sofrimento.

Ela mal tocou nos *tapas*, nem no delicioso cabernet que foi servido com eles. Só conseguia pensar em Hank e em sua proposta. E no quão

diferentemente aquela proposta poderia ter soado dali a seis meses quando ambos já tivessem conseguido estabelecer alguma distância do remanejamento, do susto com a saúde de seu filho e da morte de Kevin.

Na hora da sobremesa, ela já estava prestes a ter um colapso de tanto conter seus sentimentos por medo de o fotógrafo capturar uma expressão reveladora quando ela olhasse para Hank.

O som da campainha interveio no misto de música clássica, o bater das louças e as risadas. Um dos três empregados de plantão se afastou do aparador e foi atender a porta. O rosto de Ginger se crispou de preocupação, embora ninguém pudesse ter passado pelos seguranças sem se identificar.

Algumas vozes suaves adentraram a sala de jantar.

Vozes conhecidas.

Gabrielle olhou atônita para Ginger.

– Você também convidou os meus pais?

Ginger arregalou os olhos, surpresa.

– Seus pais?

Sua expressão logo se suavizou e ela lançou um olhar na direção do fotógrafo ao se levantar.

– Mas que grata surpresa.

Jonah levou o guardanapo aos lábios e disse pelo canto da boca.

– Vamos precisar de uma casa maior.

– Gabrielle? – A voz de sua mãe ficou mais alta e mais próxima, seu sotaque alemão um pouco atenuado, depois de tantos anos vivendo ao redor do mundo. – Onde está meu neto?

Todos puxaram as cadeiras. O general se voltou na direção do fotógrafo e bloqueou a sua visão. Os pais dela estavam na entrada em forma de arco, entre o foyer e a sala de jantar. Sua mãe parecia exausta devido à longa viagem.

Ginger se postou ao lado deles.

– Sargento e sra. Ballard... Christine e Edward... – É claro que a madrasta bem informada de Hank já sabia o nome de seus pais. – Sejam bem-vindos!

Gabrielle deu a volta na mesa e foi cumprimentar os pais, plenamente ciente da presença silenciosa de Hank logo atrás. Não que ela esperasse outra

coisa dele. Hank podia estar zangado e até mesmo frustrado, mas sempre agiria honradamente.

Ele jamais a constrangeria diante de sua família ou da dela.

Ela abraçou o pai, e então a mãe. A familiaridade dos braços dela e de sua colônia de gardênia a confortaram, apesar de toda a tensão que ameaçava derrubá-la.

Ela tomou as mãos de sua mãe nas suas e sussurrou:

– O que vocês estão fazendo aqui?

– Sinto muito por interromper seu grande evento – disse a mãe dela, olhando desaprovadamente para o vestido e as joias que ela estava usando. – Não sabia que haveria tantas pessoas aqui...

Hank estendeu a mão.

– Sra. Ballard, Sargento Ballard, sou Hank Renshaw. É um prazer recebê-los aqui. Vamos conversar um pouco na biblioteca enquanto os empregados colocam mais dois lugares à mesa para vocês.

E enquanto a madrasta de Hank, provavelmente mandava o fotógrafo embora.

A esposa de Jonah estendeu a mão na direção de Gabrielle enquanto as outras esposas se fechavam num semicírculo, criando um muro de privacidade entre ela e as lentes. A família se moveu em aparente sincronia, provavelmente devido à larga experiência em lidar com a mídia.

Hank conduziu os pais dela até a biblioteca a fim de garantir sua privacidade, já que o cômodo sombrio não havia sido selecionado para a sessão de fotos.

A expressão estampada no rosto de sua mãe se suavizou um pouco e ela agarrou as mãos da filha.

– Viemos ver como você está e ajudá-la, embora você pareça contar com muita ajuda. – Os olhos dela correram diversas vezes na direção de Hank, repletos de curiosidade. – Você me disse que estava contando com a ajuda de Hank, mas sei que a ajuda de um homem nos cuidados com um bebê não é a mesma coisa que a ajuda de uma mulher.

Gabrielle se lembrou de Hank adormecido com Max sobre o seu peito e quase desatou a chorar, o que seria a *pior* coisa a fazer junto a seus pais.

Ela, porém, sentia como se tivesse apenas 5 anos, e não havia nada que ela quisesse mais do que desabafar com a sua mãe e tomar um chocolate quente.

O que será que Hank estava dizendo ao pai do outro lado do recinto?

A mãe dela passou o braço em torno de seus ombros.

– Estamos hospedados numa adorável pousada, junto à estrada. Podíamos ter vindo antes, mas tivemos que esperar até que os turistas que vieram para o *Mardi Gras* deixassem a cidade. Temos bastante espaço por lá e, caso você precise de algum lugar para ficar enquanto consertam seu apartamento, pode ficar lá, também. Não sabíamos exatamente qual era seu acordo com o esse amigo tão gentil.

Porque Gabrielle não havia lhe contado. Ela havia se fechado para os pais, ainda mais intensamente do que antes, nos últimos dez meses, temendo seu julgamento, medo de voltar a ser criança perto deles e deixar a mãe assumir o controle da situação.

Mas ela não poderia continuar ali depois da briga com Hank.

Eles eram seus pais. Seu coração estava partido, e ela precisava de um lugar para passar a noite. Ela não ia fugir de Hank, só queria clarear os seus pensamentos, coisa que não conseguiria fazer diante de um público de quase vinte parentes.

Além do mais, ela devia aquilo a seus pais. Eles haviam vindo de muito longe para ver a filha e o querido neto.

– Max e eu adorariamos passar algum tempo com você e papai – disse ela.

– Dê-me dez minutos para trocar de roupa e colocar algumas coisas em uma mala.

– NÃO ACHA que é um pouco cedo para ingerir álcool?

Parado no pátio coberto, Hank ignorou o seu pai e virou a cerveja importada. Seu pai sempre mantinha boas bebidas à mão e ele estava precisando de uma.

Gabrielle havia partido com os pais, na noite anterior, levando o filho, detendo-se apenas para abraçar a mãe dele. Ter pegado Max no colo por míseros dez segundos a fim de se despedir dele quase havia arrancado seu

coração já bem machucado. Ele pensou ter ouvido Gabrielle murmurar um agradecimento antes de sair de sua vida. O que ele deveria fazer?

A manhã não havia lhe trazido nenhuma resposta, de modo que ao meio-dia ele decidiu se afastar um pouco de seus familiares.

Ele olhou para o pai.

– Quer uma cerveja, mesmo assim?

– Claro – seu pai se sentou a seu lado e tirou uma garrafa do balde de gelo de cristal que Hank havia levado para fora –, mas só para você não beber sozinho.

– Muito gentil da sua parte.

– Considere-se um homem de sorte. Sou o único membro dessa família disposto a lidar com o seu mau humor.

Hank pousou a garrafa com controlada precisão, sentindo a raiva pulsar por todo o corpo.

– Com todo o respeito, eu não o chamei aqui, nem pedi a sua ajuda. Aliás, você só fez piorar as coisas.

Seu pai inclinou a cabeça para o lado.

– Como assim?

– Foi você quem me disse que ela precisava de mais tempo para elaborar a morte de seu noivo. Eu não acho que os Landis-Renshaw tenham lhe proporcionado isso, aparecendo aqui, de surpresa.

– Você a ama?

Hank estendeu a mão na direção de sua garrafa e tomou mais um gole.

O general se reclinou em sua cadeira, com um olhar astuto.

– Deve ter sido muito difícil para você gostar dela enquanto eles ainda namoravam.

– O que o faz pensar que eu já gostava dela desde então? – perguntou ele, evasivamente.

– Você só está de volta há duas semanas e não é o tipo de homem que se apaixona tão rápido.

– Você está enganado a esse respeito.

Ele havia se apaixonado por Gabrielle desde o primeiro momento em que a vira.

Seu pai arqueou uma sobrancelha e ergueu sua cerveja.

– Ah, verdade?

– Eu caí como um patinho nessa, não é?

– O fato de eu conhecê-lo ajuda um pouco.

Uma estranha e desconfortável suspeita passou por sua cabeça.

– Você já gostava de Ginger quando minha mãe ainda era viva?

– Ginger e eu éramos casados e apaixonados por nossos companheiros.

Depois ficamos muito ocupados criando nossos filhos. – O rosto dele se contorceu de... dor? – Posso lhe dizer honestamente que o sentimento que nos une hoje surgiu bem depois. Perdemos muitos anos evitando-o. É difícil para um homem como eu admitir que estava com medo, mas fui muito covarde. Tive medo de perder a mulher que eu amava, outra vez.

Ele olhou para o pai, grande, invencível e dono de três estrelas, com outros olhos.

– O que ajudou Ginger a superar o medo?

Será que a resposta serviria também para Gabrielle?

– Você terá que perguntar a ela.

– Verdade? – Ele balançou a cabeça. – Sinto muito, pai, mas esta conversa está muito estranha para mim.

Ginger havia feito parte de sua vida desde que ele se entendia por gente, mas ele não era exatamente habilidoso no trato familiar.

– Acredite ou não, ela já lidou com casos piores que o seu. Ela é muito boa diplomata.

– As coisas não são assim tão simples para mim.

– Mas poderiam ser.

– E quanto a Kevin? – Ele segurou a garrafa com mais força e olhou para o pai, sem se importar se estava deixando transparecer a sua dor. – Simplesmente mando às favas o fato de ter me aproximado dela antes de ele morrer?

– Isso deve ter abalado muito suas intenções honradas para com ela – disse o pai, sem julgá-lo.

– Demais.

Não conseguiria ficar com Gabrielle até que conseguisse superar aquilo, embora quisesse ser um marido para ela e um pai para Max. Podia compreender agora que tinha que se livrar daquela culpa primeiro, ou continuaria a sabotar seu relacionamento repetidas vezes.

Kevin poderia perdoá-lo mil vezes, que de nada adiantaria se ele não perdoasse a si mesmo. Ele podia ver agora que sua briga com Gabrielle não havia sido a respeito de onde ela iria morar ou qual deles estava no controle da situação, e sim porque a memória de Kevin continuava assombrando-o.

– Meu filho, já está na hora de você parar de se punir por ter sobrevivido e ele não.

– Falar é fácil – disse ele, contendo a vontade de gritar. – Vai ter que me desculpar por ser um pouco lento, mas como supõe que esta conversa possa me ajudar? Porque estou aqui, prestes a explodir e sem saída.

– Prestes a explodir? Isso é muito bom – disse o pai de Hank, dando um tapinha no ombro do filho. – Então está quase lá...

– Está feliz com isso?

O general nem piscou. Apenas olhou para Hank com seus olhos sábios e um rosto que estava começando a exibir as marcas de numerosas guerras.

– Nós passamos muito tempo nos preparando para a batalha, tentando acreditar que somos invencíveis para suportar toda uma série de coisas que somos convocados a fazer na linha de frente. É muito difícil mudar essa chave quando voltamos para casa.

Era verdade. Ele havia transformado os cuidados com Gabrielle em sua missão pessoal.

Hank se concentrou nas palavras de seu pai, à procura de algo em que se agarrar antes que a dor e a raiva o dominassem.

– Faz sentido.

– Para o inferno com o que faz sentido! – exclamou o pai. – Deixe de pensar tão logicamente, de sentir tanto medo. Você sofreu como um cão ao perder seu melhor amigo e se sente culpado por ter sobrevivido. Só há uma maneira de você conseguir superar isso e desfrutar das coisas boas que esperam por você.

– E qual seria essa maneira?

– Atire-se de peito aberto.

As palavras sábias de seu pai acabaram por destruir suas últimas reservas. Hank fechou os olhos com força ao sentir uma lágrima rolar por sua face. Seu pai pousou a mão em seu ombro, e Hank, finalmente, se permitiu chorar.

CAPÍTULO TREZE

O SILÊNCIO daquele dia parecia ensurdecedor depois da noite passada com a família de Hank.

Gabrielle se enroscou na pequena cama da pousada que seus pais haviam reservado no dia anterior.

Max estava dormindo. Seus pais haviam saído para dar uma volta, pouco antes do jantar. Surpreendentemente, sua mãe não a havia pressionado querendo detalhes.

Deixar a casa de Hank, no dia anterior havia sido um louco turbilhão. Leonie ficara confusa, mas ocupada, cuidando dos sobrinhos de Hank. Tudo o que Gabrielle havia querido era sair de lá antes que desatasse a chorar quando Hank pegou Max para se despedir.

Quanto mais tempo passava longe dele, mais difícil parecia encontrar um modo de se reconciliar com Hank.

Ela ouviu o clique da porta se abrindo. Seu pai, que raramente falava muito, foi até ela com uma caixinha branca em suas mãos e a pousou sobre a mesa, beijando o topo de sua cabeça.

– Amo você, Gabby – disse ele, apenas e se foi, como fazia quando ela era criança.

Ela sempre tivera certeza do amor de seu pai, mas sua presença havia sido rara. Ele passou pela mãe dela e se enfiou em outro cômodo.

– Importa-se se eu ficar um pouco aqui, com você? – perguntou ela. – Os bombons que seu pai comprou são divinos.

– Claro, mamãe. Sirva-se – disse ela, estendendo-lhe a caixa.

Christine se sentou em uma poltrona florida, pegou um bombom e o comeu bem devagar, olhando pela janela, enquanto o saboreava. Gabrielle ficou esperando o sermão, mas ele não veio.

– Pergunte logo, mamãe – disse ela quando não aguentou mais a pressão. Sua mãe olhou para ela interrogativamente, ajeitando o cabelo.

– Perguntar o quê?

– Sobre meu relacionamento com Hank. Você já chegou até aqui, agora diga o que quer.

– Só vim porque meu neto passou por uma cirurgia e isso foi o mais rápido que eu pude deixar suas irmãs menores. Vim também para conhecer esse novo homem em sua vida que, obviamente, é muito importante para você.

– Ele não está mais na minha vida.

Gabrielle olhou para a caixa de bombons, mas seu estômago doía tanto que ela não conseguiu comer nenhum.

– Pois eu tive a impressão, ontem à noite, que você era muito importante na vida dele e de toda a sua família.

Gabrielle abraçou os joelhos.

– Aquele jantar foi só uma encenação por conta de uma sessão de fotos para uma revista.

– Não estou falando do jantar, mas da expressão no rosto dele quando olha para você. Aquele homem a ama.

Aquelas palavras cortaram seu coração.

– Mãe, ele pode até gostar de mim, mas não temos nenhuma chance juntos. Seu sentimento de culpa por ter sobrevivido sempre fará com que ele me veja como a namorada de seu melhor amigo e não tenho como lutar contra isso.

– Você ainda se vê como a noiva de Kevin?

Aquilo a deteve.

– É claro que não. Sei que Kevin se foi e que fiquei indefesa.

– *Indefesa?* Que palavra estranha você escolheu. Por que se sente indefesa?

– Você só pode estar brincando. Como eu poderia sentir algo diferente disso?

– Você não poderia ter feito nada por Kevin. Você não é a Mulher Maravilha.

– Isso é muito engraçado, vindo de você, a própria Mulher Maravilha. Você faz tudo parecer muito fácil.

– Isso é uma tolice, minha querida. A vida não é nada fácil.

Sua mãe deixou a poltrona e se sentou ao lado de Gabrielle, na cama.

– Ser esposa de um militar e mãe é uma tarefa muito desafiadora.

Ela procurou o rosto da mãe em busca de alguma ironia, mas só encontrou uma profunda honestidade. A mãe realmente não via a si mesma como a grande conquistadora, como todas as pessoas achavam que ela era.

– Por que você não pediu ajuda?

– De que adiantaria reclamar? Minha família estava a milhas de distância, meu marido seria enviado para outro país e eu tinha cinco filhos para criar. Para falar a verdade, eu nem tinha tempo para reclamar.

Gabrielle compreendeu aquilo perfeitamente.

– Se tivesse podido contar com alguma ajuda, eu a teria aceitado de bom grado. Gostaria de ter tido tempo de ler mais para meus filhos, ou mesmo de ler um livro só para mim, mergulhada num banho de espuma.

O coração de Gabrielle doeu ao se lembrar de como Hank havia sido atencioso ao lhe proporcionar a realização daquele mesmo desejo.

Christine tomou as mãos de sua filha nas dela.

– Eu não conseguia dar conta de tudo, naquela época. Você é que não se lembra das refeições queimadas, nem das vezes que estraguei o carro por ter me esquecido de pegar seu irmão no jardim de infância, saindo em disparada, desesperada porque estava atrasada. Eu chorava muito nessas ocasiões. Quanto a esta história de Mulher Maravilha... não sou perfeita agora, apenas consegui lidar melhor com as coisas do que outrora.

Será que sua mãe estava certa? Teria ela simplesmente se esquecido dos dias mais atrapalhados?

– Acho que, se você aprendeu com o tempo, eu também posso, não é?

– Com certeza – disse Christine, acariciando o cabelo de Gabrielle como havia feito, milhares de vezes, sempre muito amorosa. – Sei que interfiro muito em sua vida...

Gabrielle sorriu e se apoiou em sua mãe, que passou o braço em torno dos ombros dela.

– Você ama esse homem?

Gabrielle não precisou pensar duas vezes.

– Sim, mamãe, amo Hank mais do que jamais amei alguém em toda a minha vida, com exceção do meu filho.

Pela primeira vez, ela não se sentiu culpada por admitir que seu sentimento por Hank era mais profundo do que aquele que havia nutrido por Kevin.

Ela o havia amado e feito tudo o que estava a seu alcance para ser uma boa noiva, mantendo aquele relacionamento por mais tempo do que deveria.

A mãe dela a abraçou com força.

– Então você não precisa ter todas as respostas agora. Ninguém vira a Mulher Maravilha do dia para a noite. Faça o melhor que puder e não desista que o restante se resolve sozinho se você estiver disposta a aprender.

O conselho de sua mãe fez tanto sentido para Gabrielle que ela não conseguia entender por que não havia compreendido aquilo antes. Ela não precisava saber exatamente o que fazer antes de dar o passo seguinte. Ela podia amar Hank e ficar com ele enquanto eles resolviam seus problemas juntos, pois ela queria, e muito, encontrar uma maneira de ficar com o homem que amava. Para sempre.

– Estou determinada a isso, mamãe.

– Então o que ainda está fazendo aqui? Vá agarrar seu homem. Seu pai e eu vamos adorar cuidar um pouco de nosso neto – disse a mãe dela, irradiando amor e aceitação. Um amor incondicional, como o que ela sentia por Max. Gabrielle envolveu a mãe em seus braços e a abraçou com força.

– *Danke, Mama* – disse ela, usando um modo mais íntimo de agradecimento na língua de sua mãe. – *Danke*.

Ela só esperava que não fosse tarde demais para reivindicar o amor de Hank que ela, tolamente, quase havia jogado fora.

DOIS JANTARES de família seguidos?

Hank teve a sensação de estar batendo seu recorde de proximidade familiar, mas seus parentes haviam vindo a Nova Orleans por causa *dele*, e ele não podia simplesmente colocá-los para fora, por isso se sentou à mesa com eles enquanto todos conversavam, uns com os outros.

Eles não estavam lá para se intrometer em sua vida apenas queriam fazer parte dela, vê-lo depois de seu remanejamento e demonstrar seu amor.

Depois da conversa que tivera com o pai, ele tinha que confessar que toda aquela conexão Renshaw-Landis estava começando a crescer dentro dele. Ele teria que ser muito cabeça dura para não reconhecer a bênção que era poder contar com todo aquele apoio, um cômodo repleto de pessoas dispostas a deixar tudo o que estavam fazendo de lado para vir vê-lo.

A refeição daquela noite era bem menos formal do que aquela montada para a sessão de fotos. Em vez de vestidos longos, uniformes e smokings, todos estavam usando jeans ou calças de brim. As crianças também haviam sido incluídas, sentadas à mesa em cadeiras mais altas.

Havia cerca de trinta pessoas reunidas ali, mas a ausência de Gabrielle e Max fazia com que Hank tivesse a sensação de que a mesa estava vazia.

Desde que conversara com seu pai, ele passara a quebrar a cabeça tentando encontrar uma maneira de reconquistá-la, sem deixar de lhe dar o tempo e o espaço de que ela precisava.

Foi então que a campainha tocou e Leonie correu para ver de quem se tratava.

Franzindo a testa, ele pousou o garfo sobre o seu prato. O general arqueou uma sobrancelha e dois de seus meios-irmãos se levantaram.

Seria bom a segurança passar a anunciar a chegada daqueles convidados inesperados. Quantos parentes eles ainda tinham?

– Hank?

Seus ouvidos deviam estar lhe pregando uma peça, criando a voz que ele mais queria ouvir.

E então, como que por milagre, ele viu Gabrielle na entrada de forma arqueada que dava para a sala de jantar. Seu coração parecia querer saltar pela boca. Ele afastou a cadeira e se levantou, ignorando os olhares de toda a

sua família voltados em sua direção. Tudo o que ele conseguia enxergar, no momento, era Gabrielle, com suas bochechas vermelhas e seu cabelo louro e sedoso solto.

Mas, acima de tudo, ele enxergou seu belo sorriso.

Hank foi tomado de alívio. Por qualquer que fosse o motivo, ela havia voltado para ele e não diria nem faria coisa alguma que a fizesse ir embora vez, por isso sorriu de volta para ela, mas esperou, deixando que ela conduzisse a situação.

Gabrielle adentrou no recinto, caminhando a passos largos com suas pernas sexy.

– Sinto muito por atrapalhar o jantar de todos. Importam-se se eu roubar Hank de vocês? Não sei se vou trazê-lo logo de volta. Na verdade, posso querer ficar com ele por muito, muito tempo.

Uma risada eclodiu na mesa, e ele não deixou de ouvir quando uma de suas irmãs gritou que Gabrielle podia ficar com ele para sempre.

A madrastra dele estendeu a mão na direção de Gabrielle.

– Estou muito feliz por você ter voltado.

Gabrielle sorriu amplamente.

– Eu também.

Mais do que pronto para ficar a sós com ela, Hank a enlaçou pela cintura e a seguiu até o foyer, antes de encará-la.

No início, não houve palavras. Ele apenas admirou a beleza do rosto dela com o qual ele tantas vezes havia sonhado quando estava no estrangeiro.

Ele engoliu em seco e segurou os ombros dela, sentindo necessidade de tocá-la.

– O que a trouxe aqui, esta noite?

Ela pousou as mãos no peito dele.

– Tenho uma surpresa para você.

– Sua chegada já foi uma surpresa enorme.

– Feche os olhos – disse ela com um brilho malicioso em seus olhos cor de esmeralda. – Confie em mim.

Ele confiava, de todo o coração.

Hank fechou os olhos, torcendo para que tudo acabasse bem. Sentiu, então um tecido sedoso ser passado pelos seus dedos, seu braço e então sobre os seus olhos. Ele se deu conta do que estava acontecendo quando Gabrielle amarrou a venda por trás de sua cabeça.

Hank agarrou o pulso de Gabrielle, acariciando seu pulso acelerado com o polegar.

– Suponho que seja mais seguro continuar vestido, por enquanto, já que toda a minha família está no cômodo ao lado.

– Você está tão seguro em minhas mãos quanto eu estou nas suas.

A voz dela era uma carícia para seus sentidos, suas palavras tão sedosas quanto o tecido que tocava a sua pele.

Enganchando o braço no dele, ela o conduziu até os fundos da casa e para fora. O ar frio da noite o envolveu enquanto ele esperava pelo movimento seguinte dela.

Gabrielle pousou a cabeça no ombro dele.

– Meu carro é bem menor que o seu, portanto tome cuidado com a cabeça quando entrar.

Quer dizer que eles iam sair. Interessante.

– Podemos ir no meu se você preferir. As chaves estão no meu bolso.

– Humm... Parece que você está me provocando.

A ponta dos dedos dela se enganchou no bolso da frente do jeans dele.

– Estou muito esperançoso, Gabrielle, mas não estou tomando nada como certo.

Ele poderia jurar que havia sentido os lábios dela roçarem o seu ombro, mas então sua mente se concentrou apenas nos dedos dela mergulhando em seu bolso para pegar as chaves com deliberada precisão. Ela se afastou lentamente, roçando os dedos sobre a ereção crescente dele.

Hank soltou um gemido grave.

– Espero que estejamos sozinhos aqui.

– O segurança está de costas para nós, olhando para a rua.

– Mal posso esperar para entrar no carro com você... só você.

– Tenha paciência, Hank. Prometo que vai valer a pena.

Ela o conduziu para dentro do seu SUV e em poucos segundos, eles estavam na estrada, ela atrás do volante e ele ainda vendado. Apesar de ser um aviador, até mesmo ele perdeu o senso de direção depois de alguns minutos de curvas e volteios em alta velocidade.

Ele resistiu à vontade de se agarrar no braço de seu assento.

– Você dirige como uma louca.

– Aprendi na *Autoban*.

– Como é que eu nunca soube disso?

– Temos muito o que aprender a respeito um do outro, e mal posso esperar por isso.

Gabrielle abriu a porta e ele o ouviu o som da água.

Lake Ponchartrain.

Aquilo fazia todo o sentido.

Eles haviam combinado de ir para lá depois da sessão de fotos, a fim de passar algum tempo juntos e investir em seu relacionamento.

A porta dele se abriu e ela tirou a venda dele. Gabrielle estava diante do lago contra o sol que se punha tingindo seu corpo com uma cor de tequila.

Ele se juntou a ela, tomando a mão dela na sua, num ajuste perfeito. A venda que ela havia usado – o cinto de cetim do robe dela – despontava de seu bolso numa explosão de cores se agitando ao sabor do vento. Eles caminharam durante pelo menos dez minutos, desfrutando do prazer de poder permanecer em silêncio ao lado um do outro.

À medida que o céu foi escurecendo e as luzes da cidade voltando à vida, os passos de Gabrielle desaceleraram e a atenção dela se voltou para um ponto específico no lago.

– Hank, meu amor por você é como este lago, poderoso e fluido, uma força natural que não posso mais negar. – Ela se deteve, encarando-o, com uma seriedade que ele jamais havia visto em seu rosto. – Quero ficar com você para sempre, aqui, em Bossier City, ou aonde quer que esse amor nos conduza.

Aquela declaração era mais do que ele poderia ter sonhado ser possível e quase fez com que ele se ajoelhasse. Ele a agarrou pelos ombros e colocou todo o seu ser no que vinha esperando lhe dizer há dois anos.

– Gabrielle, eu a amo desde o primeiro momento em que a vi, mas estou disposto a lhe dar o tempo de que você precisar, porque um dia ao seu lado é melhor do que toda uma vida sem você.

– Ah, meu Deus, Hank, eu quero tudo com você.

Ela tomou o rosto dele em suas mãos e o beijou, profundamente, com a promessa de mais.

– Eu o amo mais do que imaginei ser possível amar alguém. Não quero esperar. Quero ser feliz com você todos os dias, pelo restante de nossas vidas.

Ele a puxou para junto de si e deixou que o alívio percorresse todo o seu corpo até ter coragem de falar outra vez. Ele enterrou o rosto no cabelo dela.

– Se o meu trabalho na Força Aérea for algum impedimento para você, eu o deixarei. Conversei muito com o meu pai desde que você foi embora. Ele me ajudou a superar o que aconteceu por lá e está me ajudando a reavaliar as coisas. Agora sei o que é mais importante para mim.

– Hank – disse ela, arfante. – Não me ouviu dizer que eu o amava, independentemente do que pudesse acontecer? Você não tem que abrir mão de nada por minha causa.

– Espere. Deixe-me terminar. Meu trabalho realmente é muito importante para mim, mas você é mais e não estou disposto a perdê-la por causa disso. Tenho outras opções para me sustentar.

Ela o encarou com resolução.

– Eu o amo demais para lhe pedir que abra mão de uma coisa que faz parte de quem você é. Tudo o que lhe peço é que sejamos parceiros, que continuemos a fortalecer nosso relacionamento e que compremos uma casa definitiva quando você se aposentar.

Ela parecia estar sendo sincera, mas ele não ia arriscar seu futuro com ela, aceitando aquela oferta sem pensar direito.

– O que acha de tratarmos disso dia após dia? Se você mudar de ideia, diga-me. Posso ter seguido os passos de meu pai em muitas opções, mas não tenho pretensões de me tornar um general.

– Mas você poderia vir a ser um – insistiu ela, com uma fé em sua capacidade que o agradou muito.

– Tenho planos para um negócio que eu gostaria de abrir com o meu sócio nos jogos de computador. Eu estava pensando que Nova Orleans seria um bom lugar para a matriz. Se você concordar, eu gostaria muito de começar comprando aquela casa no Garden District que nós alugamos. Nós criaremos raízes aqui, quer eu permaneça na Força Aérea ou não.

O rosto dela se encheu de alegria e paz.

– Posso viver com esse plano, contanto que esteja morando com você.

– E quanto a nossas famílias controladoras? – disse ele, acariciando o pescoço dela, registrando o pulso acelerado e a pele sedosa. – O que acha de nós os convidarmos a participar de nossas vidas com mais frequência?

– Acho que temos muita sorte de eles existirem – disse ela, sem hesitação. – Além de serem pessoas muito interessantes, parecem mais do que dispostos a bancarem a babá para Max.

A imaginação dele foi longe ao pensar nos momentos em que poderia ficar a sós com ela, estendido em uma faixa de praia deserta, sob a luz da lua.

– Está me provocando?

Ela pegou a venda de seu bolso.

– Tenho alguns planos também se você estiver disposto.

Hank abriu os braços amplamente.

– Sou todo seu.

EPÍLOGO

Nova Orleans: Um ano depois

– *L*AISSEZ LES bons temps rouler! Que tenha início a diversão!

Os gritos ecoavam dentro e em torno de Gabrielle Ballard Renshaw, enquanto ela abria caminho pela multidão que festejava o *Mardi Gras*, até chegar à sua casa.

Ela estava louca para festejar, mas tinha que dar uma notícia a Hank, uma notícia muito pessoal. A busca por seu namorado, na verdade, seu marido, já há dois meses, estava iluminando a sua alma.

Sua excitação exalava por todos os poros, em meio a todas aquelas máscaras, colares e lampiões.

A banda entoou uma canção de Louis Armstrong em meio a uma verdadeira chuva de colares, dobrões e até mesmo balas em frente ao gramado da sua casa. Aquele não era o desfile oficial, mas a reunião de todos os membros de sua família, programada em conjunto com um empresário local.

Ela adorava aquela cidade que agora considerava sua base, um lugar para onde eles podiam retornar sempre que quisessem, independentemente de onde ele estivesse lotado.

O ano anterior havia sido de extrema felicidade, durante o qual e ela e Hank descobriram modos de entrelaçar suas vidas até ela se formar, no último Natal. Ela remexeu em seu anel com um solitário e na aliança

cravejada de diamantes, um modelo simples que eles haviam escolhido juntos. Suas habilidades de colecionar suvenires estavam sendo colocadas à prova com todas aquelas lembranças incríveis.

Eles haviam se casado logo depois dos feriados, numa cerimônia simples, apenas para as famílias de ambos, numa pequena capela. Hank havia usado seu uniforme formal e eles levaram Max consigo pelo corredor. Sua única extravagância havia sido dar um passeio com ele num B-52 ao sair da capela como marido e mulher.

Embora tivesse se mudado com Hank para Bossier City e ele tivesse permanecido na Força Aérea, ela havia insistido em manter seus contatos de negócios. Durante uma reunião de Natal com todos os seus parentes, Gabrielle se viu trocando ideias com o irmão mais velho de Hank, o advogado que supervisionava a Landis/Renshaw Foundation. Antes do fim da noite, eles já haviam amalhado algumas boas ideias para dar início a um programa de bolsa de estudos destinado a beneficiar os filhos de veteranos mortos na linha de frente que seria batizado com o nome de Kevin.

Aquela era uma boa maneira de ela e Hank traçarem um futuro juntos, honrando o nome de um homem querido que havia sido tão importante na vida de ambos. Eles também haviam aprendido a se aproximar mais de seus familiares enquanto construía a própria vida juntos.

Seus olhos encontraram seu filho querido e *saudável* brincando com os primos à sombra de um carvalho todo enfeitado com luzes pisca-pisca coloridas, sob os cuidados de Leonie que cuidava da casa de Garden District enquanto eles estavam fora, e de Max, durante suas visitas.

Gabrielle finalmente conseguiu passar por todos os membros de sua família e chegar até o marido. Hank a avistou e foi até ela, passando os braços em torno de sua cintura e puxando-a para junto de si.

– Olá, sra. Renshaw.

– Olá, Major – disse ela, brincando com os botões da camisa dele.

– O que foi que o médico disse? Acho melhor você falar logo porque estou arrasado por não ter podido ir com você.

Ela havia marcado uma consulta com seu antigo médico enquanto eles estavam na cidade para o *Mardi Gras*. Hank havia querido encontrá-la no

consultório, mas ela insistiu para que ele ficasse com a família.

Estava quase com medo de nutrir falsas esperanças e não queria fazer muito alarde quanto àquela consulta.

– Esta família tem mais coisas para comemorar esta noite do que esperávamos, porque estou na minha sétima semana de gravidez! Aconteceu na nossa lua de mel.

– E você está feliz?

– Estou em êxtase! E você? – perguntou ela, embora já pudesse ver a resposta naqueles olhos azuis elétricos iluminados.

Hank tomou o rosto dela em suas mãos grandes e ternas.

– Max vai adorar a sua irmãzinha.

– Pode ser um menino.

– Tenho certeza de que é uma menina – disse ele, sem hesitar.

– Você é muito turrão, sabia?

– Ainda bem que encontrei uma mulher suficientemente forte para passar a vida ao meu lado.

A vida deles juntos era melhor do que Gabrielle jamais havia sonhado, graças à ajuda de sua mãe que a havia feito compreender que ela não precisava ser a Mulher Maravilha. Fazer seu melhor e aceitar o melhor dos outros havia estreitado os laços de ambos com todos os membros das duas famílias.

– Vamos comemorar daqui a pouco? – sussurrou ela, junto à boca dele.

– Vamos comemorar agora – disse ele. – *Laissez les bons temps rouler*, meu amor. Que tenha início a diversão!



UM MUNDO À PARTE

MAISEY YATES

Conner Macafee estava acostumado com repórteres xeretando a vida de sua família. Seu tio-avô fora confidente de John F. Kennedy, e a própria família de Conner era considerada da realeza da política e dos negócios americanos. Claro, eles sempre tiveram mais do que suas cotas de escândalos, o que sempre garantiria o interesse da imprensa.

Mas Nichole Reynolds, a repórter social do jornal *America Today*, estava mergulhando nessa história de uma maneira totalmente nova. Ela entrara de penetra na festa de Quatro de Julho da família dele em Bridgehampton e estava se esforçando ao máximo para se misturar, mas até agora só conseguira mesmo se destacar. Ela tentara se enturmar fingindo estar enfasiada, assim com os dignitários e celebridades da festa. Mas Conner não pôde deixar de reparar nela deslumbrando-se com o modelo e jogador de polo Palmer Cassini mais de uma vez.

Conner estudara com Palmer e sabia que ele era um festeiro divertido e cativante. Ele era um atleta intenso, mas também um cara muito engraçado, e Conner considerava-o um de seus melhores amigos. Mas Palmer não estava tão interessado quanto a jornalista ruiva.

Ele sabia por que Nichole estava ali. Ele recusara inúmeros pedidos de entrevistas dela e dos chefes dela, e entendia que ela era amiga de Willow Stead, produtora do reality show *Sexy e Solteiros* que envolvia sua empresa, a Matchmakers, Inc. Com a exibição do programa, Nichole pretendia escrever uma série de artigos sobre o serviço de encontros fundado pela avó de

Conner. Mas ele nunca confiara em jornalistas, e nunca falava com eles. Era por isso que ele tinha um gerente de marketing para cuidar da sua publicidade e da imprensa.

– Quem é ela, Conner? – Perguntou sua mãe, Ruthann Macafee, aproximando-se dele.

– Quem? – perguntou ele, desviando o olhar de Nichole. Ele repetiu para si mesmo que seu único interesse era vigiar a repórter. E não aqueles cabelos ruivos exuberantes que caíam sobre os ombros dela em ondas, ou aquele impressionante vestido curto. Porém, ele sabia que estava mentindo para si mesmo. Ele a desejava e, se tivesse noção da quão poderosa aquela atração seria, já teria agendado uma entrevista com ela em seu escritório há muito tempo.

– A mulher que você não para de encarar. Eu não a reconheço, e suspeito que ela não frequente os nossos círculos. – A mãe dele tinha 65 anos, mas parecia ser pelo menos 15 anos mais jovem, graças a um estilo de vida ativo. Ela pertencia a uma liga de tênis e possuía uma organização de caridade. Ela nunca fora o tipo de mulher de ficar sentada em casa, e Conner a admirava por isso. Quando um acidente de avião tirara a vida do pai dele e revelara um segredo que teria destruído qualquer outra mulher, ela lidara com tudo à sua maneira discreta e forte.

– Nichole Reynolds, repórter. – informou Conner.

– Minha nossa. Imagino o que ela esteja fazendo aqui. – Ele percebeu um tom de medo na voz de sua mãe. Ela não gostava de jornalistas, e tinha bons motivos. Ele colocou um braço ao redor dos ombros dela em um abraço rápido.

– Ela quer me entrevistar por causa daquele reality show em que estou envolvido.

– Sério? E você vai aceitar? É tão embaraçoso falar da vida pessoal. – Conner sorriu diante da atitude da mãe. Dizer que ela era das antigas era um grande eufemismo.

– Estou ciente disso. – Disse ele, inclinando-se para dar um beijo na testa dela. – Acho melhor me livrar dela antes que ela arranje algum problema para nós.

– Boa ideia. – Quer que eu peça para Darren acompanhá-la até a saída? Aliás, como ela conseguiu entrar?

– O chefe da segurança não precisa ser incomodado com isso. – Disse Conner. Ele lidava com mulheres como Nichole desde os 14 anos. – Ela deve ter entrado como acompanhante.

– Ano que vem vou certificar-me de que os convites sejam mais bem controlados. – Disse a mãe dele. – Não quero pessoas desse tipo aqui.

– Que tipo de pessoas? – Perguntou sua irmã, Jane, juntando-se a eles.

Jane era uma mulher elegante e moderna que tinha seu próprio programa de culinária e estilo de vida na televisão. Ela não se intimidava com a mídia da forma como Conner e a mãe, principalmente por ter sido protegida das consequências da infidelidade do pai.

– Uma jornalista.



195 - TUDO POR UM BEIJO - KATHERINE GARBERA

A repórter Nichole Reynolds está ávida por um furo de reportagem e tentará convencer o bilionário Conner Macafee a revelar seus segredos... Porém ele sabe jogar e só irá contar tudo a ela sob os seus lençóis! Quanto Nichole arriscará por essa matéria?

196 - PROVA DE AMOR - MERLINE LOVELACE

Alex Dalton já saiu com muitas mulheres. Mas agora ele precisa de apenas uma: Julie Barlett. Um bebê fora deixado em sua porta, mas o exame de paternidade se prova inconclusivo. Agora Alex precisa do DNA de Julie para saber se o filho é dele ou de seu irmão gêmeo.

197 - CARTAS MARCADAS - KATHERINE GARBERA

A produtora Willow Stead irá trabalhar em um reality show ao lado de Jack, um homem que partiu seu coração na época do colégio e que agora a convida para um encontro! Não tarda para a paixão entre os dois pegar fogo nos bastidores! Mas será que Willow está blefando?

Últimos lançamentos

193 - PRONTOS PARA O SHOW - KATHERINE GARBERA

Russel aceitara participar de um reality show de relacionamentos. E quando ele e Gail Little estão na frente das câmeras, é impossível negar a química entre eles. Mas ela não deixará que o eterno playboy a transforme em mais um de seus brinquedinhos!

MODERN  SEXY

 Paixão

 Jessica

 Desejo

 *Linhas do Romance*



**PARA COMEMORAR OS 8 ANOS DA HARLEQUIN,
PREPARAMOS UMA SURPRESA PARA VOCÊ!**

eBook
AMAR OUTRA VEZ
Carol Marinelli

*É muito fácil e rápido! Em poucos cliques você terá
192 páginas de um emocionante romance Harlequin!*

*Digite o endereço abaixo em seu navegador
(Internet Explorer, FireFox, Google Chrome ou outros):
<http://www.harlequinbooks.com.br/promocaoebook/>
Insira o código de acesso para fazer o download do livro!
EBOOKHB*

Aproveite e dê para uma amiga este presente também!
**Basta indicar na página o email de contato que ela
receberá todas as instruções!**

Esta promoção é válida até 31/03/2014.

 **HARLEQUIN**[®]

www.harlequinbooks.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Mann, Catherine

M246i Intenções honradas [recurso eletrônico] / Catherine Mann; tradução Dinah Kleve. — Rio de Janeiro: HR, 2013.

Recurso digital (Desejo; 194)

Tradução de: Honorable Intentions

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-398-0797-0 (recurso eletrônico)

1. Romance americano 2. Livros eletrônicos. I. Kleve, Dinah. II. Título. III. Série.

13-
1924

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./S.à.r.l.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: HONORABLE INTENTIONS
Copyright © 2012 by Catherine Mann
Originalmente publicado em 2012 por Harlequin Desire

Projeto gráfico de capa:
Nucleo i designers associados

Arte-final de capa:
Isabelle Paiva

Arquivo ePub produzido pela Ranna Studio

Editora HR Ltda.
Rua Argentina, 171, 4º andar
São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ – 20921-380

Contato:
virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

Capa

Teaser

Querida leitora

Rosto

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Epílogo

Próximos lançamentos

Créditos